

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**O METADISCURSO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE
LINGUÍSTICA E LITERATURA**

Aline Cristina da Silva

Recife
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

O METADISCURSO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

Aline Cristina da Silva

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Letras como
requisito para a obtenção do título de
Mestre em Linguística.

Orientadora: Profª Dª Judith Chambliss Hoffnagel

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S586m Silva, Aline Cristina da
O metadiscorso em artigos científicos de linguística e literatura / Aline
Cristina da Silva. – Recife, 2014.
117 f.

Orientadora: Judith Chambliss Hoffnagel.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro
de Artes e Comunicação. Letras, 2017.

Inclui referências.

1. Escrita acadêmica. 2. Metadiscorso. 3. Artigo científico. I. Hoffnagel,
Judith Chambliss (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

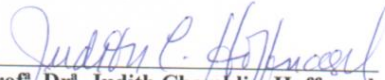
UFPE (CAC 2017-43)

ALINE CRISTINA DA SILVA


O Metadiscorso em Artigos Científicos em Linguística e Literatura

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística, em 28/5/2014.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:


Prof.^a Dr.^a Judith Chambliss Hoffnagel
Orientadora – LETRAS - UFPE


Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra
LETRAS - UFPE


Prof.^a Dr.^a Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo
LETRAS - UFCG

Recife – PE
2014

AGRADECIMENTOS

. A Deus, em primeiro lugar, a quem eu recorro em todos os momentos de minha vida, para pedir quando estou aflita e para agradecer por todas as graças alcançadas em minha vida.

. A Nossa Senhora da Conceição, minha mãezinha do céu, a quem sempre fui devota e peço intercessão em todas as horas difíceis.

. A minha família, que é a minha primeira base de sustentação, a quem eu devo toda a minha formação, pessoal e acadêmica. Minha mãe, sempre dedicada, nunca faltou a uma reunião escolar e acompanhou de perto minha jornada na época da faculdade, tanto na graduação quanto no mestrado, com uma preocupação e um cuidado sem igual. Meu pai, dedicado na mesma proporção, sempre desviando o caminho de casa ao sair do trabalho para ir me buscar nas aulas, o orgulho quando fala nos filhos é imenso. Meu irmão, mais que especial, sempre ao meu lado para apoiar e comemorar nas conquistas da vida, sem esquecer, é claro, das “brigas”, como é típico de todos os irmãos que se amam. Também não posso esquecer a meu primo (irmão) Rinaldo, mais conhecido como Preto, pelo apoio que tem me dado, principalmente, nos momentos mais corridos e difíceis.

. À professora Judith Hoffnagel, uma verdadeira mãe acadêmica. A quem sou e serei eternamente grata por todo o apoio dado desde o meu 2º período de letras, quando fui selecionada como sua bolsista de PIBIC. Com ela aprendi muitas das variadas facetas que envolvem à escrita acadêmica e, principalmente, tive um modelo de dedicação, competência, paciência e compreensão.

. Ao professor Benedito Bezerra, pelas leituras e discussões proporcionadas pela disciplina “Análise de Gêneros” e também pelas valiosas sugestões na Qualificação.

. Aos professores do PPGL – UFPE, especialmente às professoras, a Ângela Dionísio, Beth Marcuschi e Karina Falcone, das quais fui aluna. Agradeço pelas aulas maravilhosas e pelas contribuições dadas ao meu crescimento acadêmico.

. Aos colegas que cursaram as disciplinas junto comigo, pessoas companheiras e acolhedoras.

. Aos profissionais da coordenação do PPGL, especialmente a Jozaías e Diva, pela prontidão no atendimento.

. À CAPES pela concessão da bolsa, dando apoio financeiro para que eu pudesse me dedicar à pesquisa.

. A todos que torceram e torcem por mim.

RESUMO

Inserida na linha de estudos relacionados à Análise de gêneros esta investigação que trata do metadiscorso em artigos científicos de Linguística e Literatura é voltada para o estudo da escrita acadêmica em seus contextos textuais e sociais de uso. O objetivo geral desta pesquisa é descrever a escrita acadêmica das duas comunidades acadêmicas estudadas, destacando como os recursos metadiscursivos Interacionais e Interativos propostos por Hyland & Tse (2004) e Hyland (2005) envolvem e guiam, respectivamente, o leitor ao longo do texto. Nesse sentido, realizamos uma macroanálise, na qual observamos as organizações das unidades retóricas que compunham os artigos, e uma microanálise, momento em que investigamos a frequência de uso do Metadiscorso Interacional e Interativo de uma maneira geral e em cada unidade retórica identificada. O *corpus* de análise é formado por 30 artigos científicos, sendo 15 de uma área e 15 de outra. Os artigos foram extraídos de 6 revistas *online*, divididas entre essas áreas, atestadas pela avaliação *Qualis A1* e *A2* periódicos da Capes. Os dados revelam que, em relação à organização estrutural dos artigos, os profissionais de Linguística apresentaram uma tendência em dividir as unidades retóricas por tópicos enquanto os de Literatura, não. Ao observarmos a presença dos recursos metadiscursivos Interacionais foi possível perceber que os linguistas tendem a se auto promover através da utilização de um “eu” discursivo enquanto os profissionais de Literatura têm como foco principal o engajamento com seus leitores. Quanto ao uso dos recursos Interativos vimos que tanto os autores de Linguística quanto os de Literatura costumam priorizar a prática de citação. Assim, percebemos que ainda que o estudo da escrita tenha sido em um único gênero, o artigo científico, a organização retórica e a escolha pelo uso de recursos metadiscursivos mostram que as duas áreas têm modos marcadamente diferentes de comunicar conhecimento.

Palavras-chave: escrita acadêmica; metadiscorso; artigo científico

ABSTRACT

This study, which is situated within Genre Studies, investigates Metadiscourse in scientific articles in the fields of Linguistics and Literature and discusses academic writing in its social and textual contexts of use. The general objective of this research is to describe the scientific writing of the two academic communities, with emphasis on how the metadiscursive resources (interactional and interactive) proposed by Hyland & Tse (2004) e Hyland (2005) involve and guide, respectively, the reader throughout the text. To this end, we implement a macro analysis in which we observe the organization of the rhetorical units that compose the articles and a micro analysis of the use of metadiscursive resources in the texts as a whole and in the rhetorical units identified in the macro analysis. The *corpus* is composed of 30 scientific articles, 15 for each area. The articles are taken from six online journals with A1 or A2 ratings by CAPES' Qualis for periodicals. The results of the analysis reveal that with relation to the rhetorical organization of the articles, the professionals of Linguistics present a tendency towards dividing the rhetorical units by topics while those of Literature do not. By observing the presence of the interactional metadiscursive resources it was perceived that linguists tend towards self promotion through the use of a discursive "self", while the professionals of literature focused more on engaging their readers. With respect to the interactive metadiscursive resources, the authors/writers of both areas prioritize the practice of citation. Thus, even though this study of academic writing refers to a single genre, the scientific article, the rhetoric organization and the use of metadiscursive resources show that the two areas have markedly different ways of communicating knowledge.

Keywords: academic writing; metadiscourse; scientific article

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Recursos Metadiscursivos Interacionais em 15 artigos de Linguística (por 10.000 palavras).....	66
Tabela 2 – Recursos Metadiscursivos Interativos em 15 artigos de Linguística (por 10.000 palavras).....	73
Tabela 3 – Distribuição dos recursos Interacionais através das unidades retóricas em Linguística.....	78
Tabela 4 – Distribuição dos recursos Interativos através das unidades retóricas em Linguística.....	80
Tabela 5 – Recursos metadiscursivos Interacionais em 15 artigos de Literatura (por 10.000 palavras).....	86
Tabela 6 – Recursos Metadiscursivos Interativos em 15 artigos de Literatura (por 10.000 palavras).....	90
Tabela 7 - Distribuição dos recursos Interacionais através das unidades retóricas em Literatura.....	95
Tabela 8 – Distribuição dos recursos Interativos através das unidades retóricas em Literatura.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mudança nas características de Comunidade Discursiva.....	26
Quadro 2 – Um modelo de Metadiscurso em textos acadêmicos.....	55
Quadro 3 – Frequência das unidades retóricas encontradas nos artigos em Linguística.....	63
Quadro 4 – Frequência das unidades retóricas encontradas nos artigos em Literatura.....	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
Discurso e Gêneros textuais em contextos acadêmicos	17
1.1. Discurso na perspectiva dos Gêneros textuais	18
1.2. Análise de Gêneros: uma forma de investigação do discurso acadêmico	20
1.2.1 Comunidade discursiva e sua relação com o Metadiscurso	25
CAPÍTULO 2	
A Escrita Acadêmica	30
2.1. A escrita como prática mediadora de interação	31
2.2. A agência na escrita acadêmica	36
2.3. A escrita do gênero artigo científico: história, estruturas retóricas e a presença do metadiscurso	38
CAPÍTULO 3	
O estudo da escrita através do Metadiscurso	43
3.1. Metadiscurso: definições, funções e categorizações	44
3.2. Metadiscurso e a interação escritor-leitor	49
3.3. Os recursos metadiscursivos	51
3.4. Procedimentos metodológicos	56
CAPÍTULO 4	
A caracterização da comunidade acadêmica de Linguística: uma análise metadiscursiva de artigos científicos	61
4.1. Uma macroanálise dos artigos: como eles são estruturados	61
4.2. Uma microanálise dos artigos: a presença do Metadiscurso	64
4.2.1. Recursos Interacionais em 15 artigos	65
4.2.2. Recursos Interativos em 15 artigos	73
4.2.3. Distribuição do Metadiscurso através das unidades retóricas	77

CAPÍTULO 5

A caracterização da comunidade acadêmica de Literatura: uma análise metadiscursiva de artigos científicos.....	82
5.1. Uma macroanálise dos artigos em Literatura: como eles são estruturados.....	82
5.2. Uma microanálise dos artigos: a presença do Metadiscurso.....	85
5.2.1. Recursos Interacionais em 15 artigos.....	85
5.2.2. Recursos Interativos em 15 artigos.....	90
5.2.3. A distribuição do Metadiscurso nos artigos analisados.....	94

CAPÍTULO 6

Análise comparativa entre as comunidades acadêmicas de Linguística e Literatura.....	99
6.1. Estudo comparativo das unidades retóricas encontradas.....	99
6.2. Recursos Interacionais e Interativos: análise comparativa.....	102
6.2.1. Comparação entre cada recurso Interacional em ambas as áreas.....	103
6.2.2. Comparação entre cada recurso Interativo em ambas as áreas.....	105
6.2.3. Comparação entre os resultados totais: Interacionais e Interativos.....	108

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
----------------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA.....	113
--------------------------	------------

INTRODUÇÃO

Inserida na linha de estudos relacionados à Análise de gêneros, esta investigação que trata do metadiscorso em artigos científicos de Linguística e Literatura é voltada para o estudo da escrita acadêmica em seus contextos textuais e sociais de uso. A escrita aqui é vista como uma maneira de engajamento social, um modo de agir e interagir utilizado para a produção e circulação de uma quantidade cada vez mais crescente de gêneros no ambiente acadêmico. Nesse sentido, o Metadiscorso está intimamente relacionado às ações que nós, enquanto escritores, desempenhamos durante o processo de escrita, isto é, quando escrevemos diferentes estratégias são ativadas a fim de convencer nosso leitor, de fazê-lo concordar, “juntar-se” a nós à medida que vamos tecendo argumentos sobre algo e é a essas diferentes estratégias utilizadas que os estudos sobre Metadiscorso fazem referência.

Relacionamos o nosso estudo à Análise de gêneros, já que o foco dos estudos dessa linha é a descrição de textos em sua relação tanto com outros textos quanto com seus contextos de uso, sendo contra a qualquer tendência de tratar os textos isoladamente. Esse traço nos faz enxergar a característica social na produção e leitura de textos e, principalmente destaca uma visão da linguagem como sendo constituída nas realidades sociais, o que facilita a elaboração de descrições reveladoras de características não apenas dos textos analisados, mas das comunidades acadêmicas e profissionais que os utilizam (HYLAND 2009: 211).

Hyland (2009) destaca que as diversas pesquisas na área de Análise de gêneros se adéquam a diferentes linhas de pesquisa que variam conforme a ênfase dada tanto ao texto quanto ao contexto. Ele cita três principais: a Nova Retórica, que toma como foco os contextos retóricos que circundam os textos; a Linguística Sistêmico-Funcional, destacando o estudo de padrões através de recursos léxico-gramatical e retóricos como essenciais para a compreensão do gênero; e o Inglês para fins específicos (ESP), que vê os gêneros como uma classe de eventos comunicativos empregados por comunidades disciplinares específicas. Os estudos de Metadiscorso começaram a se desenvolver dentro do Inglês para fins específicos e por esse motivo dedicamos um momento no primeiro capítulo para uma breve discussão sobre esse âmbito de pesquisa.

Em meio à amplitude de gêneros que circulam no ambiente acadêmico, analisamos, nesta dissertação, o artigo de pesquisa, mais conhecido no Brasil como artigo científico ou artigo acadêmico. Podemos ver nesse gênero um ambiente fértil de produção, divulgação e troca de experiências entre os escritores de uma dada comunidade disciplinar, isto é, por meio dos artigos, profissionais apresentam suas pesquisas de teor teórico ou prático, fazendo-nos entender metodologias, normas e ideologias das comunidades acadêmicas nas quais estão inseridos.

Nos artigos serão buscadas pistas linguísticas e retóricas, vistas como indicadoras de características das comunidades que as usam. Tendo em vista que o estudo do metadiscurso está relacionado às estratégias linguísticas e retóricas presentes nas mais variadas manifestações da linguagem, nos diferentes modos de comunicar e nos mais diversos ambientes, interessa-nos aqui investigar como o uso desse fenômeno linguístico reflete posicionamentos e negociações entre membros das comunidades acadêmicas. Nessa perspectiva, ele é investigado nos mais diversos textos que circulam tanto no ambiente acadêmico como fora dele, sob um amplo leque de enfoques apresentados. Alguns deles são citados por Hyland (2005:5), como é o caso da conversação casual estudada por Schiffrrin (1980), livros didáticos escolares (Crismore, 1989), narrativas orais (Norrick, 2001), popularizações das ciências (Crismore and Farnsworth, 1990), livros didáticos de pós-graduação (Hyland, 2000), dissertações (Bunton, 1999; Hyland, 2004a; Swales, 1990), Origem das espécies de Darwin (Crismore and Farnsworth, 1989), slogans de publicidade (Fuertes-Olivera et al., 2001) e relatórios anuais de empresas (Hyland, 1998b). O eixo comum nos estudos que se dedicam à investigação do Metadiscurso no contexto acadêmico é que se trata de um fenômeno linguístico visto como estratégia de persuasão utilizada pelos profissionais das comunidades acadêmicas à medida que vão expondo e compartilhando conhecimento, desenvolvendo argumentos a fim de que eles sejam aceitos entre os colegas do meio acadêmico.

A proposta global aqui é descrever a escrita profissional acadêmica em dois campos específicos: o dos Linguistas e o dos profissionais de Literatura. Pretendemos investigar o espaço ocupado pelo metadiscurso no processo de construção e troca de conhecimentos entre esses profissionais. Como objetivos específicos dentro dessa proposta maior podemos destacar dois:

- 1- a observação da macro-organização dos artigos;
- 2- a observação da frequência e distribuição do metadiscurso na escrita desses acadêmicos.

Interessa sobremaneira observar como os recursos metadiscursivos funcionam no contexto em que aparecem como estratégias de argumentação, guiando, envolvendo e interagindo com o leitor. Para tanto, os principais nortes teóricos para a análise da escrita acadêmica através do metadiscurso são os trabalhos de Hyland e Tse (2004) e Hyland (2005). Nesses estudos os autores fazem uma reavaliação do conceito de metadiscurso e enfatizam o consistente teor interpessoal e retórico desse fenômeno da linguagem, mostrando como eles norteiam os rumos dados à argumentação desenvolvida pelo escritor para envolver e persuadir sua audiência.

Teoricamente, esta pesquisa dialoga com vários conceitos advindos de teorias de discurso, de gênero, de escrita, isto é, teorias sociais que lidam com o papel da linguagem na construção social da vida real e especificamente na construção de conhecimentos. Esses estudos são discutidos em suas relações com o metadiscurso. Dessa maneira, tópicos basilares para a compreensão e desenvolvimento deste trabalho antecedem a análise do *corpus*.

Primeiramente, no capítulo 1, serão apresentadas concepções acerca do discurso acadêmico, que é estudado na perspectiva dos gêneros textuais, da Análise de gêneros no ambiente específico da academia. E em seguida será dedicado um tópico que enfatiza a relação entre a comunidade discursiva e o Metadiscurso. Esse capítulo apresentará pontos teóricos basilares para a compreensão desta pesquisa. Tanto o discurso como os gêneros serão observados dentro de uma relação intrínseca com o contexto e os atores sociais que tornam ativa sua circulação. Ao tratar de discurso acadêmico, entendemos que é por meio dele que presenciamos a construção de papéis e relações sociais entre membros da academia. Já a análise de gêneros é vista por Hyland (2011) como a mais específica forma de análise do discurso. O conceito de comunidade discursiva é visto como essencial para a compreensão das características-chaves da escrita dos autores de nossos artigos em Linguística e Literatura, e assim, para uma maior afinidade com as propostas da Análise de gêneros.

Após tratar do discurso e dos gêneros no âmbito da academia, virá à tona, no capítulo 2, reflexões direcionadas aos gêneros escritos do discurso acadêmico, isto é, à Escrita Acadêmica, vista aqui como uma atividade social, como esclareci no primeiro parágrafo desta introdução. Será enfatizado o espaço criado pela escrita para que as comunidades de profissionais possam exercer a interação entre seus pares e também a agência na academia. Daí a necessidade de tratarmos de maneira mais detalhada do conceito de agência, ou seja, de discutirmos a maneira como os profissionais agem e interagem dentro de suas comunidades, utilizando-se de gêneros escritos e de estratégias no processo da escrita. Ao final do capítulo um tópico sobre o artigo científico, gênero que é objeto de estudo da presente pesquisa, será apresentado e nele abordaremos a história, as estruturas retóricas e a presença do metadiscurso nesse gênero.

No capítulo 3, serão discutidas as concepções acerca do metadiscurso, as definições e categorizações propostas e também as funções desempenhadas por esse fenômeno da linguagem. O metadiscurso nos serve como indicativo de comportamentos padrões de membros de comunidades disciplinares específicas a partir do que escrevem e de como escrevem sobre estudos realizados. Dessa maneira, é importante entendermos questões relacionadas aos princípios básicos que regem os estudos de Metadiscurso e a sua relação com os estudos de modalidade, já que muitos recursos de Metadiscurso são identificados através do uso de indicadores linguísticos que são modalizadores. Trataremos ainda de maneira mais detalhada da interação escritor-leitor durante o processo de argumentação a fim de atingir a persuasão, esclarecendo que a escolha por determinados recursos de metadiscurso antecipa a necessidade de audiências específicas. Assim como existem diferentes necessidades dos membros das comunidades acadêmicas, existem também distintos recursos metadiscursivos que revelam diferentes ações desempenhadas por eles. Sobre essas diferentes ações exercidas pelo metadiscurso traremos à tona o modelo proposto por Hyland & Tse (2004), que é detalhadamente discutido em Hyland (2005). São propostas duas categorias de metadiscurso, uma organizacional e a outra interacional, sendo nomeadas de categoria dos Interativos e Interacionais. Veremos também que cada uma dessas categorias dispõe de recursos indicadores de diferentes maneiras de agir discursivamente.

Ao final do capítulo 3 será dedicado um tópico que detalhará a metodologia utilizada para a realização deste estudo. Revelaremos o passo a passo seguido para a análise do metadiscorso em 30 artigos científicos das comunidades acadêmicas de Linguística e Literatura, sendo 15 de uma área e 15 de outra. Os artigos foram extraídos de 6 revistas *online*, divididas entre essas áreas, atestadas pela avaliação *Qualis A1* e *A2* periódicos da Capes. Dessa maneira, mostraremos como se deu o processo de coleta e análises das ocorrências de práticas Interativas e Interacionais nos artigos coletados.

Com a discussão dos pontos teóricos que servirão de base para a análise do *corpus*, chegaremos, nos capítulos 4 e 5, ao trabalho com nossos dados de Linguística e Literatura, respectivamente. Para fins de melhor esclarecimento de nossos dados separaremos em capítulos distintos os resultados e análises desenvolvidas em cada uma das comunidades acadêmicas estudadas. Ambos os capítulos seguem esquematização semelhante, porém com ênfase em áreas do saber distintas. Será realizada primeiramente uma macroanálise, através da qual buscamos entender como os profissionais agem em relação à organização das unidades retóricas de seus artigos. Após essa macroanálise teremos informações sobre os contextos linguísticos em que o Metadiscorso é utilizado pelos profissionais de cada área. Então, através de uma microanálise nossos dados relacionados à análise dos recursos metadiscursivos serão apresentados e discutidos, primeiramente em relação à categoria dos Interacionais e em seguida à dos Interativos. Trataremos ainda, ao final de cada capítulo, da distribuição dos recursos encontrados, isto é, da frequência com que eles se apresentam em cada unidade retórica identificada.

Teremos ainda um último capítulo de análises, o capítulo 6. Como são muitas as informações relacionadas aos dados analisados dedicaremos um capítulo para que possamos entender mais claramente as principais peculiaridades dos dois grupos de profissionais estudados. Faremos um estudo comparativo entre as duas categorias de recursos encontrados em ambas as áreas. Assim, as análises darão indícios para se observar como o conhecimento é construído, negociado e tornado persuasivo nessas duas áreas aparentemente parecidas, que propiciam interesse a um grande núcleo de estudiosos: os profissionais de letras.

Finalmente, ressalto que esta investigação questiona o trabalho que os recursos metadiscursivos fazem na escrita dos profissionais de Linguística e

Literatura e também indaga sobre a variação no uso e as consequências das escolhas feitas por esses escritores. Nossa hipótese é que a escolha por determinados recursos de metadiscorso indicaria a adesão do escritor à determinada comunidade disciplinar.

CAPÍTULO 1

Discurso e Gêneros textuais em contextos acadêmicos

Neste primeiro capítulo, dedicado ao estudo do discurso em ambiente acadêmico, discutimos o discurso acadêmico na perspectiva dos gêneros textuais no intuito de esclarecer um dos pilares teóricos de sustentação desta pesquisa. Trata-se da observação do discurso como manifestação da linguagem em um ambiente específico: a academia. Notamos também que essa manifestação linguística acontece por meio de diferentes gêneros textuais, próprios daquele domínio discursivo. É nessa perspectiva que muitos autores relacionam discurso acadêmico às investigações de análise de gêneros. Para tanto servirão como fundamentos teóricos as propostas de Hyland (2005; 2011) Bawarshi & Reiff (2013 [2010]), Bhatia (2005; 2009 [1997]) e Swales (1990; 2004).

Das obras e artigos de Hyland interessa-nos o estudo que ele desenvolve sobre discurso acadêmico, análise de gêneros, escrita acadêmica e, evidentemente, metadiscurso, visto como um fenômeno linguístico que contribui para o entendimento da relação escritor-leitor em gêneros e contextos específicos. Os autores Bawarshi & Reiff (2013 [2010]) trazem em um capítulo do livro “Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino” discussões sobre uma linha de estudos que se dedica à análise de gêneros: o inglês para fins específicos. O capítulo, que tem como título “Gênero nas tradições linguísticas: inglês para fins específicos” apresenta um panorama do estudo de gênero nessa linha, enfatizando os principais objetos de estudo e as metodologias seguidas. Esses pontos destacados convergem em muitos pontos com o que se propõe com este trabalho, tendo em vista que o estudo do metadiscurso surgiu inserido nessa linha.

Em relação a Bhatia, um renomado estudioso de gêneros, buscamos nele o alicerce para a compreensão do que propõe a Análise de gêneros e, principalmente, de três pontos fundamentais para a compreensão desse tipo de estudo: a *ênfase no conhecimento convencionalizado*, a *versatilidade da descrição dos gêneros* e a *tendência para a inovação*. Quanto a Swales, vemos que sua obra *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings* é um marco no desenvolvimento das pesquisas de inglês para fins específicos, e consequentemente, na análise de gêneros. Swales e Bhatia ainda apresentam dois pontos relevantes nas

investigações de análise de gêneros: comunidade discursiva e propósito comunicativo.

Assim, neste primeiro capítulo, busco esclarecer o que é de fato o discurso acadêmico e, principalmente, como ele se manifesta; além de aprofundar nas discussões sobre o caráter funcional dos gêneros textuais e sobre a análise de gêneros. Ao explorar a análise de gêneros destacarei a relação desse tipo de análise com o metadiscurso, ponto crucial deste trabalho.

1.1. Discurso na perspectiva dos Gêneros textuais

“Discurso acadêmico refere-se às formas de pensar e usar a linguagem que existe na academia” (HYLAND, 2011: 171). Essa é a definição primeira que Ken Hyland nos apresenta ao iniciar uma discussão acerca do discurso acadêmico. Tendo como principal foco de estudo o Discurso Acadêmico, mais precisamente o Discurso Acadêmico Escrito, as discussões deste tópico tomam como alicerce as noções do estudioso inglês. Ele afirma que tal discurso é responsável pela construção de papéis e relações sociais no ambiente acadêmico e ainda destaca:

Discurso está no centro do empreendimento acadêmico, é a maneira que as pessoas colaboram e competem umas com as outras, para criar conhecimento, para educar os neófitos, para revelar a aprendizagem e definir alianças acadêmicas. (Hyland, 2011: 171).

Na citação acima Hyland destaca as ações desempenhadas pelo discurso no ambiente acadêmico. Entendemos que trata-se do modo como os conhecimentos são construídos e compartilhados, inclusive entre os “neófitos”, isto é, os novos integrantes de uma dada comunidade da academia, que vão se integralizando em meio aos mais experientes. É interessante observarmos que o discurso nos fornece indícios para a observação da intencionalidade imbuída seja na escrita ou na fala. A organização discursiva é um dos indicadores do motivo da escolha – feita pelo escritor/falante – por determinadas formas estruturais ou itens linguísticos específicos. Hyland ainda ressalta a importância da publicação para os acadêmicos, já que estabelece oportunidade para a subida na escala profissional.

Hyland (2011) segue enfatizando a maneira como o Discurso Acadêmico é estudado. O autor nos diz que a análise do discurso compreende um conjunto de

métodos direcionados ao estudo da linguagem em ação, e no contexto acadêmico o foco recai sobre textos concretos. Esses textos concretos são materializações de gêneros como, por exemplo, artigos científicos, conferências e ensaios acadêmicos. Como analisar gêneros representa uma forma mais específica de estudar o discurso entendemos que um trabalho de análise de gênero é também um trabalho de análise do discurso; uma coisa está intrinsecamente relacionada à outra, ou melhor, elas se complementam. Em outras palavras, ao analisar o gênero artigo científico, por exemplo, entre os vários fatores que observamos está a construção do discurso daquele gênero; vemos como determinado discurso é moldado a fim de atender a objetivos específicos.

Sobre o processo de análise do discurso Hyland (2011:174) mostra seu posicionamento: “analistas procuram descobrir como as pessoas usam o discurso para terem suas ideias aceitas e como elas trabalham para construir conhecimento e sustentar as comunidades disciplinares”. O autor afirma ainda que uma das mais produtivas aplicações de análise do discurso em textos acadêmicos tem sido a de explorar as regularidades léxico-gramaticais de gêneros particulares para identificar sua identidade estrutural e as ações retóricas desenvolvidas pelos autores. Nesse sentido, tem destaque o trabalho de Swales (1990), com sua famosa análise dos movimentos retóricos que ocorrem nas introduções de artigos de pesquisas. Ele cria um modelo denominado modelo CARS e realiza análises de nível linguístico, textual e estrutural. Tanto os trabalhos de Swales como de outros estudiosos, como Ken Hyland, por exemplo, mostram que um ponto em comum relacionado aos textos acadêmicos é que eles carregam forte efeito persuasivo.

Em Bhatia (2004) vemos que o discurso acadêmico é explorado sob uma visão baseada no gênero. Ao deixar claro que vê o discurso como o uso da linguagem em contextos institucional, profissional ou social, o autor esclarece a que a análise do discurso faz referência:

Análise do discurso refere ao estudo do discurso escrito que ocorre naturalmente e focaliza em particular na análise além do nível da sentença. Como um termo geral, a análise do discurso pode portanto focalizar no léxico-gramatical e outras propriedades textuais, nas regularidades da organização do uso linguístico em contextos institucionais, profissionais ou organizacionais, ou na linguagem em uso em contextos sociais mais amplos, frequentemente destacando as relações sociais e identidades, as assimetrias do poder e as lutas sociais (p. 3).

Assim como Hyland (2011), Bhatia (2004) expõe as possibilidades de análise do discurso que, como vemos acima, parte da observação de determinadas regularidades da linguagem em uso a fim de destacar as relações sociais existentes. Esse estudo da descrição da linguagem em uso tem acontecido bastante como análise de gênero, que analisa o uso da linguagem acadêmica e profissional. No caso do presente trabalho realizamos nossas análises, buscando padrões existentes na escrita das comunidades disciplinares de Linguística e Literatura, tendo como ferramenta de análise o metadiscurso. A principal finalidade é ver como escritores e leitores dessas comunidades interagem entre si. O campo de análise é o gênero artigo científico.

1.2. Análise de Gêneros: uma forma de investigação do discurso acadêmico

Como vimos no tópico anterior, nossa visão de discurso é baseada em gêneros. O que nos faz sentir a necessidade de fazer uma explanação sobre a concepção de gênero aqui adotada antes de discorrermos sobre análise de gêneros. Compartilhamos da visão de gêneros que os trata acima de tudo como formas de vida e de agir socialmente.

Sabemos que muitas são as perspectivas que tomam como foco o estudo dos gêneros textuais. Neste trabalho as discussões têm como âncora estudos propostos por estudiosos como Carolyn Miller, Charles Bazerman, Luiz Antônio Marcuschi, John Swales e Vijay Bhatia. Eles demonstram bases comuns em relação ao assunto tratado, como a ênfase no caráter dinâmico e social dos gêneros, vendo-os como formas de vida, entidades dinâmicas, como veículo em que se realizam trocas de experiências entre os atores sociais. São vistos ainda como âmbitos nos quais os indivíduos agem e interagem entre si.

Miller (1984) trata os gêneros como “artefatos culturais”. Essa visão é partilhada pelos autores que formam o arcabouço teórico deste estudo, já que, como explica a autora, os gêneros são portadores de cultura, incorporando literalmente conhecimento relativo a tudo aquilo conhecido pela cultura humana. Nessa perspectiva, a autora ainda nos lembra que a definição para os gêneros textuais precisa focar-se não na substância ou na forma do discurso, mas na ação que é usada para sua realização. E é nesse sentido que dizemos que agimos no mundo por intermédio de uma infinidade de gêneros textuais. Marcuschi (2008: 154)

ressaltando a centralidade da noção de gênero “no trato sociointerativo da produção linguística”, afirma que “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. E, parafraseando Miller (1984), o linguista ainda esclarece que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (p.154). Esse esclarecimento remete a questão de que os gêneros não são formas estanques, mas sim plásticas e maleáveis que se adequam às diferentes situações sociais de acordo com seus objetivos. Eles vão se ajustando conforme o momento histórico, o espaço e, principalmente, as necessidades de seus usuários e uma observação que foca apenas em determinadas características ou traços textuais seria limitar algo que em sua real situação de uso é ilimitável. A esse respeito Bazerman (2005) nos informa que:

A definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos. Ignora as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo (p.31).

Dessa maneira, fica reforçada a ideia de que sendo os gêneros formas de vida e formas de agir sócio-culturalmente, as suas próprias formas e estruturas aparecem contextualizadas com a situação de uso. Porém, ainda que tenhamos a consciência da maleabilidade relacionada à noção de gênero, é imprescindível sabermos que não se trata de algo completamente livre e aleatório. Mascuschi (2008) traz à tona uma identificação de gênero, apresentada por Amy J. Devitt (1997). Trata-se de identificá-lo como nossa “linguagem estândar”, ou seja, “o que por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação” (2008: 156). Sobre essa característica de os gêneros apresentarem “pontos fixos” ou “pontos em comum” (para que sejam reconhecíveis como sendo de determinada categoria) e “pontos inovadores” ou “pontos diferenciados” (para que tenham suas peculiaridades, características próprias) trazemos à tona as discussões realizadas por Vijay Bhatia sobre o assunto.

Bhatia (2004) aponta para a análise de gêneros como um passo além nos estudos de gêneros textuais, que relaciona estruturas retóricas a propósitos comunicativos. As estruturas retóricas são tomadas como padrões sociocognitivos

usados pelos membros de comunidades profissionais para a produção e recepção de gêneros. Em outro momento, em um artigo denominado *A análise de gêneros hoje*, Bhatia (2009 [1997]) explica que a análise de gêneros corresponde à investigação do comportamento linguístico em meio a contextos acadêmicos ou profissionais, podendo ter diferenciados enfoques. Contudo, explica o estudioso, a análise de gêneros apresenta uma base comum quanto às ênfases dadas por cada “escola”, que está refletida em três pontos principais: *a ênfase no conhecimento convencionalizado, a versatilidade da descrição dos gêneros e a tendência para a inovação*.

Em relação ao primeiro ponto, a *ênfase no conhecimento convencionalizado*, o autor aponta três aspectos convencionais, que são: *a recorrência de situações retóricas, os propósitos comunicativos compartilhados e as regularidades de organização estrutural*. Para a identificação de situações retóricas típicas é interessante caracterizar o contexto sócio-retórico em que determinado evento comunicativo acontece, o que, como explica o autor, leva à identificação dos propósitos comunicativos compartilhados por uma dada comunidade acadêmica. Esses propósitos, por sua vez, dentro de um contexto retórico, influenciam a organização estrutural genérica, como é o caso das regularidades estruturais e organizacionais típicas identificadas através das formas linguísticas. Nesse sentido, o denominador comum entre esses aspectos destacados são os “aspectos convencionalizados, institucionalizados e permissíveis” (p.162). Fato também constatado por Swales (1990), quando enfatiza a importância desses aspectos institucionalizados para os gêneros textuais. Dessa maneira, o conhecimento convencionalizado que temos do gênero Artigo Científico nos permite realizar a investigação de um padrão em relação à escrita dos profissionais de Linguística e Literatura.

Quanto ao segundo ponto, a *Versatilidade dos gêneros*, Bhatia (2009 [1997]) o relaciona diretamente ao propósito comunicativo. Já que o gênero são identificados basicamente por seu (s) propósito (s) comunicativo (s), está diretamente relacionada a questão da versatilidade dos gêneros à versatilidade do próprio conceito de propósito comunicativo. Tal concepção também é compartilhada por Swales (1990), como veremos mais adiante.

O terceiro ponto apontado por Bhatia (2009), *a tendência para a inovação*, parece, aparentemente contraditório ao primeiro, *a ênfase no conhecimento*

convencionado, mas é só aparentemente. O que o autor quer dizer com isso é que se por um lado a integridade genérica ajuda os profissionais mais experientes no processo de identificação de determinado gênero, por outro há que se pensar que os gêneros são estruturas dinâmicas, que atendem a propósitos específicos, em situações retóricas específicas, apresentando uma tendência natural à inovação, que é explorada, principalmente por esses membros mais experientes de uma comunidade profissional. Segundo Berkenkotter e Huckin, 1995, p.6 (apud Bhatia, 2009, p. 168) os gêneros são vistos como “lugar de contenda entre a estabilidade e a mudança”. Por fim, ainda vale a pena destacar que esses três pontos-chaves observados nos estudos que compõem a análise de gêneros são comuns às diferentes linhas de estudos que a compõem.

Seguindo nossa abordagem sobre análise de gêneros, temos também o valioso posicionamento do estudioso Ken Hyland. Em seu artigo “Academic Discourse”, publicado em 2011, no qual aponta a análise de gêneros como uma maneira específica de se analisar o discurso. Nessa perspectiva, ele ressalta:

Análise de gêneros pode ser vista como uma forma mais específica da análise do discurso que foca sobre qualquer elemento do uso linguístico recorrente, incluindo gramática e léxico, que é relevante aos interesses do analista. Como um resultado, a análise de gêneros vê textos como representativos de práticas retóricas mais amplas e por isso tem o potencial de oferecer descrições e explicações tanto dos textos quanto das comunidades que os usam (Hyland, 2011: 174).

Esse posicionamento de Hyland acerca da análise de gêneros vê nos textos indicadores consistentes não apenas de suas próprias características, mas principalmente dos atores sociais que os usam, que os fazem circular, mais precisamente que os fazem “ganhar vida” dentro de seus domínios discursivos. A visão do estudioso corrobora a visão de texto como uma ocorrência comunicativa, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações comunicativas. Entre os autores que defendem esse ponto de vista está Marcuschi (2002; 2008) e Koch (2009).

Na relação Texto-Gênero vale a pena trazer à tona a “clássica” concepção de Marcuschi (2002) ao explicar as definições e funcionalidades dos gêneros textuais. Ele vê os gêneros como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos que acompanham o dinamismo sócio-cultural. Segundo o estudioso, “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum **gênero**, assim como é impossível se

comunicar verbalmente a não ser por algum **texto**. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é feita por algum **gênero textual**” (p. 22). Em Marcuschi (2008) o autor fala na análise de gêneros, afirmando que corresponde tanto a uma análise do texto e do discurso como uma descrição da língua e uma visão da sociedade.

Entre as linhas de estudo que atuam na perspectiva da Análise de gêneros, explorando-os como mecanismos pedagógicos e de pesquisa é a do inglês para fins específicos. Bawarshi & Reiff (2013 [2010]) explicam que, embora essa linha tenha surgido nos anos 1960, foi com a obra de Swales (1990), *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*, que ela adquiriu representatividade nos estudos de gênero. Nessa obra Swales toma como foco o inglês acadêmico e de pesquisa e utiliza a análise de gêneros para fins aplicados, fornecendo consistente fundamentação metodológica e inserindo a análise de gêneros no inglês para fins específicos. Sobre as abordagens do inglês para fins específicos Bawarshi & Reiff nos mostram uma explicação de Swales:

As abordagens em ESP remontam aos ‘estudos quantitativos das propriedades linguísticas (...) dos *registros* em uma língua’, com a finalidade de identificar a frequência de ocorrência de certos traços linguísticos de determinado registro e, finalmente, de colocar esses aspectos como foco de instrução linguística (Swales 1990:2 apud Bawarshi & Reiff 2013: 61).

Primeiramente faz-se necessário esclarecer que a metodologia usada nesta dissertação é diferenciada em relação à afirmação de Swales em relação ao ESP. Enquanto às investigações do inglês para fins específicos “remontam aos estudos quantitativos das propriedades linguísticas”, este trabalho faz um estudo qualitativo das propriedades linguísticas e movimentos retóricos das comunidades que os usam. No entanto, os principais eixos teóricos convergem, como é o caso do enfoque nas práticas específicas das comunidades que elaboram e que recebem o gênero. Este trabalho, portanto, trata da observação de um fenômeno da linguagem específico, realizado no gênero artigo científico: o metadiscurso. O foco é a investigação da frequência de ocorrência do metadiscurso a fim de verificar a existência de um possível padrão na escrita dos profissionais de Linguística e de Literatura. Sobre metadiscurso entendemos que seja uma manifestação linguística e retórica do autor no texto, a fim de dialogar com sua audiência. Essa noção será

melhor esclarecida no tópico abaixo, juntamente com o conceito de comunidade acadêmica

1.2.1. Comunidade discursiva e sua relação com o Metadiscurso

São basilares neste momento as discussões de dois autores que dedicam boa parte de seus estudos à análise de gêneros. São Bhatia (2004; 2009[1997]) e Swales (1990; 2004). Dessa maneira, atentemos para a seguinte noção de gênero tratada por Swales (1990: 58), que por sua vez, também é mencionada por Bhatia (2009: 171): “um gênero consiste em uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos”. Esses ditos membros formam o que conhecemos na Análise de gêneros como Comunidade Discursiva, que tem entre suas principais características, a de compartilhar objetivos em comum, já que pertencem a um mesmo campo amplo de estudo, a uma mesma grande área como Linguística ou Literatura.

Conforme Swales (1990) o conceito de comunidade discursiva está intimamente relacionado à visão social da escrita. Explica a existência de diferentes concepções acerca de comunidade discursiva, mas frisa um ponto em comum entre elas: a ênfase na questão de que comunidade envolve discurso e discurso envolve comunidade. Ele ainda nos esclarece a deficiência dos diferentes conceitos existentes, propondo até mesmo possíveis “reavaliações” da proposta que ele apresenta. Como ele próprio previu, existiram críticas. Essas críticas levaram o autor a reapresentar suas propostas com correções em momento posterior (SWALES 2009 [1992]: 206-207). Trata-se de seis características para identificar um grupo de indivíduos como uma comunidade discursiva apresentada por ele, primeiramente, em sua clássica obra *Genre Analysis* de 1990 e depois, em *Repensando gêneros: nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva*, de 1992. Vejamos o Quadro 1:

Quadro 1 – Mudança nas características de Comunidade Discursiva.

Nº	Características (1990)	Características reformuladas (1992)
1	Possui um conjunto de objetivos públicos comuns amplamente aceitos;	Possui um conjunto perceptível de objetivos. Esses objetivos podem ser formulados pública e explicitamente e também podem ser, no todo ou em parte, aceitos pelos membros; podem ser consensuais; ou podem ser distintos, mas relacionados (velha e nova guardas; pesquisadores e clínicos, como na recém-unida Associação Americana de Psicologia).
2	Possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros;	Possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros (não houve mudança neste ponto; sem mecanismos, não há comunidade).
3	Usa mecanismos de participação principalmente para prover informação e <i>feedback</i> ;	Usa mecanismos de participação para uma série de propósitos: para prover o incremento da informação e do <i>feedback</i> ; para canalizar a inovação; para manter os sistemas de crenças e de valores da comunidade; e para aumentar seu espaço profissional.
4	Utiliza e, portanto, possui um ou mais gêneros para a realização comunicativa de seus objetivos;	Utiliza uma seleção crescente de gêneros para alcançar seu conjunto de objetivos e para praticar seus mecanismos participativos. Eles frequentemente formam conjuntos ou séries (Bazerman).
5	Desenvolve um léxico específico;	Já adquiriu e ainda continua buscando uma terminologia específica.
6	Admite membros com um grau adequado de conhecimento relevante e perícia discursiva.	Possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela.

Fontes: Swales (1990) e Swales (1992), respectivamente.

O quadro acima nos esclarece os principais eixos defendidos pelo autor como sendo essenciais para a compreensão do funcionamento de uma comunidade discursiva, apresentando uma primeira versão mais utópica, como foi chamada em algumas críticas, isto é, mais rígida, mais “fechada”, digamos assim; e uma outra, na qual o próprio autor reconhece as lacunas existentes e propõe uma reformulação, esclarecendo que esta também está propícia a sofrer alterações. Nessa nova abordagem das seis características de uma comunidade discursiva, percebemos que o autor procura ser mais maleável na apresentação dos conceitos, tornando-os mais adaptáveis a diferentes situações, vividas por diferentes grupos, ou seja, mais maleável, mais “aberta”.

No que diz respeito à primeira característica, Swales foca nos objetivos. O fato de eles serem públicos passa a ser a maneira como eles **podem** ser formulados, e sua aceitabilidade não deve mais ser *amplamente aceita*, mas sim no todo ou na parte, tendo ainda a flexibilidade de serem consensuais ou distintos. A segunda, ele considera que foi suficiente e concordamos com sua afirmação de que “*sem mecanismos, não há comunidade*”. Ao tratar da terceira, o estudioso deixa em aberto variadas possibilidades ao focar na relação de que os mecanismos de participação são destinados a uma série de propósitos. Quanto à quarta característica, ao ressaltar *uma seleção crescente de gêneros* para que o(s) objetivos(s) seja(m) alcançado(s), ele mostra a possibilidade do trabalho com o “novo”, com a chegada de novos gêneros através da palavra “crescente”. Essa ênfase no “novo” ainda pode ser notada na quinta característica trazida pelo autor, que não fala mais em léxico e sim em terminologia, enfatizando que os membros de uma comunidade discursiva realiza uma busca contínua de léxico específico. Por fim, ao abordar a sexta característica, Swales traz à tona a inserção dos novos membros dentro de uma comunidade, evitando na reformulação, expressões formais como *grau adequado de conhecimento relevante e perícia discursiva* e dando ênfase à hierarquia nos processos de admissão e progressão.

Hyland (2005) enfatiza que o conceito de comunidade nos ajuda a explicar diferenças na escrita e na especificação de diferentes culturas, funcionando como um complemento na formação dos gêneros, isto é, cada um [a comunidade e o gênero] ajuda a formar e começa formado pelo outro, descrevendo juntos a maneira como os significados são construídos socialmente. Após apresentar visões de diferentes autores sobre o conceito de comunidade o autor esclarece sua opinião, afirmando: “Precisamos, é claro, entender as comunidades como instituições humanas dentro das quais as ações e percepções são influenciadas pelo pessoal e interpessoal, bem como pelo institucional e sociocultural” (p.140). Nesse sentido, entendemos que as comunidades apresentam tendências, antes de rigidez, servindo como um construto retórico. As ações das comunidades são observadas no momento em que há engajamento, interação. Assim, entendemos que o estudo da comunidade fornece bases consistentes para a investigação da escrita acadêmica, atuando com práticas específicas que são mostradas no discurso através da apresentação dos argumentos.

Ao relacionar os gêneros às comunidades Hyland (2005) nos diz que os gêneros são vistos como formas de agir socialmente a fim de realizar propósitos socialmente reconhecíveis e o sucesso de escritor depende de um contexto compartilhado. Para tanto o escritor adéqua seus argumentos às características das comunidades apropriadas. O estudioso segue destacando que as práticas disciplinares específicas são vistas mais claramente nos caminhos escolhidos pelos escritores ao utilizarem-se do metadiscurso para apresentar seus argumentos e envolver seus leitores. Nessa perspectiva vale a pena trazer a afirmação de Hyland sobre a relação entre comunidade discursiva e metadiscurso:

Desta forma a noção de comunidade discursiva fornece um meio para dar conta das pressuposições compartilhadas, e as estratégias metadiscursivas que podem evocá-las. Para compreender a pragmática do metadiscurso, então, ela tem que ser localizada nos gêneros e nas comunidades que confere a ela significado (HYLAND 2005: 142-143).

Sabemos que as comunidades da academia possuem práticas em comum e o metadiscurso é visto na escrita acadêmica como uma dessas práticas que compõem o processo de interagir, de comunicar. Os diferentes recursos metadiscursivos são marcados por itens lexicais que indicam variadas ações dentro dos contextos em que são utilizados. Beke (2005) explica que entre as funções da linguagem apresentadas por Halliday, a ideacional, a interpessoal e a textual, o estudo do metadiscurso corresponde às duas últimas, já que os recursos metadiscursivos são identificados por marcas textuais específicas, refletindo-se em estratégias interacionais que promovem a interação escritor-leitor. A autora nos apresenta duas perspectivas diferentes em relação ao metadiscurso: a de Fairclough, que vê o metadiscurso como recurso de poder e controle social e a de Connor, que vê no metadiscurso um guia, uma orientação para o leitor, mostrando seu posicionamento diante do argumento lançado. É sob a ótica dessa última perspectiva que investigamos os recursos metadiscursivos em nosso trabalho.

Hyland em diferentes trabalhos apresenta uma visão de metadiscurso que corrobora a de Connor, mencionada no parágrafo anterior, destacando seu caráter textual e interpessoal. Em Hyland (2005) o autor destaca o contexto de dependência de metadiscurso, sua relação com as normas e as expectativas de quem o utiliza em contextos específicos. “Esta especificidade contextual é particularmente evidente nas formas em que o metadiscurso é distribuído através de diferentes gêneros,

ajudando escritores e falantes a construir os contextos em que a língua é utilizada” (p.87).

Ao apresentar a relação metadiscurso e gênero, Hyland (2005: 89) destaca a presença do metadiscurso em meio aos estudos de gênero. Nessa perspectiva, o autor afirma que muitos estudos de gênero têm tomado como foco as estruturas retóricas típicas de gêneros específicos, descrevendo-as em termos de sequências, moves ou etapas regulares. Porém, recentemente, os estudiosos têm procurado mostrar como os gêneros se distinguem entre si por conjuntos de traços retóricos específicos. E um desses conjuntos é o metadiscurso.

O metadiscurso é assim uma dimensão chave da análise de gênero porque ajuda a mostrar como escolhas linguísticas podem refletir

os diferentes propósitos dos escritores, as diferentes assunções que façam sobre suas audiências e os diferentes tipos de interações que criam com seus leitores. O interesse em aspectos metadiscursivos de gênero tem sido encorajado por uma crescente curiosidade sobre as dimensões interpessoais da escrita acadêmica e profissional (p. 88-89).

Entendemos, assim, o metadiscurso como um fenômeno linguístico que auxilia no processo de interação entre o escritor e o leitor, revelando traços importantes da escrita de diferentes comunidades dentro da academia e deixando mais claro os diferentes propósitos dentro dos contextos em que são utilizados.

CAPÍTULO 2

A Escrita acadêmica

Neste segundo capítulo tratarei de questões relacionadas à escrita na academia, observando as ações retóricas imbuídas nos dizeres dos escritores. Com raras exceções, quando escrevemos não escrevemos para nós mesmos, mas para alguém, seja para um único indivíduo ou para um grupo deles. E, quando assim fazemos, estamos agindo sobre o outro, mostrando nosso ponto de vista em relação a algo e fazendo com que seja aceito. É nesse sentido que entendemos a íntima relação de uma visão de escrita como prática social e cultural com a noção de agência, relacionada à capacidade que nós seres humanos (atores sociais) temos de agir, de atuar na sociedade, revelando nossas crenças, posicionamentos e decisões através do que escrevemos e de como escrevemos. Com essa noção a linguística procura mostrar como a agência é apresentada e representada na linguagem.

Nesta dissertação, como já esclarecemos na introdução, o gênero artigo científico nos servirá de ambiente de estudo. Trata-se de um gênero que merece atenção especial por atender às principais necessidades dos profissionais inseridos no meio acadêmico, ou seja, é por meio dele, na maioria das vezes, que os acadêmicos tornam públicas suas ideias, seus estudos. Ele serve de veículo também para escritores neófitos ascenderem academicamente e profissionalmente dentro de suas comunidades disciplinares, já que publicando artigos eles são vistos (lidos) por outros de sua comunidade.

Como aporte teórico para nossas discussões sobre escrita acadêmica trarei, neste momento, autores como Hyland (2004; 2011); Bazerman (2005; 2006; 2007), Hoffnagel (2010) e Duranti (2004). Eles estudam as variadas facetas da escrita no meio acadêmico, como ela funciona como um poderoso veículo demonstrador da agência nos gêneros que circulam nesse ambiente. Assim, veremos primeiramente a escrita como prática de interação, depois discutiremos a relação entre agência e escrita, ou seja, como membros de uma comunidade discursiva utilizam-se da escrita para exercer a agência no meio acadêmico. Por último, veremos a manifestação da escrita em um gênero específico: o artigo científico. A análise da escrita em artigos científicos de Linguística e Literatura, que será exposta no

capítulo 4 é realizada através da análise de um traço específico da escrita acadêmica: o metadiscurso.

2.1. A escrita como prática mediadora de interação

Sabemos que agimos através da escrita movidos por variadas propostas, objetivos ou propósitos, sejam eles característicos de uma dada comunidade acadêmica ou particular de determinada pessoa, ou melhor, da junção dos dois: a comunidade acadêmica mais cada indivíduo que dela faz parte. Nesse sentido, é importante destacar que o sucesso da escrita acadêmica depende tanto de como é projetada individualmente pelo escritor como do contexto acadêmico ou profissional em que ela circula. O que observamos é a existência de um ponto em comum à escrita de diferentes comunidades dentro da academia: nos mais diversos gêneros acadêmicos o escritor utiliza-se de estratégias da linguagem a fim de promover a interação com sua audiência, isto é, faz uso de marcadores linguísticos em meio a seus discursos que engajam e envolvem os leitores. A respeito da interação social, Hyland (2004) apresenta seu posicionamento, enfatizando que:

estudar as interações sociais expressas através da escrita acadêmica nos permite não só ver como escritores de diferentes disciplinas produzem conhecimentos, mas também revela algo acerca dos comportamentos sociais sancionados, das crenças epistêmicas e das estruturas institucionais das comunidades acadêmicas (p. 1-2).

Como vemos na citação acima, o pesquisador esclarece o impacto de se estudar as interações sociais utilizando a escrita da academia como veículo para a observação de interações sociais. Esse processo vai além da maneira como o conhecimento é produzido; é preciso atentar para a influência de outros fatores, como a crença epistêmica, por exemplo. Em outro momento, Hyland, (2011), ao seguir com suas discussões sobre a escrita acadêmica, afirma que escrever é a maneira pela qual os estudantes tentam consolidar e demonstrar conhecimento dentro de suas áreas. Nesse sentido, pensemos na escrita como um veículo linguístico, no qual operadores argumentativos agem a todo o momento para que se produza um efeito de verdade, levando o escritor a imaginar o perfil de quem está lendo e a tomar o cuidado em criar estratégias.

Quando escrevemos refletimos sobre o efeito das palavras que utilizamos e assim, há diferentes modos de utilizá-las, de organizá-las, já que qualquer insucesso que venha ocorrer na comunicação oral pode ser rapidamente adaptado à situação, mas na escrita, sabemos que é irreversível. O que foi escrito e publicado não dá para ser alterado. Por exemplo, quando escrevemos um artigo científico e o publicamos, o que foi dito, as estratégias linguísticas que foram utilizadas não poderão mais ser modificadas, uma vez que chega ao conhecimento do seu público alvo.

Ainda em Hyland (2011:117), quando o autor trata de questões relacionadas ao estudo do discurso acadêmico, ele destaca quatro pontos que sintetizam as principais características de uma escrita acadêmica bem sucedida:

1. “que os gêneros acadêmicos são persuasivos e sistematicamente estruturados para assegurar o acordo dos leitores”;
2. “que estas formas de produzir acordo representam preferências disciplinares e retóricas específicas”;
3. “que grupos linguísticos têm diferentes maneiras de expressar ideias e estruturar seus argumentos”;
4. “que a persuasão acadêmica envolve tanto negociações interpessoais quanto ideias convincentes”.

No que diz respeito ao primeiro ponto, o autor destaca que “os textos acadêmicos são estruturados para efeito persuasivo” (p.177). Isto é, a primeira característica da escrita acadêmica remete ao fato de que os textos da academia visam persuadir uma audiência específica, já que a escrita é uma prática baseada em expectativas. Expectativas criadas pelo escritor, que serão responsáveis pelas escolhas linguísticas e retóricas da escrita de determinado gênero. Podemos afirmar que a grande finalidade de quem escreve textos acadêmicos é atender as expectativas do leitor. Em outras palavras, sabemos que as diversas comunidades que circundam o ambiente acadêmico possuem suas convenções, conhecidas entre seus membros e quando produzem algum trabalho relacionado a suas áreas de atuação o fazem com o objetivo primordial de convencer/persuadir seus pares da validade de seus argumentos. Como já têm o conhecimento das convenções das comunidades em que estão inseridos, esses escritores criam expectativas a respeito

do posicionamento de sua audiência, imaginando, dessa forma, o que pode agradar/convencer ou não. Assim, o escritor geralmente aproveita as convenções, partindo de práticas reconhecíveis em sua área, adicionando sua moldagem particular, suas características de escrita, seja linguística ou organizacional, a fim de inovar dentro de sua comunidade disciplinar e tornar seu argumento aceitável no domínio acadêmico.

No item de número 2, Hyland afirma que “textos acadêmicos representam modos de argumentos específicos das disciplinas” (p. 178). Com isso, o autor remete ao controle individual do escritor e das convenções epistêmicas das disciplinas no desenvolvimento de sua argumentação. Essa característica refere-se ao estudo das variações linguísticas através das disciplinas e às diferentes maneiras com que o conhecimento é compartilhado. A esse respeito Hyland relaciona a análise do discurso à análise textual, afirmando que “discurso acadêmico ajuda a dar identidade para a disciplina e análise de textos ajuda a revelar as diferentes maneiras com as quais as disciplinas têm feito questionamentos, abordado literatura, criticado ideias e apresentado argumentos” (p. 179). Como um ponto está relacionado a outro, vemos aqui a ênfase nas convenções específicas de cada comunidade acadêmica, que por sua vez se refletem em metodologias e práticas linguísticas diferenciadas ao longo do desenvolvimento de suas argumentações.

Na abordagem do terceiro ponto, o autor esclarece que “diferentes culturas têm diferentes esquemas linguísticos” (p.180). Essa característica reconhece os fatores culturais imbuídos na escrita como influenciadores da linguagem, da aprendizagem e da comunicação. Dessa maneira, entendemos que cada cultura tem suas peculiaridades relacionadas à comunicação de seus conhecimentos. Esses fatores culturais estão intimamente relacionados às comunidades de profissionais dentro da academia. Tais aspectos influenciam tanto a linguagem (o que escrevemos e como escrevemos) como a maneira como os membros das comunidades se comunicam entre seus pares, influenciando nossas ações em diferentes contextos comunicativos. Essa influência da cultura também está intimamente relacionada ao uso do metadiscurso, como enfatiza o próprio autor.

O quarto e último fator importante na escrita acadêmica é que “o argumento acadêmico envolve negociações interpessoais” (p. 181). Hyland mostra que a persuasão em muitos gêneros acadêmicos tem sido realizada não apenas através das maneiras como as ideias são apresentadas, mas também por uma “auto-

apropriação autoral e pela negociação da relação entre os participantes”. Assim, a escrita é vista como uma maneira de usar uma das modalidades da linguagem para reconhecer, construir e negociar relações sociais. Essas relações estão intimamente relacionadas mais uma vez às diversas comunidades que há dentro da academia, mais especificamente, com as relações entre os membros à medida que aprendem, divulgam e compartilham conhecimentos entre si, estabelecendo assim uma relação de cumplicidade dentro do campo de conhecimento que atuam.

Ainda sobre questões relacionadas à escrita acadêmica, trazemos o autor Charles Bazerman. Em um dos seus diversos trabalhos sobre o assunto, Bazerman (2009) destaca o lugar que a escrita acadêmica tem em meio às instituições e práticas de educação e de pesquisa, já que é através dela que alunos/pesquisadores são introduzidos ao conhecimento, aprendem a pensar conforme as convenções existentes em sua área. É também pela escrita que esses alunos são analisados pelos seus pares no campo em que atuam. O autor lembra ainda da existência de “níveis” dessa escrita acadêmica, que se adéqua aos estágios do estudante na universidade (graduação, pós-graduação), ou seja, na graduação o aluno se depara com o conhecimento já produzido, em livros didáticos ou obras de referência, enquanto que na pós-graduação é necessário que os estudantes façam novas contribuições, fazendo julgamentos avaliativos sobre o conhecimento já reunido. Assim, como enfatiza o autor, a escrita acadêmica torna-se mais consistente e moldada de acordo com o campo de conhecimento; é na fase da pós-graduação que os estudantes diminuem a escrita de gêneros relacionados a tarefas escolares e focam na escrita de gênero do âmbito profissional.

Ao discutir os mecanismos que entram em ação no “ato de escrever” Bazerman (2006: 59) afirma que os escritores:

têm que fazer uso de suas leituras, sua experiência empírica e sua interação com seus pares para poder usar o sistema simbólico existente, como o propósito de apontar para os fenômenos, antes não contemplados pelos símbolos, mas reproduzíveis, reconhecíveis e persuasivos aos seus pares (BAZERMAN, 2006: 59).

Com essa afirmação percebemos que o autor põe em evidência a existência de fatores que extrapolam nosso sistema simbólico. São estratégias utilizadas pelo escritor no momento em que escreve, como as leituras realizadas e a experiência que possui no meio em que atua, entre seus pares. Isso envolve a relação entre a

adaptação das palavras lançadas e os propósitos desejados pelo escritor, que vai estrategicamente persuadindo seus leitores (na maioria das vezes, membros de uma mesma comunidade discursiva). Ao abordar a escrita científica em um trabalho posterior, o estudioso reconhece que “a habilidade na escrita científica, como na maioria das artes humanas, está em saber o que se está fazendo e em fazer escolhas inteligentes” (2006: 63). Mais uma vez vemos a ênfase nas estratégias a serem utilizadas no momento da escrita. Bazerman segue fazendo uma abordagem de escrita científica, comparando-a com a tradição retórica. Esta tradição, segundo ele, via como preocupação única do escritor científico o cuidado com os erros de linguagem, a propriedade e a clareza. Assim, o autor ressalta o ponto em que sua concepção diverge dessa tradição:

apenas no reconhecimento explícito de que a linguagem científica é de nossa fabricação e é usada apenas em contextos sociais humanos; portanto é uma questão para o nosso controle consciente. E os níveis do nosso controle consciente podem se estender tão profundamente quanto podemos compreender o processo comunicativo (2006: 64).

A citação explica a escrita científica como uma prática social contextualizada, controlada por escritores para que haja o sucesso no processo comunicativo. Outra estudiosa da escrita acadêmica é Hoffnagel. Em Hoffnagel (2010) a autora desenvolve pesquisas que dão ênfase à escrita como uma atividade social e investiga o papel crucial dos gêneros escritos no alcance do êxito profissional. Em um dos artigos a autora faz um levantamento entre pós-graduandos em Linguística e Antropologia para saber o que eles pensam a respeito da escrita. Entre as respostas obtidas, estava a visão da escrita como ferramenta para elaborar trabalhos escritos a serem apresentados em congressos, para a aprovação nas disciplinas e, conseqüentemente, para obter a titulação. Foi mencionado também que através da escrita obtemos mais conhecimento. Segundo um dos informantes, por ela ainda podemos divulgar e compartilhar os conhecimentos adquiridos, realizando diálogos com os “pares da área”. Como complemento a essas respostas podemos ressaltar que a escrita serve de espaço para o desenvolvimento da agência no ambiente acadêmico. Assim, levantaremos a questão do desenvolvimento da agência através da escrita no tópico que segue.

2.2. A agência na escrita acadêmica

Como o conceito de agência não é unívoco, mas depende da perspectiva e do objetivo de quem o aborda, faz-se necessário maiores esclarecimentos a esse respeito e é neste tópico que nos dedicamos às discussões que enfatizam a íntima relação entre visão de agência e a visão social da escrita, ou seja, a escrita é concebida como um amplo espaço para o desenvolvimento da agência na academia.

Hoffnagel (2010) ao fazer explanações sobre o assunto destaca a complexidade que envolve o conceito de agência, que à primeira vista parece simples. Ela mostra as vertentes dos estudos de agência, destacando que em alguns estudos a ênfase recai sobre estudos que têm agência como a autonomia do indivíduo, já em outros o conceito de agência é atribuído apenas a discursos ou forças sociais. No entanto, mostra que independente de como a agência é estudada, uma coisa é certa: quando os linguistas veem a linguagem como forma de ação social é preciso que se desenvolva uma compreensão de agência. Segundo a estudiosa Laura Ahearn (2001, apud Hoffnagel, 2010: 286) ainda que haja variação quanto ao que se entende por agência, o termo vem se tornando cada vez mais comum nas ciências humanas. Ela justifica a necessidade de se estudar agência, destacando a emergência de teorias que enfatizam a prática e os movimentos sociais dos anos 60 e 70, além das revoltas sociais na Europa central e oriental nos anos 80 e 90 que levaram estudiosos a repensar as concepções sobre o conceito.

No que concerne à noção de agência por nós aqui defendida, compartilhamos da compreensão de Duranti (2004). O autor entende que seja a capacidade humana de agir, entendida como a propriedade daqueles que têm algum grau de controle sobre seu próprio comportamento, cujas ações no mundo afetam outras entidades, e cujas ações são objeto de avaliação (p.453). Ao dizer que “ações no mundo afetam outras entidades” o autor faz referência às consequências que as ações dos agentes têm para si ou para outros. Quanto às ações serem “objeto de avaliação”, o estudioso informa que pode haver avaliação em relação ao acúmulo de conhecimento, às fontes de conhecimento e à exibição artística do conhecimento; e destaca que as três têm em comum o fato de enxergar o envolvimento entre as entidades agentes e o público, que pode ser real ou imaginário) (DURANTI, 2004: 454).

Sobre essa noção de agência Bazerman (2006: 11), ressalta que “a escrita é imbuída de agência”. E, tratando da escrita no ambiente profissional afirma:

Cada vez que uma pessoa escreve para realizar um trabalho profissional, seja como jornalista, advogado, professor ou vendedor, ela está atuando como agente, ao ganhar a vida e ao fazer avançar positivamente o trabalho de sua profissão ou da organização da qual faz parte (BAZERMAN, 2006: 12).

A citação nos esclarece como “a escrita está imbuída de agência”, deixando-nos entender que o conceito de agência se dá no âmbito profissional, mais especificamente na atuação profissional, isto é, quando alguém age de acordo com as convenções da comunidade que faz parte, mostrando-se como um de seus membros. Nesse sentido, vemos ainda que a noção de agência está diretamente relacionada à função social da escrita, ou seja, a sua visão como uma prática ou atividade social e como modo de interação social. Esta pesquisa, por exemplo, estuda a escrita das comunidades profissionais de Linguística e Literatura, analisando as diferentes estratégias textuais e interacionais que ambas as áreas adotam, através de diferentes recursos metadiscursivos, no processo de construção e comunicação de conhecimentos. Nessa perspectiva, pensemos sobre a afirmação de Bazerman (2005: 142):

Cada pessoa que tem escrito competente para mais de uma área reconhece que é preciso escrever diferentemente para diferentes áreas, com diferentes estados mentais, diferentes motivos sociais, diferentes ferramentas simbólicas e a consciência dos diferentes interesses e conhecimentos das audiências.

Com essa afirmação fica ainda mais enfática a presença da agência na escrita profissional acadêmica. Ela destaca as peculiaridades existentes em cada área do saber ao afirmar que embora alguém disponha de habilidades para atuar em diferentes áreas de conhecimento, precisa agir diferentemente em cada uma delas, já que cada comunidade dispõe de suas normas, convenções e tendências próprias. Nesse sentido é que o escritor precisa adequar seus estados mentais, suas motivações sociais e as ferramentas utilizadas dentro do contexto em que está atuando (escrevendo) para ser reconhecido como um dos membros de uma ou mais comunidades acadêmicas. As discussões de Bazerman corroboram os pontos principais da escrita acadêmica propostos por Hyland (2011), mencionados

anteriormente, pois ambos destacam a relação escritor-leitor, as escolhas linguísticas e retóricas feitas por profissionais de diferentes áreas e o desenvolvimento da argumentação no discurso escrito, juntamente às negociações envolvidas nesse processo. Assim, eles entendem que escrever significa antecipar as necessidades dos leitores. Significa também agir e interagir dentro de uma dada comunidade disciplinar.

2.3. A escrita do gênero artigo científico: história, estruturas retóricas e a presença do metadiscurso

Sob a concepção da escrita como meio de interação, viemos discutindo até aqui as variadas estratégias, intencionalidades e finalidades de quem escreve. Em outras palavras, estamos tratando de como essa modalidade da língua nos oferece indícios dentro de um ambiente específico, o acadêmico, para assim entender as diferentes estratégias usadas pelos escritores para persuadir seus Leitores. O gênero artigo científico, um dos muitos que circulam na academia, é visto como um “ambiente” fértil de produção, divulgação e troca de experiências entre os escritores de uma dada comunidade disciplinar, como está destacado no começo deste capítulo. Nessa perspectiva, um fenômeno linguístico usado para identificar padrões de escrita desse gênero é o metadiscurso, principalmente, por causa de seu caráter interpessoal (interpessoal no sentido de promover a interação, a troca de informações falante/escritor e ouvinte/leitor). Esse teor interpessoal do metadiscurso corrobora a noção de escrita que aqui é defendida.

Para entender o gênero que é o foco desta dissertação, o artigo científico, vamos ver alguns pontos relacionados à história e, obviamente, à organização das estruturas linguísticas e retóricas desse gênero. Em relação ao surgimento do artigo científico Bazerman (2005), em um artigo que apresenta a carta como base social de diferentes gêneros, informa que o primeiro artigo científico é um dos gêneros entre os quais a carta desempenhou um importante papel. Segundo ele, o primeiro artigo científico surgiu a partir da correspondência de Henry Oldenburg, editor da primeira revista científica, a *Philosophic transactions of the Royal Society*, publicada em 1665. A revista se desenvolveu a partir da correspondência de cartas entre filósofos naturais, que tinham por objetivo trocar informações sobre suas pesquisas.

Oldenburg contribuiu com esse processo de circulação de informações e utilizou o material para a elaboração do periódico.

Nos primeiros números do periódico *Philosophic transactions of the Royal Society* eram publicadas as correspondências e reuniões da Royal Society em formato de resumo que transmitia aos leitores as descobertas feitas. Assim foi lançado na revista o artigo de Newton, *A new theory of light and colours*, que tinha o formato de uma carta e gerou bastante polêmica, gerando correspondências diretas entre Newton e seus leitores. As respostas de Newton, também em forma de cartas, fizeram parte das publicações na revista por cerca de uns cinco anos.

Ainda vale mencionar que primeiramente os periódicos científicos tinham como principal função a de resumir livros e fatos da cultura europeia. Assim, os livros foram sendo substituídos pelos artigos e no começo da década de 1850 esses artigos começam a fazer referência a trabalhos anteriores, o que conhecemos hoje como a fundamentação teórica apresentada nesses trabalhos (Souza, et al, 2004: 5). Por fim, Bazerman (2005: 96) ainda esclarece: “Levou mais de um século para que os artigos perdessem os vestígios do formato de carta e adotassem o tom e o foco argumentativos abstratos dos artigos científicos”.

Em relação às estruturas retóricas que compõem os artigos, sabemos que esse gênero acadêmico varia conforme as áreas de conhecimento, os assuntos de que tratam, os locais onde são publicados, entre outros fatores. Porém, ainda que adaptados a diferentes situações de uso, eles apresentam traços em comum que os distinguem como sendo do gênero artigo científico. Em sua obra *Genre Analysis*, Swales discute alguns aspectos relativos ao artigo científico, já que esse gênero é o foco de muitas de suas investigações em língua inglesa. O autor destaca a existência de variações condicionadas ao período de tempo em que o gênero circula. Por exemplo, o artigo científico publicado no século XVIII e o do século XX divergem em muitos aspectos. Segundo o autor, os primeiros apresentavam uma aproximação mais informal com a literatura anterior e a continuação de uma convenção epistolar de narrativas em primeira pessoa. Essas características têm se modificado ao longo do tempo até termos o artigo científico como hoje o conhecemos.

Em relação à visão contemporânea desse gênero, Swales afirma que um artigo científico deve estar diretamente relacionado a descobertas científicas, podendo tratar de questões teóricas ou metodológicas, cuja publicação se dá em

periódicos especializados. As estruturas retóricas do artigo científico são sintetizadas e apresentadas pelo autor, sob a sintética estrutura IMRD, apontada como um dos corolários de sua pesquisa. Esta estrutura consiste em uma divisão padronizada da superfície dos artigos, apresentada na forma de seções como introdução, metodologia, resultados e discussão. O estudioso ainda alerta sobre as variações das características retóricas conforme variam as seções, ou seja, segundo ele, as características retóricas da introdução são diferentes das presentes na seção de metodologia, por exemplo. No entanto, não devemos esquecer que as características de um artigo científico variam conforme diferentes fatores, conforme já esclarecido anteriormente, e um deles é a área disciplinar. Esse modelo IMRD, por exemplo, não é seguido à risca em todas as áreas. Ao contrário, ele passa por variadas adaptações e é mais frequentemente encontrado nas ciências exatas e da natureza.

Ken Hyland ao se referir à escrita acadêmica, destaca a persuasão como o grande interesse dos gêneros que circulam nesse ambiente. A fim de persuadir suas audiências, os escritores usam diferentes estratégias, entre as quais, a escolha das estruturas retóricas. Nesse sentido, ele afirma:

Escrita acadêmica é um domínio em que uma orientação para o leitor é crucial para garantir os objetivos retóricos. Embora muitas vezes considerado predominantemente proposicional e impessoal, o ato de convencer um público acadêmico da confiabilidade de seus próprios argumentos, significa fazer escolhas linguísticas de modo que essa audiência vai reconhecê-las como convencionalmente persuasivas. Os meios de "fazer persuasão", no entanto, diferem entre os gêneros (2005:89).

Ao tratar de persuasão na escrita acadêmica o estudioso ressalta a função que o metadiscurso exerce numa série de gêneros que circulam na academia. Especificando nossa discussão para o artigo científico – um dos gêneros estudados pelo autor – entendemos que esse gênero consiste em um campo de análise bastante produtivo, pois é através dele que muitos acadêmicos divulgam seus conhecimentos e tornam-se profissionais renomados de suas áreas, isto é, o artigo científico é “o local onde nomes são feitos, conhecimentos são autenticados, recompensas são alocadas e a autoridade disciplinar é exercida” (Hyland, 2005:90).

O artigo científico é essencialmente persuasivo à medida que é escrito para divulgar algo, seja novas teorias ou pesquisas práticas, e quem divulga algo trata de desenvolver argumentos para que sejam aceitos na comunidade em que o gênero

irá circular. É justamente quando falamos de desenvolvimento argumentativo que vale ressaltar a presença do metadiscurso como estratégia utilizada. A argumentação está sempre propícia a diferentes interpretações, muitas até diferentes daquela pensada pelo escritor. E, é nessa relação entre propostas de escritor e compreensões de leitor – um verdadeiro diálogo acadêmico – que vemos a vulnerabilidade dos argumentos. Nesse sentido, o metadiscurso, segundo Hyland (2005:90),

é uma indicação da resposta de um escritor à possibilidade de ter suas reivindicações negadas, uma intervenção para envolver o leitor e antecipar possíveis objeções ou dificuldades de interpretação. O seu papel no discurso acadêmico, portanto, para galvanizar o apoio, expressar a colegialidade, resolver as dificuldades e evitar a disputa.

O autor segue sua abordagem destacando o papel do metadiscurso em dois níveis do processo argumentativo. O primeiro está relacionado à organização dos argumentos, à adequação com as convenções disciplinares. Dessa maneira, os escritores têm de apresentar argumentos consistentes, compatíveis com a realidade e elaborados conforme as convenções epistêmicas de cada área disciplinar. E nesse processo o metadiscurso vai sinalizando as relações existentes entre as ideias projetadas e a ordem dos materiais proposicionais, de modo que convença a audiência. Esta é a função de metadiscurso interativo, que relaciona explicitamente proposições entre si e com outros textos, conduzindo o leitor através de um texto (Hyland, 2005:90-91).

Em um segundo nível do desenvolvimento argumentativo, temos a presença de um metadiscurso mais envolvente, mais diretamente relacionado ao diálogo escritor-leitor, também relacionado às condições de aceitabilidade dentro de uma comunidade disciplinar. Trata-se da categoria metadiscursiva de caráter interacional. Os recursos metadiscursivos Interacionais servem de estratégias de interação. Sobre eles Hyland (2005:91) explica que o escritor adota um “personagem” profissionalmente aceitável em sua área a fim de atender às necessidades de seus leitores e interagir com eles. Nessa relação o “escritor-personagem” busca o equilíbrio entre a autoridade de pesquisador e sua humildade como “servo” disciplinar e, utilizando esse metadiscurso Interacional apresenta uma competência interpessoal e profissional que influencia a força do argumento lançado.

No capítulo seguinte veremos discussões mais detalhadas sobre definições, categorizações e, principalmente, o estudo de cada recurso metadiscursivo, tanto Interativos como Interacionais no processo de interação escritor-leitor.

CAPÍTULO 3

O estudo da escrita através do Metadiscurso

Ao tratar da relação estabelecida entre escritor-leitor percebemos a existência de diferentes estratégias presentes na escrita, que os escritores utilizam a fim de desenvolver seus argumentos e defender seus pontos de vista. Essas estratégias variam através de gêneros distintos e de diferentes disciplinas no ambiente acadêmico e o metadiscurso é um dos fenômenos/acontecimentos da linguagem que indica posturas e atitudes tomadas pelos escritores para engajarem seus leitores. Nessa perspectiva, discutiremos, neste capítulo, questões que cercam o uso do metadiscurso no ambiente profissional acadêmico, mais especificamente, na modalidade escrita. O importante primeiramente é deixar claro que estudar metadiscurso não é estudar aspectos da gramática normativa de determinada língua, mas sim realizar um estudo da linguagem, de maneiras de comunicar, como nos mostram os trabalhos de Hyland & Tse (2004) e Hyland (2005), quando tratam da análise do uso dos recursos metadiscursivos na escrita acadêmica.

Em Hyland & Tse (2004) temos o artigo, “Metadiscourse in academic wrining: a reappraisal”, em que junto com Tse, Hyland faz uma reavaliação do conceito de metadiscurso e propõe um modelo para sua análise. Em Hyland (2005) o estudioso apresenta de maneira mais aprofundada essas discussões sobre metadiscurso em suas mais amplas relações. Primeiramente ele nos apresenta discussões sobre definições e funções de metadiscurso, ressaltando a interação entre o escritor e sua audiência, os contextos de uso e o modelo de classificação proposto. Na segunda seção do livro o autor relaciona o metadiscurso a diferentes conceitos: à retórica, a gênero, à cultura e à comunidade. Na terceira e última seção nos são apresentados resultados de estudos sobre metadiscurso realizados em sala de aula, que tomam como base as discussões realizadas nas duas seções anteriores.

Assim, sob a ótica principal dos estudos de Hyland, serão discutidas as variadas instâncias que circundam as pesquisas sobre metadiscurso. Começaremos pela apresentação de definições, funções desempenhadas em diferentes contextos, os princípios do metadiscurso e as categorizações que são dadas às pistas linguísticas indicadoras da presença de metadiscurso. Nesse momento também serão feitos breves comentários sobre a presença de modalizações em alguns

recursos metadiscursivos. Em seguida, veremos as relações entre metadiscorso e a interação escritor-leitor. Então, finalmente, chegaremos às explicações sobre os recursos metadiscursivos – o norte para as análises e resultados expostos nos capítulos seguintes.

3.1. Metadiscorso: definições, funções e categorizações

Em Hyland & Tse (2004:156) os autores nos esclarecem que metadiscorso refere-se à manifestação linguística e retórica do autor no texto. Segundo eles, metadiscorso é um conceito que recolhe diversos mecanismos utilizados por escritores na organização de seus textos, no engajamento com os leitores e para a sinalização de suas atitudes tanto para com seus textos quanto para com suas audiências. Nesse sentido, entendemos que metadiscorso facilita nossa comunicação, fazendo-nos delinear caminhos e traçar estratégias que nos fazem enquanto escritores ter sucesso no ato de comunicar, e, conseqüentemente, de argumentar a fim de persuadir nossa audiência.

Quanto à história do termo ‘metadiscorso’, Hyland (2005:3) informa que é um termo que foi proposto por Zellig Harris em 1959 no intuito de oferecer um caminho para o entendimento da linguagem em uso, representando as tentativas do escritor de orientar o leitor ao longo do texto. Os autores esclarecem ainda que os estudos que hoje conhecemos sob o rótulo de metadiscorso já foram anteriormente realizados separadamente com outras denominações. Por exemplo, uma subcategoria de recursos metadiscursivos que há tempo vem sendo investigada no campo da modalização é a dos recursos atenuadores.

Ao ter em mente a relação entre a função social da escrita e a presença de metadiscorso ao longo dos textos, entendemos que um propósito dos estudos referentes a metadiscorso é estabelecer através do discurso um elo entre escritor e leitor, fornecendo dispositivos para o escritor organizar seus textos, engajar seus leitores e sinalizar suas atitudes. As diferentes subcategorias propostas nos revelam que os diferentes tipos de metadiscorso indicam ações. Essas ações foram estudadas em diferentes momentos e por diferentes autores e recebem variadas denominações, que juntas são rotuladas como metadiscorso. Por exemplo, Hyland & Tse (2004), ao fazerem uma reavaliação de metadiscorso apresentam duas categorias: a dos Interativos e a dos Interacionais. Dentro dessas categorias, nos

são apresentadas as subcategorias pertencentes a cada uma delas, sob a denominação de recursos de transição, de frames, endofóricos, evidenciais e de explicação para os Interativos; e recursos atenuadores, reforçadores, de atitude, de engajamento e de automenção para os interacionais. Assim, entendemos que as categorizações estão intimamente relacionadas aos recursos metadiscursivos, isto é, referem-se a distintas taxonomias para o estudo das ações do escritor no discurso. Algumas são mencionadas em Hyland (2005:32-34):

(a) a categorização proposta por Vande Kopple (1985): Ele já divide o metadiscurso em textual e interpessoal. No primeiro grupo estavam os conectivos textuais, recursos reforçadores, de validade e de narração. No segundo, os recursos ilocucionários, de atitude e de comentários.

(b) a de Crismore *et al.*(1993). Após a proposta de Vande Kopple, muitas revisões e adaptações surgiram, sendo a de Crismore *et al.* uma das mais substanciais. Os autores também mostraram a distinção entre metadiscurso textual e interpessoal. O primeiro tipo foi subdividido em recursos textuais - conectivos lógicos, sequenciadores, lembretes, topicalizadores – e em recursos interpretativos – reforçadores, ilocucionários e anunciadores. No metadiscurso interpessoal estão os atenuadores, marcadores de certeza, de atribuição, de atitude e os de comentários.

As categorizações mencionadas acima impulsionaram os estudos de metadiscurso, à medida que já apresentavam o metadiscurso como fenômeno linguístico a fim de organizar o discurso e promover a interação. Vemos que há o reconhecimento da existência de dois tipos de metadiscurso: o textual e o interpessoal. No entanto, houve problemas relacionados a algumas dessas categorias propostas. Algumas eram de difícil identificação em contexto de uso. Dessa maneira, posteriormente às propostas de Vande Kopple (1985) e Crismore *et al.*(1993), Hyland, em diferentes momentos (Hyland, 1998b, 1998c, 1999b), realiza revisões dessas categorizações, retirando algumas e adicionando outras. Conforme já informado neste trabalho as categorizações norteadoras das nossas análises referem-se ao modelo apresentado por Hyland & Tse (2004) e Hyland (2005), que também está relacionado ao caráter textual e interpessoal do metadiscurso. Em relação ao metadiscurso textual temos os recursos Interativos e no que se refere ao

metadiscurso interpessoal, estão os Interacionais. Porém, é interessante frisar que todas elas tratam das variadas possibilidades de engajamento entre escritor, texto e audiência, indicando ações do escritor em meio ao discurso e não no mundo.

Nesse contexto, vale a pena destacar três princípios-chaves do metadiscurso apontados tanto em Hyland & Tse (2004) como em Hyland (2005) que estão relacionados ao uso da linguagem sob um enfoque interpessoal, como avaliação, postura e engajamento:

- 1- o metadiscurso difere dos aspectos proposicionais do discurso;
- 2- o termo metadiscurso refere-se aos aspectos que envolvem interação entre escritor-leitor;
- 3- o metadiscurso distingue o que é externo do que é interno ao texto.

No que diz respeito ao primeiro ponto, os autores ressaltam a diferença entre metadiscurso e conteúdo proposicional, no sentido de informar algo mais sobre eventos, ações, pessoas ou objetos no mundo. O metadiscurso não se preocupa com o mundo fora do texto, mas com o argumento interno do texto e com seus leitores. Nesse sentido, destacamos duas dimensões, relacionadas ao uso da linguagem: as coisas do discurso e as coisas do mundo, que conseqüentemente, referem-se a metadiscurso e coisas do mundo.

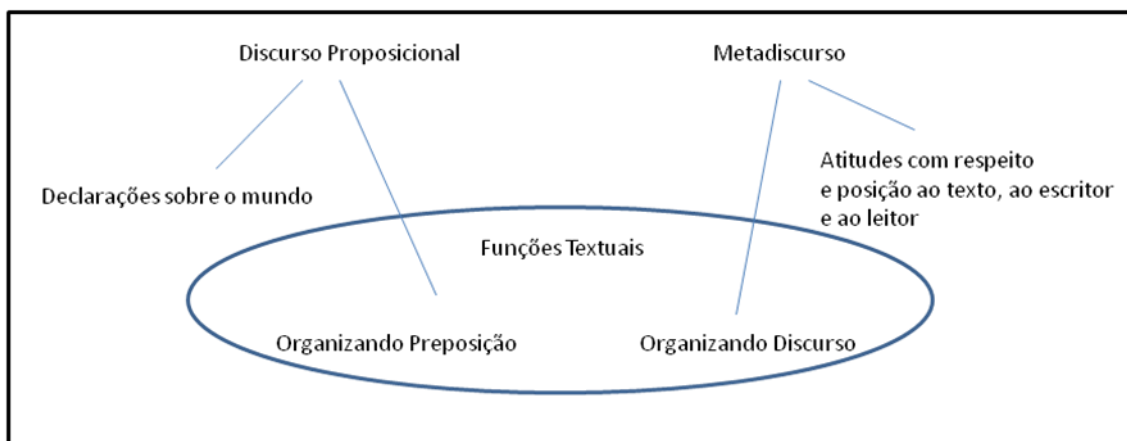
Os elementos metadiscursivos comentam, informam ao leitor o que o escritor está fazendo, como está fazendo e, principalmente, revelam como o escritor deseja que seu leitor entenda seu texto. Porém, como o metadiscurso e o conteúdo proposicional podem ocorrer juntos numa mesma sentença é possível que um trecho de discurso tenha as duas funções. Para Hyland (2004:161) essa integração é comum, “com cada elemento expressando seu próprio conteúdo: um preocupado com o mundo e o outro com o texto e sua recepção”. O que Hyland quer enfatizar aqui é que não deveríamos relegar o metadiscurso a um comentário sobre o conteúdo proposicional de um texto (ou seja, como algo secundário ao propósito informacional do texto), mas vê-lo como parte integral do processo de comunicar significados. No entanto, vale destacar que os estudos relacionados à proposição não nos fornecem bases suficientes para identificar com certeza o que seja ou não material proposicional.

O segundo ponto chave trata da interação entre escritor e leitor. Os autores explicam que o metadiscurso facilita as interações necessárias para o sucesso da comunicação. Nesse sentido, ele é visto como sinalizador da atitude do escritor, destacando a informação que melhor reflete suas intenções e avaliações. Os estudiosos discutem a diferença entre o metadiscurso textual e o interpessoal, porém deixam claro que ambos têm como objetivo central promover a interação entre o escritor e sua audiência, contribuindo para o desenvolvimento dos argumentos. Em outras palavras, as duas categorias apenas têm aquela função sobressalente – guiar ou dialogar com o leitor -, mas têm em comum a característica de fazer com que o escritor interaja com o leitor de diferentes maneiras. Assim, os autores explicam que todo metadiscurso é interpessoal na medida em que leva em consideração o conhecimento, as experiências textuais e necessidades de processamento do leitor para atingir esse caráter interativo.

O terceiro ponto chave faz referência à distinção entre o que é interno e o que é externo ao discurso. Essa questão faz referência ao argumento de que muitos itens textuais podem ser tanto interpessoais quanto proposicionais. Então nos deparamos com a necessidade de estabelecer uma função sobressalente. Como explica Hyland (2005) algumas vezes determinados itens funcionam, por exemplo, nas etapas da organização do texto, na organização do passo a passo do desenvolvimento da argumentação, sendo nesse contexto elementos internos do discurso. Quando esses conectivos presentes no texto servem de links referentes às atividades do mundo fora do texto, não funcionam como metadiscurso. Por isso dizemos que o estudo de metadiscurso é um estudo do uso linguístico e não de elementos da gramática normativa, já que uma mesma palavra pode funcionar como metadiscurso em determinados contextos e em outros não. Dependerá de como, com que finalidade e, principalmente, a que ela estará se referindo nos textos em que aparece.

Vejamos agora a figura a seguir, extraída de Hyland (2005: 44). O autor a expõe quando trata do segundo ponto chave, a influência do metadiscurso no processo de interação escritor – leitor. Como um ponto está intimamente relacionado ao outro, deixamos para apresentar a figura após a abordagem das três chaves principais, já que nela vemos uma síntese das três discussões:

Figura 1: O papel dos dispositivos textuais em textos



FONTE: Hyland (2005:44)

Além dos três princípios chaves do Metadiscursivo trazemos nesse momento para a presente discussão a relação existente entre determinados recursos de metadiscursivo e os estudos de Modalização. O reconhecimento de algumas categorias metadiscursivas (Atitude e Automenção, principalmente, e em certa medida os Reforçadores) presentes na escrita de variados gêneros, acadêmicos ou não, depende da função retórica desempenhada por modalizadores em contextos específicos. Dessa maneira podemos ver que a modalização funciona, em muitos casos, como um importante indicador da presença de metadiscursivo, pois, como diz Hoffnagel (2010: 214), apoiada nos estudos de Halliday (1985, 1989),

a modalização permite que se perceba o grau de comprometimento do falante/escritor em relação ao que está dizendo. É através do estudo do modo e da modalização que se pode identificar o papel que falantes/escritores adotam para si próprios e, conseqüentemente, o papel complementar que estabelecem para seus ouvintes/leitores.

A citação acima destaca o envolvimento entre escritor e leitor. A intencionalidade do escritor ao projetar-se como pessoa do discurso, a imagem de si próprio que pretende passar, que por sua vez aparece no texto em conformidade com o perfil de sua audiência. É nesse sentido que os estudos de Modalidade e de Metadiscursivo andam juntos. Ambos investigam pontos relacionados à função interpessoal da linguagem, ou seja, como determinados recursos linguísticos promovem em grau maior ou menor a integração entre quem produz e quem recebe o discurso e como através desses recursos os escritores se comprometem mais ou

menos com o que dizem. Sobre essa característica da Modalidade Hoffnagel (2010:220) ressalta: “a principal função da modalidade é de expressar as atitudes ou posições de falantes e escritores em relação a si próprios, em relação a seus interlocutores, em relação ao tópico”.

A autora ainda apresenta dois tipos de modalidades adotadas em consenso geral: a modalidade deôntica e a epistêmica. Enquanto a primeira refere-se às regras e normas; àquilo que se deve fazer, a segunda trata do conhecimento de base do escritor/falante, do seu posicionamento diante de alguns fatos. Nesse contexto, vemos muitos recursos metadiscursivos Atenuadores e até mesmo alguns Reforçadores como modalizadores epistêmicos. É o caso de advérbios como: possivelmente, provavelmente, certamente, definitivamente e verbos como: achar e supor. Já em relação aos de Atitude, não é cabível falar em modalidade epistêmica nem na deôntica, mas sim em “modalidade afetiva”, já que são indicadores de emoções. Esses recursos são reconhecidos por expressões como: eu concordo/não concordo, felizmente/infelizmente, surpreendentemente.

Como estamos tratando das relações que se estabelecem entre os escritores de duas comunidades acadêmicas – Linguística e Literatura – e suas respectivas audiências, através do gênero artigo científico, é interessante dedicar um tópico às discussões a respeito do segundo ponto chave tratado anteriormente: a interação escritor-leitor proporcionada pela presença de metadiscurso, pois além de fazer ligação com os outros dois tratados, ele esclarece o sentido do termo interpessoal, que é mencionado em alguns momentos quando caracterizamos o metadiscurso.

3.2. Metadiscurso e a interação escritor-leitor

Ao estudar o metadiscurso na escrita acadêmica percebemos que sua presença é sinalizadora do que os escritores pensam ao escreverem o que escrevem. Quando formulam suas ideias utilizando-se da escrita, fazem no intuito de suprir as expectativas da audiência. Nesse sentido, entendemos que os argumentos lançados ao longo do texto pelos escritores são moldados para leitores específicos. E é justamente nesse processo de “moldagem” que os escritores aderem à utilização de determinados recursos metadiscursivos.

Como venho ressaltando, vemos aqui o metadiscurso como um fenômeno que enfatiza características da linguagem em uso. Essa concepção nos pede uma

reflexão acerca dos caminhos seguidos pelos escritores para a divulgação de seus estudos, isto é, sobre os modos como vão argumentando a fim de ganhar primeiramente a credibilidade de seu leitor e assim, persuadi-lo, torná-lo adepto de suas ideias e complacente com o que está sendo dito. É sob esse viés que falamos de compartilhamento de informações no ambiente acadêmico, que apresenta como ponto crucial o que chamamos de interação escritor-leitor.

Hyland em seus vários estudos procura mostrar como ocorre essa interação escritor-leitor e quais as diferentes estratégias utilizadas nesse engajamento por diferentes comunidades disciplinares. Em Hyland (2010), em um artigo intitulado, “Metadiscourse: Mapping Interactions in Academic Writing”, o autor nos informa que a escolha por determinados traços linguísticos auxiliam os escritores a engajarem-se junto a seus leitores. Para que possamos entender esse ponto com maior clareza vejamos o Exemplo 1 abaixo extraído de um dos artigos que formam o *corpus* deste trabalho:

Ex 1: **Nosso** poeta modernista será assinante desta revista desde o primeiro número, primeiro número que trará o ensaio “La découverte du lyrisme”, de Dermée, que como **veremos adiante**, irá suscitar em Mário questões importantes para sua estética em construção.

[A.LT13].

Analisando o exemplo acima podemos notar o diálogo entre o autor do artigo e seu leitor. Através do possessivo “nosso” e do verbo em primeira pessoa do plural “veremos” o autor convida sua audiência a compartilhar do que está sendo dito. Ainda percebemos que com a expressão “como veremos adiante” o escritor segura seu leitor, avisando que mais detalhe sobre o que está sendo discutido vem mais à frente. É nesse sentido que Hyland (2010) explica o quanto a escolha por determinados recursos linguísticos ajudam no processo de envolvimento do escritor com o texto para transmitir informações mais claramente e para engajar mais nitidamente o leitor como um colega. Portanto, é facilmente perceptível que a retirada desses traços metadiscursivos tornaria o texto muito menos pessoal, menos interessante e mais, de certa forma, difícil de seguir.

Uma maneira de estudar os variados meios da interação escritor-leitor é destacar as características organizacionais e avaliativas que são reflexos da

dimensão interpessoal da linguagem observada nos estudos sobre metadiscurso. Thompson (2001) e Thompson e Thetela (1995) (apud Hyland 2005:43) não apenas separam os aspectos ideacionais dos interativos contidos no texto, mas também destacam dois tipos específicos de interação, que recebem a denominação de Interativo e Interacional. Sobre essas duas grandes categorias de metadiscurso discutiremos detalhadamente no próximo tópico, esclarecendo as principais peculiaridades de suas subcategorias.

3.3. Os recursos metadiscursivos

Entre as diversas categorizações apresentadas na literatura do metadiscurso destacamos a que o classifica em recursos Interativos e Interacionais de acordo com propósitos diferenciados que exercem em contextos específicos. Enquanto os recursos Interativos apresentam como principal função a textual, organizando o discurso, pontuando mudança de tópico, sinalizando sequências e estabelecendo a conexão de ideias; os recursos Interacionais são marcados por seu caráter interpessoal, modificando e destacando aspectos do texto, isto é, dando ao escritor atitude.

Segundo Hyland e Tse (2004) o termo interativo é utilizado por Thompson para se referir ao manejo do escritor perante o fluxo de informações que lança no texto, ou seja, à maneira como ele vai guiando seu leitor através do texto produzido. Como afirmam os autores, são recursos que definem um argumento explícito, tendo como foco a organização do discurso a fim de antecipar o conhecimento dos leitores e refletir a avaliação do escritor do que precisa ser explicitado para restringir e guiar o que pode ser recuperado do texto. Em Hyland (2005), o autor, ao remeter às duas dimensões do discurso – a Interativa e a Interacional – detalha o assunto, explicitando o funcionamento de ambas. Quanto à dimensão interativa, como assim chama, ele ressalta a sua função na organização do discurso e afirma:

Isso trata da consciência do escritor de uma audiência participante e a maneira que ele procura acomodar o conhecimento, interesses, expectativas retóricas e habilidades de processamento prováveis da audiência. O propósito do escritor aqui é de moldar e restringir um texto para satisfazer as necessidades particulares dos leitores, organizando os argumentos de forma que eles podem recuperar as interpretações e metas preferidas do escritor. O uso de recursos nesta categoria, portanto, trata de maneiras de organizar o discurso, antes da experiência, e rever até que

ponto o texto é construído com as necessidades do leitor em mente (HYLAND, 2005: 49).

Como tipos de recursos Interativos estão:

- As Transições. Fazem referência à relação semântica expressa entre as cláusulas principais e são identificadas por conectivos, em sua maioria, conjunções como: *além, mas, assim, e*. No entanto, é imprescindível perceber que para essas conjunções funcionarem como transições elas têm que desempenhar um papel interno ao discurso e não no mundo externo ao texto, com a função de ajudar o leitor a interpretar as ligações entre ideias, conforme nos esclarece Hyland (2005:50). Esses links podem apresentar cargas semânticas variadas no discurso, seja de adição, adversativa ou conclusiva.

- Os “Enquadradores” ou “Frames”. Como informa Hyland (2005: 51), trata-se de itens que são incluídos com a função de sequenciar, rotular, prever e mudar argumentos, fazendo com que o discurso fique claro para os leitores ou ouvintes. Entendemos que esses marcadores através de referências aos atos do discurso, sequências, frases ou textos, aparecem para informar o que está acontecendo no texto. Algumas marcas linguísticas que revelam a presença de frames são: *finalmente, para concluir, meu propósito aqui é*.

- Os Endofóricos. Remetem às informações existentes em outras partes do texto e são marcados por expressões como: *acima referido, ver figura X, na seção Y*. Segundo Hyland (2005:51), esses recursos tornam o material ideacional adicional saliente e por isso mais disponível ao leitor ajudando na recuperação dos significados no texto, o que facilita a compreensão do leitor ao referir a algo anteriormente mencionado ou antecipar algo que ainda está para vir.

- Os Evidenciais. Referem-se à fonte de informação a partir de outros textos e são refletidos na maneira de citar como: *de acordo com x (y, 1990)*. Hyland (2011) destaca que a utilização desses recursos esclarece como os argumentos lançados estão embasados por fatos conhecidos (no sentido de estarem publicados) da nossa literatura. Hyland (2005: 51) os consideram como “representações metalinguísticas

de uma ideia de outra fonte”. Assim, dizemos que o escritor recorre a um argumento de autoridade, ou seja, se apoia em nomes renomados dentro de sua comunidade acadêmica para fortalecer sua argumentação.

- Explicação ou “Redizer” . Funcionam como auxiliares dos leitores para que entendam as funções do material ideacional e são indicados por expressões como: *a saber, tal como, em outras palavras*. Conforme nos informa Hyland (2005: 52), com esses recursos os escritores utilizam-se de informações adicionais, cujos intuitos podem ser de “redizer, explicar ou elaborar o que já foi dito para assegurar que o leitor seja capaz de recuperar o significado pretendido pelo escritor”.

A outra categoria, a dos interacionais é mencionada no artigo de Hyland e Tse (2004) como recursos que fazem referência à intervenção explícita do escritor ao comentar e avaliar a proposição. Eles têm como função principal no contexto em que aparecem envolver o escritor e o leitor no argumento. Os autores ainda lembram que os recursos Interacionais revelam um metadiscorso essencialmente avaliativo e envolvente, influenciando o grau de intimidade, a expressão de atitude, de julgamentos epistêmicos e o grau do envolvimento do leitor. Em Hyland (2005), o autor volta a ressaltar esse caráter avaliativo e envolvente dessa dimensão interacional, destacando:

Isso trata das maneiras que escritores conduzem a interação ao introduzir e comentar sua própria mensagem. A meta do escritor aqui é de fazer suas posições explícitas e de envolver os leitores ao permitir que eles respondam ao texto em curso. Isto é a expressão do escritor de uma “voz” textual, ou personalidade reconhecida pela comunidade, e inclui as maneiras que ele transmite julgamentos e se alinha abertamente com os leitores. O metadiscorso aqui é essencialmente avaliativo e engajador, expressando solidariedade, antecipando objeções e respondendo a um diálogo imaginado com os outros. Revela até que ponto o escritor trabalha para construir o texto juntamente com os leitores (HYLAND, 2005: 49-50).

Os tipos de recursos Interacionais apontados são:

- Os Atenuadores. Ao utilizar esses recursos o escritor atenua seu comprometimento com a proposição, utilizando-se de modalizadores como: *poderia, talvez, possível, quase*. Em Hyland (2011), nos é demonstrado através de resultados de pesquisas que o uso desses recursos sublinha a necessidade de cautela por parte dos

escritores à medida que vão lançando as informações. Em Hyland (1998a apud 2005: 52) vemos essa explicação detalhada quando o estudioso ressalta que os “escritores precisam calcular que peso dar a uma afirmação, considerando o grau de precisão ou confiabilidade que eles querem que a afirmação carregue e talvez clamando para proteção caso seja derrubada no futuro”.

- Os Reforçadores. Enfatizam a força ou a segurança do escritor na proposição. Possui uma carga semântica oposta à proporcionada pelos atenuadores. Aqui o escritor demonstra mais consistência, mais força em sua argumentação. Podemos encontrá-los refletidos em expressões como: *na verdade, definitivamente, é claro que*.

- Os de Atitude. Expressam a atitude do escritor em relação à proposição, através de modalizadores como: *infelizmente, eu concordo, surpreendentemente, desafortunadamente*. No entanto, vale lembrar que aqui o termo Atitude é utilizado como indicador das emoções do escritor e não no sentido estrito de agir.

- Os de Engajamento. São recursos que constroem o relacionamento com o leitor e são encontrados por meio de recursos, cuja carga semântica expressa um diálogo mais explícito, uma espécie de conversa direta entre escritor-leitor. Alguns deles são: *considerar, note que, você pode ver que, uso de verbos em 1ª pessoa do plural*.

- Os de Automenção. Fazem referência explícita ao autor ou autores do texto. São detectados pelo aparecimento dos pronomes pessoais e possessivos em 1ª pessoa, seja do singular ou do plural: *eu, nós, meu, nosso*. Sobre o uso desses recursos, Hyland & Tse (2004: 17) nos afirmam que “menção de si é a maneira principal através da qual os escritores conseguem promover a identidade de um pesquisador competente e ganhar crédito para os resultados de suas pesquisas”.

A fim de proporcionar uma visão mais ampla das duas dimensões, a dos Interativos e a dos Interacionais, vejamos o Quadro 2 abaixo, extraído de Hyland & Tse (2004). Ela apresenta uma explanação resumida do que foi tratado até o

momento a respeito de cada subcategoria, pertencente tanto à categoria dos Interativos quanto à dos Interacionais.

Quadro 2 – Um modelo de Metadiscurso em textos acadêmicos.

Interativos: Servem de guia ao leitor de um texto		
Recurso de Transição	Refere-se à relação semântica expressa entre cláusulas principais	Além / mas / assim / e ...
Recurso de “Frames”	Refere-se aos atos de discurso, seqüências, frases ou texto	Finalmente / para concluir / meu propósito aqui é ...
Recurso de Endofóricos	Refere-se às informações em outras partes do texto	Acima referido / ver figura / na seção 2 ...
Recurso de Evidenciais	Refere-se à fonte de informação a partir de outros textos	De acordo com x (y, 1990) ...
Recurso de Explicação	Ajuda os leitores a entender as funções do material ideacional	A saber / tal como / em outras palavras ...
Interacionais: Envolvem o leitor e o escritor no argumento		
Recurso Atenuador	O autor se compromete menos com o dito	Poderia / talvez / possível / quase ...
Recurso Reforçador	Enfatiza a força ou a segurança do escritor na proposição	Na verdade / definitivamente / é claro que ...
Recurso de Atitude	Expressa a atitude do escritor em relação à proposição	Infelizmente / eu concordo / surpreendente ...
Recurso de Engajamento	Refere-se explicitamente ou constroem o relacionamento com o leitor	Considerar / note que / você pode ver que ...
Recurso de Automenção	Referência explícita ao autor ou autores	Eu / nós / meu / nosso ...

Quadro extraído de Hyland & Tse (2004: 169)

É ainda importante frisar que embora os recursos Interativos sejam mais marcados por sua função textual e os Interacionais por seu caráter Interpessoal, todos os recursos promovem um diálogo com funções diferenciadas quando utilizados. Esses recursos nos mostram como muitas terminologias variam através de gêneros e de disciplinas, esclarecendo como muitas palavras ou expressões tem maior ou menor frequência e, conseqüentemente, têm seus significados mudados de acordo com a área em que são encontrados.

Nos capítulos seguintes exemplificamos essa potencial variação de frequência, observando o uso dos recursos metadiscursivos encontrados em um *corpus* de 30 artigos, sendo 15 de Linguística e 15 de Literatura. No entanto, antes de mostrarmos os resultados obtidos com a pesquisa e as respectivas discussões serão esclarecidos os procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção de nossos dados e o trabalho com eles, relacionando-os com o arcabouço teórico da pesquisa.

3.4. Procedimentos metodológicos

Ao investigar a escrita acadêmica muitos são os fenômenos linguísticos que nos podem servir como indicadores dos movimentos retóricos realizados por profissionais no processo de produção de qualquer gênero acadêmico, seja na modalidade oral ou escrita da língua. Como sabemos, nesta dissertação, o fenômeno elegido para estudar a escrita dos profissionais das comunidades acadêmicas de Linguística e Literatura foi o metadiscurso, mais precisamente os recursos metadiscursivos que se propõem a guiar e envolver o leitor ao longo do texto. Então em um mesmo gênero, o artigo científico, investigamos as diferentes maneiras com que muitos vocábulos e expressões são usados por escritores de duas diferentes áreas do conhecimento a fim de promover a interação com uma audiência específica, ou seja, com seus pares.

Quando fazemos referência a pares estamos tratando de semelhanças, interesses profissionais comuns a membros de uma mesma comunidade acadêmica. Nesse sentido, entendemos que os principais interessados por assuntos como prática docente, ensino de segunda língua, estudo de gêneros textuais, de estratégias argumentativas ou estudos de aspectos fonológicos, por exemplo, potencialmente serão grupos específicos de profissionais pertencentes a um eixo comum: a Linguística. Enquanto temáticas referentes a períodos, autores e obras literárias interessam a profissionais ligados a área da Literatura; e assim acontece com diferentes conteúdos, inseridos nos variados campos de estudos que temos no ambiente acadêmico.

Assim, tendo em vista essas concepções levantadas, que fazem parte dos estudos relacionados à escrita acadêmica, selecionamos um *corpus* específico e divididos igualmente entre as áreas de Linguística e Literatura, pertencentes a

periódicos renomados de ambos campos de estudo. Vejamos detalhadamente as etapas seguidas para o desenvolvimento deste estudo:

. Primeiramente houve a constituição do *corpus* de pesquisa. Foram selecionados 30 artigos de periódicos *online*, atestados pela avaliação *Qualis* periódicos da Capes com *Qualis* A1 e A2. Esses artigos foram publicados de 2008 à 2012, o que nos faz ter um retrato da escrita das comunidades desses escritores por um período de cinco anos. Como são duas áreas disciplinares nosso foco de estudo – Linguística e Literatura – tanto as revistas como os artigos extraídos delas foram divididos igualmente. Selecionamos três revistas de Linguística: Delta, Alfa e Trabalhos em Linguística Aplicada. E mais três de Literatura: Estudos de Literatura Brasileira, Matraca: Estudos Linguísticos e Literários (neste periódico foram selecionados apenas os números relativos aos estudos literários) e a Revista Brasileira de Literatura Comparada. De cada um desses periódicos foram extraídos 5 artigos, totalizando 15 de cada área. A fim de facilitar nosso processo analítico os artigos são identificados da seguinte maneira: os de Linguística são AL1, AL2,..., AL14 até o AL15; já os de Literatura são o A.TL1, A.TL2,..., A.TL14 ao A.TL15.

. Após o processo de constituição do *corpus*, partimos para o levantamento dos dados. Levantamos em um primeiro momento as unidades retóricas pelas quais os artigos eram estruturados. Em seguida, identificamos todas as ocorrências de metadiscurso, isto é, foram levantados todos os recursos metadiscursivos Interacionais no artigos (os atenuadores, reforçadores, atitude, engajamento e automenção) e Interativos (as transições, os frames, endofóricos, evidenciais e as explicações, também chamadas de redizer), conforme a classificação proposta por Hyland & Tse (2004) e Hyland (2005). Através do programa *PDF-X Change Viewer* foi possível realizar anotações e comentários no próprio arquivo de extensão PDF, facilitando assim, a identificação e contagem dos diferentes recursos metadiscursivos. Escolhemos uma cor para marcar cada recurso encontrado e ao final sabíamos a frequência de cada recurso que tínhamos de acordo com a frequência de determinada cor apresentada pelo programa ao final da coleta desses dados.

Ainda vale ressaltar que para a coleta dos dados foi de suma importância o reconhecimento dos elementos que eram internos ao discurso e aqueles que

pertenciam ao mundo externo. Trata-se da oposição interno X externo, apontada pelos autores, a qual deixa claro que uma mesma palavra ou expressão pode funcionar como metadiscurso em determinados contextos e em outros não. O verbo “dever” pela carga semântica enfática que transmite ao contexto em que aparece pode ser visto como um marcador linguístico indicativo do recurso Interacional reforçador quando se refere a coisas internas do discurso; mas não funciona como metadiscurso quando faz referência a fatos do mundo real, isto é, do mundo externo àquele discurso. Os Exemplos 2 e 3 esclarecem melhor essa questão:

Ex 2: A natureza do objeto a ser figurado e a natureza do material da figuração são em geral tão distintas quanto, para lembrar um exemplo dado pelo próprio Schiller, o mármore que serve de material para o escultor e o cavalo que lhe serve de modelo – e, no entanto, é no mármore que o cavalo **deverá** ser figurado pelo artista.

[A.TL12]

Ex 3: Três das mais famosas personagens femininas da literatura brasileira são projeções de um narrador masculino em primeira pessoa: a Capitu de Dom Casmurro (Machado de Assis), a Madalena de São Bernardo (Graciliano Ramos) e a Macabéa de A Hora da Estrela (Clarice Lispector). Quem poderá jamais dizer que conheceu essas mulheres? [...] elas são personagens dos discursos de seus narradores. E é na dinâmica da relação com as figuras femininas criadas por seus discursos, que os próprios personagens masculinos emergem como protagonistas. Julgam suas mulheres de papel, mas eles é que **devem** ser julgados pelo leitor.

[A.TL15].

No Exemplo 2 o autor desenvolve uma explicação adicional acerca da criação artística. Em meio a uma metáfora utilizada por Schiller, que se refere ao cavalo e ao mármore o verbo é usado em sua forma do futuro “deverá”. Logo, nesse contexto, esse marcador linguístico não é incorporado ao desenvolvimento argumentativo do texto, mas ao que chamamos de “mundo externo”. Efeito contrário acontece no Exemplo 3, no qual o verbo, flexionado como “devem”, é um marcador que indica um posicionamento do próprio autor do artigo, interferindo diretamente no desenrolar argumentativo, o que nos faz vê-lo como um item interno ao discurso, sendo assim,

um recurso de metadiscurso (recurso Reforçador). Tratemos agora do nosso processo de análise.

. Depois de termos todos os nossos dados coletados, partimos então para as análises. Os nossos dados foram tratados à luz das teorias trabalhadas neste trabalho, sendo assim coletados e analisados sob dois eixos principais que nos capítulos seguintes são apresentados nos tópicos denominados macroanálise e microanálise dos artigos. Eles tratam, respectivamente, das características estruturais – unidades retóricas – e dos recursos metadiscursivos Interacionais e Interativos presentes nos artigos que compõem o nosso *corpus*. Vejamos, dessa maneira, como ocorreu o nosso sistema analítico em relação à macroanálise e em seguida, à microanálise.

a. Macroanálise: O que denominamos macroanálise diz respeito a um primeiro olhar, um estudo global dos artigos. Observamos nesse momento as seções correspondentes aos elementos textuais que compõem o gênero artigo científico, isto é, atentamos para as unidades retóricas que compunham os trabalhos analisados, porém os elementos pré pós textuais não fizeram parte de nossas análises. Para a realização dessas análises não nos prendemos à nomenclaturas rígidas durante as análises, as utilizamos para organizar, esquematizar e apresentar nossos dados. Por exemplo, ao identificarmos a presença da seção de introdução, não levamos em consideração com que nomenclatura ela aparecia, o foco foi a existência da unidade retórica e se ela era sinalizada por algum tópico ou não. Assim, esclarecemos melhor os contextos linguísticos essenciais para a compreensão da microanálise realizada posteriormente. O marco teórico para a observação dessa macroestrutura dos nossos artigos foi o modelo apresentado para a elaboração de artigos científicos proposto por Antônio Carlos Xavier, em seu livro *Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos*, representando os manuais que fazem alusão à ABNT, além da estrutura IMRD, proposta por Swales (1990).

b. Microanálise: Nesse momento analisamos o uso de cada recurso metadiscursivo, tanto a frequência com que eles são utilizados, como suas funções dentro dos contextos linguísticos em que apareciam. Dessa maneira, podemos indicar a

existência de padrões de escrita através das principais tendências identificadas. Por exemplo, é possível por meio da análise da frequência dos recursos Interacionais, perceber que determinadas comunidades disciplinares tendem a atenuar ou reforçar os argumentos desenvolvidos em seus discursos, ou tendem a mostrar explicitamente seu posicionamento diante de algo que está sendo discutido ou ainda, tendem a engajar diretamente o leitor ou mesmo se procuram fazer menção de si com certa frequência. É possível também, através da análise dos recursos Interativos, entender atitudes tomadas pelos escritores para não deixar o leitor se perder ao longo do texto. Podemos ver se os escritores de uma dada comunidade costumam conectar uma cláusula e outra de seus argumentos através de palavras que servem como links, se tendem a orientar seus leitores à medida que vão escrevendo, ou se tem como marca mais evidente de escrita fazer referência a outras partes do mesmo texto, fazer citações ou ainda se tem como hábito reexplicar coisas já mencionadas. Dessa maneira, estudamos esses recursos tanto de maneira global, observando a quantidade de cada recurso existente por cada 10.000 palavras observadas. Investigamos ainda como esses recursos se dividiam através das unidades retóricas dos artigos através de números percentuais, já que com esse tipo de análise o interesse maior era ter uma ideia de onde (em que seção) os escritores usam mais recursos e que tipos de recursos.

Vale destacar que podemos analisar ainda se as comunidades estudadas têm como padrão de escrita uma maior tendência para guiar ou interagir com a audiência à medida que os profissionais a elas pertencentes vão desenvolvendo seus argumentos. Percebemos isso se observarmos se a maior recorrência de uso se dá com os recursos Interativos ou Interacionais. Finalmente, lembramos que o foco da análise é, sobretudo, o caráter interpessoal do metadiscurso na escrita dos artigos científicos, assim como sua característica de promover o compartilhamento de conhecimento e a interação entre os escritores e suas audiências.

CAPÍTULO 4

A caracterização da comunidade acadêmica de Linguística: uma análise metadiscursiva de artigos científicos.

Como viemos apontando nos capítulos teóricos desta dissertação, a análise de gêneros proporciona ampla compreensão da escrita acadêmica e profissional e, conseqüentemente, dos contextos em que se inserem. O metadiscurso é destacado nesse processo de análise como indicador de movimentos retóricos presentes na escrita de diversos gêneros da academia. É identificado por pistas linguísticas que nos induzem a perceber a “intromissão” do escritor dentro do texto (ou do discurso) e a partir daí um diálogo entre escritor e leitor.

Assim, buscamos descrever e explicar neste capítulo as principais estruturas retóricas presentes nos artigos analisados da área de Linguística a fim de caracterizar essa comunidade acadêmica. Para tanto, começamos com uma macroanálise dos 15 artigos que formam nosso *corpus*, estabelecendo um estudo da maneira como os profissionais de Linguística costumam organizar estruturalmente seus artigos. Depois, partimos para uma microanálise desses artigos, na qual tomamos o metadiscurso como principal indicador dos movimentos retóricos identificados na escrita e mais precisamente, no modo de argumentar, utilizados mais comumente por profissionais dessa comunidade acadêmica, fazendo-nos identificar traços peculiares que caracterizam a comunidade acadêmica de Linguística.

4.1. Uma macroanálise dos artigos: como eles são estruturados

Um primeiro olhar para os artigos remete-nos a pensar em uma macroanálise que consiste no modo como eles são estruturados. É importante termos em mente que muito dificilmente haverá artigos organizados identicamente, cada um tem suas peculiaridades que podem estar relacionadas a variados motivos, como a área em que está inserido, o estilo do escritor ou mesmo o assunto tratado. No entanto, pretendemos apresentar uma análise que una artigos semelhantes em uma mesma tipologia estrutural a fim de observar como os profissionais da comunidade de Linguística costumam organizar estruturalmente seus artigos, se eles seguem

determinada tendência ou não. Assim, ficará contextualizada e, conseqüentemente, compreensível a microanálise relacionada aos recursos de metadiscurso.

Neste momento tomamos como ponto norteador para essa análise da estrutura dos artigos, a estrutura proposta pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), que aponta como estrutura textual de um artigo a introdução, o desenvolvimento e a conclusão, e também uma sintética estrutura que reflete um detalhamento dessa estrutura: trata-se da estrutura IMRD proposta por Swales (1990). Essa estrutura IMRD, conforme esclarecido nas discussões teóricas desta dissertação, consiste numa divisão que possui o formato de introdução, metodologia, resultados e discussão encontrada na superfície dos artigos. É imprescindível ainda chamar a atenção para a flexibilidade dessa divisão nos artigos. De acordo com o próprio Swales ele passa por variadas adaptações e é encontrado com maior frequência nas ciências exatas e da natureza. Como nosso *corpus* é composto por artigos das ciências humanas o esperado é que os escritores não costumem seguir à risca esse modelo. No entanto, é importante esclarecer que o observado nas análises foi a existência ou não das seções mencionadas por Xavier (2010) que seguem a ABNT ou pelo modelo IMRD. Por exemplo, a seção introdução aparece nos artigos sob variadas denominações como: Considerações iniciais, Primeiras palavras, algo de acordo com a temática do artigo, ou mesmo o próprio nome 'introdução'. Porém todas elas foram contabilizadas como sendo 'introdução'. Assim ocorreu também com as demais seções.

Ainda vale esclarecer que não vamos nos deter à demonstração dos resultados de cada revista, mas sim dos resultados gerais encontrados, já que o propósito central é fazer uma descrição da escrita das comunidades estudadas e não de cada revista que compõe o nosso *corpus*. Começaremos, dessa maneira apresentando o Quadro 3, que expõe as unidades retóricas identificadas nos 15 artigos publicados em revistas da grande área de Linguística.

Quadro 3 – Frequência das unidades retóricas encontradas nos artigos em Linguística.

Modelos encontrados	Nº artigos
Introdução – Revisão teórica – Metodologia – Resultados e discussão – Conclusão	5
Introdução – Revisão teórica – Resultados e discussão – Conclusão	5
Introdução – Metodologia – Revisão teórica – Resultados e discussão – Conclusão	3
Introdução – Texto corrido (Revisão teórica – Resultados e discussão – Conclusão)	1
Introdução (não nomeada) – Texto corrido (Revisão teórica – Resultados e discussão – Conclusão)	1

O quadro acima nos revela que a maioria dos artigos analisados divide-se igualmente em duas categorias de modelos estruturais encontrados. A diferença entre as duas categorias consiste apenas na presença ou não da seção de metodologia, pois enquanto cinco artigos apresentam a estrutura ‘Introdução – Revisão teórica – Metodologia – Resultados e discussão – Conclusão’, outros cinco dispõem de estrutura parecida, mas com a ausência da Metodologia, sendo ‘Introdução – Revisão teórica – Resultados e discussão – Conclusão’.

Ao observar os dois modelos estruturais predominantes, podemos inferir que na comunidade acadêmica formada por Linguísticas é comum os escritores organizarem seus artigos, começando com uma seção nomeada de introdução (que pode aparece sob diversas nomeações). Em seguida, apresentam uma revisão da literatura trabalhada, quase nunca nomeada como Revisão teórica ou algo parecido, mas intitulada conforme a temática tratada. Depois, vimos que a probabilidade de haver ou não um espaço para a metodologia poder ser recorrente ou não. Logo após os resultados acompanhados de suas respectivas discussões são lançados em uma mesma seção (vale mencionar que esta seção foi destacada em nossas análises quando havia um tópico destinado à divulgação dos resultados encontrados ou também à novas reflexões feitas em cima de algo já conhecido). E, para finalizar, foi possível perceber que os escritores sinalizam o encerramento de seus artigos com a

seção de 'Conclusão'; essa, assim como as outras, apareceu sob diferentes denominações.

Vemos ainda que três dos artigos analisados têm estrutura organizacional semelhante a um dos modelos predominantes, tendo invertida apenas a ordem de sequência da seção de metodologia. Nesses trabalhos, a metodologia aparece logo após a introdução e não depois da revisão teórica, como acontece na maioria das vezes, isto é, muda apenas a ordem que aparece. Apenas dois dos artigos apresentam esquematização bem diferenciada das demais, sendo em sua maioria formada por texto corrido, isto é, não apresentam unidades retóricas marcadas por tópicos; um deles tem apenas a introdução topicalizada.

Assim, percebemos como era o esperado, que os autores de artigos em língua portuguesa da área de Linguística escrevem seus artigos tomando como base os manuais baseados na ABNT, já que fazem questão de explicitar em seus trabalhos um começo, um meio e um fim, isto é, seções que marcam introdução, desenvolvimento e conclusão. Ao compararmos com o modelo IMRD observamos diferenças, principalmente, em relação às seções existentes. A maioria dos trabalhos analisados apresentam seções não explicitadas no IMRD, embora sob variadas nomenclaturas, fazendo referência à revisão teórica e outra à conclusão. O fato de tais seções não aparecerem indicadas no estudo de Swales, realizado com artigos produzidos em língua inglesa, nos faz ver que naquele ambiente de análise não é costume dispor de seção exclusiva para uma revisão das teorias; talvez pelo fato de o artigo científico consistir em um trabalho curto, no qual o foco recai sobre a descoberta de algo novo ou em uma nova discussão a respeito de algo conhecido na área. Quanto à conclusão, também não é costume aparecer em formato de seção topicalizada, como sabemos. Isso nos faz inferir que no *corpus* de Swales a conclusão se dava dentro da seção de resultados e discussão.

4.2. Uma microanálise dos artigos: a presença do Metadiscurso.

Após uma visão global da estrutura dos artigos que formam o nosso *corpus* em Linguística, buscamos uma visão mais apurada da escrita acadêmica dos profissionais dessa comunidade, partindo para uma microanálise que tem como subsídio a teoria do metadiscurso, já que enxergamos uma íntima relação entre o estudo da metadiscursividade e das finalidades argumentativas, isto é, ao

estudarmos o metadiscurso na escrita acadêmica estamos estudando as estratégias utilizadas pelos escritores para se projetarem no texto, destacando suas intenções comunicativas. Nessa projeção o escritor se posiciona tanto em relação ao conteúdo de que trata quanto em relação ao seu leitor. Assim, vejamos o subtópico abaixo, que trata dos recursos Interacionais encontrados nos artigos analisados na grande área de Linguística; o seguinte, que trata dos Interativos e ao final teremos ainda um espaço dedicado à maneira de distribuição dos recursos Interativos e Interacionais nos artigos.

4.2.1. Recursos Interacionais em 15 artigos

Antes de nos determos aos resultados encontrados em relação à análise dos recursos metadiscursivos Interacionais é interessante fazermos alguns esclarecimentos. A contagem das palavras se deu apenas no corpo dos trabalhos, nos aspectos textuais propriamente ditos, ou seja, não entraram em nossa contagem seções pré e pós textuais como resumo, palavras-chave e referência bibliográfica; apenas as palavras que compunham a introdução, o desenvolvimento e a conclusão dos trabalhos. Assim, temos resultados mais uniformes ao compararmos um artigo a outro, já que existem diferenças na extensão dos artigos.

Para iniciar a explicitação dos resultados encontrados em relação aos recursos Interacionais presentes na grande área de Linguística, vejamos a Tabela 1. Ela mostra um total de ocorrências de cada recurso encontrado a cada 10.000 palavras em cada revista (se olharmos os resultados na horizontal), além de totalizar cada recurso toda a área de Linguística (olhando os resultados em sentido vertical).

Tabela 1 – Recursos Metadiscursivos Interacionais em 15 artigos de Linguística (por 10.000 palavras).

Área	Revistas de Linguística	Total de palavras	Total de ocorrências dos recursos	INTERACIONAIS				
				Aten.	Refor.	Atit.	Engaj.	Autom.
LINGUÍSTICA	Revista Alfa	27.189	64,37	18,76	8,46	0,37	16,55	20,23
	Revista Delta	32.535	117,41	11,68	10,45	4,30	36,58	54,40
	Trabalhos Linguística Aplicada	29.854	58,95	17,42	7,03	0,00	6,03	28,47
TOTALIZAÇÕES LINGUÍSTICA		89.578	240,73	15,74	8,71	1,67	20,32	35,39

Os dados acima nos revelam uma notável tendência à utilização dos recursos de Automenção por parte dos profissionais de Linguística. A cada 10.000 palavras encontradas em todos os artigos da área analisados, 35,39 são pistas linguísticas indicadoras de Automenção. Vemos ainda que os maiores responsáveis pelo alto índice encontrado são os artigos da revista Delta, que sozinhos totalizam uma média maior do que todos os artigos das outras duas revistas (54,40 recursos de automenção a cada 10.000 palavras). Como é um periódico bastante renomado na área, juntando-se aos outros dois, que trazem os valores numéricos de 20,23 e 28,47, formam um retrado da tendência na escrita da comunidade dos linguistas. Esses recursos são representados por pronomes pessoais (eu ou nós), por oblíquos átonos (me ou nos) e por possessivos (meu ou nosso). Essa frequência de uso mostra forte tendência dessa comunidade de profissionais em projetar-se como pessoa do discurso, mostrando seu “eu” discursivo.

Podemos pensar ainda que a escolha por recursos de Automenção seja um traço típico dessa comunidade de profissionais. Um fato interessante, pois “quebra” a tradição de que trabalho científico deve ser impessoal, isto é, escrito em 3ª pessoa. Sobre a adesão a esse tipo de recurso Interacional, Hyland (2011), ao tratar de discurso acadêmico, demonstra resultados de pesquisa com artigos científicos e livros didáticos universitários, na qual identificou grande uso de recursos de

Automenção nos artigos. Ele justifica o uso, dizendo que “se trata de um risco pessoal que os escritores investem em seus argumentos a fim de ganhar credibilidade em suas reivindicações” (p.178). Dessa maneira, entendemos que os linguistas têm a característica de, através de um eu explícito marcado pela utilização de primeira pessoa (singular ou plural), mostrar-se em seus discursos à medida que vão tecendo seus argumentos.

Os exemplos 4 e 5 mostram o uso desse recurso com 1ª pessoa do singular e com 1ª do plural, respectivamente. É importante frisar que ambos os artigos são de autoria de uma única pessoa, o que nos faz identificar a presença de um *nós exclusivo* no Exemplo 5.

Ex 4: Uma outra história tem como cenário um congresso internacional e interdisciplinar na Espanha, do qual **participei** em setembro de 2005, que só admitia o uso de inglês em todas as seções.

...

Assim, **me apoio** na definição de Kroskrity (2004: 498) que compreende ideologia linguística como “crenças, ou sentimentos, sobre línguas, conforme são usados nos mundos sociais [dessas línguas]” (Kroskrity, 2004: 498). Ao refletir sobre tal ideologia linguística, **meu objetivo** é construir conhecimento que possa alimentar a formulação de uma política linguística, pois ela pode explicitar a relação entre linguagem e identidade ou como a ubiquidade no uso de uma determinada língua franca pode gerar identificação, resistência ou reinvenção social.

[AL5]

Ex 5: Numa abordagem da Linguística Sistêmico Funcional – LSF, que **nos interessa** mais de perto neste trabalho, os gêneros, por exemplo, foram utilizados para reconfigurar o currículo e a pedagogia, nas escolas australianas de educação básica.

[...] As contribuições para o ensino de língua também estão relacionadas aos avanços desencadeados pela noção teórica de gênero para a formação dos professores, pois a produção de saberes docentes e a de objetos de ensino integram as atividades do profissional focalizado. Neste trabalho, **nosso interesse** recai sobre a formação inicial do professor, porém, na perspectiva dos usos dos gêneros como instrumentos de mediação na profissionalização do professor.

Compartilhamos da mesma inquietação expressa por Marinho (2010: 364), ao propor, nas licenciaturas, a instituição de “práticas de escrita, que possam funcionar, simultaneamente, como estratégia de formação e de pesquisa para se compreender as condições de formação do professor” [...].

[AL3]

Os exemplos expostos, extraídos de dois diferentes artigos da área, nos esclarecem duas maneiras diferenciadas de como o recurso de Automenção costuma aparecer na escrita desses profissionais. O primeiro deles nos mostra pistas linguísticas que marcam a presença da Automenção através da 1ª pessoa do singular. Primeiramente vemos o verbo “participei” que indica a inserção do autor em algo importante para o trabalho, um seminário internacional; mais adiante encontramos a expressão “me apoio”, na qual o autor revela que suas ideias têm respaldo em outro estudioso da área (Kroskrity); e por fim, utilizando-se do possessivo “meu”, ele explicita ao leitor o que pretende no trabalho. Já o outro exemplo nos fornece marcadores linguísticos flexionados em 1ª pessoa do plural, provocando um caráter menos pessoal ao contexto, como a expressão “nos interessa”, através da qual o autor informa seu objetivo, que é enfatizado mais adiante por “nosso interesse”; e ao final, por meio do verbo “compartilhamos” o autor procura aumentar sua credibilidade junto ao leitor por utilizar o nome de outro estudioso do assunto (Marinho).

O segundo recurso encontrado com maior frequência foi o Engajamento. A cada 10.000 palavras observadas 20,32 eram indicadoras da presença desse recurso, que foi identificado, na maioria das vezes, com a presença de verbos em 1ª pessoa do plural, pronomes oblíquos e possessivos também no plural, representando um “convite” para que o leitor compartilhe com o escritor e se envolva com o argumento exposto. Nas discussões teóricas desta dissertação procuramos esclarecer que um ponto crucial nos estudos sobre metadiscorso é o fato de que ele promove a interação entre escritor e leitor, sendo essencialmente avaliativo e envolvente, como destaca Hyland em seus variados estudos sobre o assunto. Então se os diferentes recursos metadiscursivos têm essa característica de interação, os de Engajamento ainda se sobressaem diante dos demais, já que tem como foco principal tornar o leitor participante do trabalho que está lendo.

O Exemplo 6 abaixo esclarece o uso desse recurso de Engajamento:

Ex 6: A discussão dessa análise divide-se em questionamentos e em sugestões para reversão do quadro descrito. As seguintes questões podem ser elaboradas: 1) Quais são as consequências para o aluno de ter um aprendizado da escrita como esse?; 2) Que ensino de LE **precisamos** para **sobrevivermos** no mundo globalizado, regido pela economia do conhecimento e que demanda habilidades como criatividade, adaptabilidade a diferentes situações, solução de problemas, manipulação, análise e acúmulo de informação e estabelecimento de medidas de ação para resolver problemas (FRIEDMAN, 2006)?; 3) o LD é um instrumento viável em **nossas** aulas com essas exigências do mundo globalizado?; 4) Por que o autor principal que se denomina um linguista aplicado no seu site oficial e que publica também livros na área de metodologia não incorpora os avanços da área no seu LD?

[AL8].

O artigo do qual foi extraído o exemplo acima foi escrito por um único autor, que realiza suas discussões, partindo de quatro indagações que fazem referência ao ensino-aprendizagem em sala de aula. Esses questionamentos representam uma forma de engajamento entre quem faz as perguntas, neste caso, o escritor e sua audiência, que é incitada a buscar respostas ao fazer esse tipo de leitura. Nessas indagações percebemos também um diálogo direto com o leitor através de recursos como: os verbos “precisamos” e “sobrevivermos” e, por último, por meio do possessivo “nossas”. Esses itens linguísticos mostram que o autor vê o leitor daquele artigo como seu par, isto é, como membro da mesma comunidade acadêmica, já que os maiores interessados serão, provavelmente, outros linguistas que atuam ou têm interesse no ensino presencial de uma segunda língua.

Os números da tabela acima nos revelam uma notável disparidade entre a frequência de uso dos recursos de Automenção e os de Engajamento, sendo bem maior a preferência pelo uso dos primeiros. Isso reforça ainda mais a característica desses profissionais em tornar seus discursos mais pessoais, pelo grande uso da menção de si. No entanto, ainda com disparidade considerável de uso entre os recursos de Automenção e os de Engajamento, os de Engajamento representam a segunda categoria Interacional mais utilizada, e com um total numérico bastante relevante. Entendemos que haja uma relação desta com a primeira categoria mais

encontrada. Sobre essa relação entre tipo de recursos metadiscursivos é possível inferir que os escritores de Linguística procuram mostrar seu “eu” discursivo, procuram mostrar-se explicitamente como autor das ideias expostas e em seguida adotam o uso de recursos linguísticos, cuja função contextual é a de envolver e engajar sua audiência. Com o uso dos recursos de engajamento os escritores interagem com seus leitores fazendo-os ingressar em um mundo compartilhado de entendimentos disciplinares através da opção pela utilização de um *nós inclusivo*. Em outras palavras, os leitores sentem-se participantes dos trabalhos, através de expressões que, muitas vezes, promovem um verdadeiro diálogo entre um “eu” e um “você”; entre escritor e leitor.

A fim de deixar mais clara a diferença entre a Automenção e o Engajamento na área de Linguística vejamos os exemplos abaixo. Eles foram extraídos de um trabalho escrito por um único autor e apresenta um contexto em que o autor usa o plural como Automenção em um momento e Engajamento em outro.

Ex 7: **Nossa** posição neste trabalho é que **precisamos** das duas abordagens. Da Metáfora Discursiva **tomamos** a noção de metáfora linguística e os conceitos de Tópico e Veículo para operacionalizar a análise das metáforas no contexto. Da Metáfora Conceptual **tomamos** a própria noção de metáfora conceptual e os conceitos de Domínio e Mapeamento para indicar como foram conceitualizados metaforicamente temas importantes do discurso.

[A.L2].

Ex 8: Já na Teoria da Metáfora Conceptual, a metáfora é vista fundamentalmente como um tipo de processamento mental. Esse processamento é o que **nos** permite entender conceitos abstratos como amor, tempo e vida, entre outros. Por exemplo, quando **dizemos** ‘meu casamento está indo de vento em popa’, **estamos** conceitualizando amor em termos de uma viagem. **Partimos** de um conceito concreto, a viagem, para entender um conceito abstrato, o amor.

[A.L2].

Ao compararmos o Exemplo 7 com o Exemplo 8 entendemos mais claramente a diferença entre os recursos de Automenção e os de Engajamento quando nos deparamos com a 1ª pessoa do plural. Enquanto o Exemplo 5 mostra

um trecho do artigo em que o autor usa o pronome possessivo “nossa” e os verbos “precisamos” e “tomamos” para tratar de fatos relacionados ao trabalho em questão, seus interesses e conceitos chaves que serão utilizados, o que nos faz enxergar a presença de um “nós exclusivo”. Já no Exemplo 6 vemos um momento em que o escritor usa o pronome complemento “nos” junto com os verbos “dizemos”, “estamos” e “partimos” para falar de algo que é compartilhado entre o escritor e o leitor: um exemplo é o entendimento de conceitos como amor, tempo e vida como contém no texto analisado. Assim, vemos que os recursos de Engajamento se diferenciam dos de Automenção de acordo com a função no contexto em que aparecem. Enquanto os de Automenção fazem referência a feitos do próprio autor ou autores, os de Engajamento são usados com base em um reconhecimento da parte do escritor de que o leitor compartilha com ele conhecimentos, experiências etc., tornando o leitor um parceiro na construção do argumento.

A terceira e quarta categorias mais utilizadas são a dos recursos Atenuadores e a dos Reforçadores, aparecendo uma média de 15,74 e 8,71, respectivamente. Vemos que o número total de Atenuadores a cada 10.000 palavras é bem inferior ao que encontramos em relação aos de Automenção e Engajamento. No entanto, é bem superior à média de Reforçadores. É interessante comparar Atenuador com Reforçador, já que ambos calculam o peso que o escritor quer dar à informação lançada. Contudo, é importante ter em mente que as duas categorias apresentam características opostas no contexto discursivo em que aparecem.

É possível entender que na área da Linguística a maior recorrência de uso dos Atenuadores em relação aos Reforçadores demonstra mais um traço característico na escrita desses profissionais. A presença da atenuação no discurso revela a existência de cautela, por parte do escritor, quanto ao que se diz, principalmente em determinadas situações, como por exemplo, quando é lançada alguma teoria que nega outra já aceita. Podemos pensar ainda que são usados por uma questão de modéstia; ao utilizá-los o escritor evita conflitos diretos com outros membros da comunidade. Os exemplos mais recorrentes de marcadores linguísticos que indicam atenuação nessa área do saber são: o verbo “poder”, quando aparece com o sentido de talvez; o próprio advérbio “talvez” e o verbo “parecer”. Efeito inverso ocorre com a presença dos Reforçadores. Eles demonstram uma maior força na argumentação, ou seja, uma argumentação mais enfática, que procura não deixar

espaço para contra-argumentações. As mais comuns em Linguística são: as expressões “de fato” e “na verdade”.

Os Exemplos 9 e 10 mostram a presença dos recursos de Atenuação e Reforçadores, respectivamente, em contextos de uso.

Ex 9: De acordo com Abreu (2002), a arte de argumentar pressupõe convencer pela razão e persuadir pela emoção. À primeira vista, **parece** uma alternativa interessante. A proposta, entretanto, ainda **parece** amparar-se nos princípios racionalistas (iluministas), separando o homem em duas entidades distintas – uma racional e outra afetiva.

[AL15]

Ex 10: **Na verdade**, essa prática é bastante frequente em aulas de LE, principalmente nos estágios iniciais; o professor permite que alunos escrevam seus diálogos antes de os apresentarem.

[AL8]

No primeiro caso vemos que uma teoria é discutida, a arte de argumentar, o que pede mais cautela no momento em que se argumenta, o verbo “parecer” fornece uma carga semântica amena, indicando que o escritor deixa a questão aberta a outros posicionamentos. Já no segundo, a discussão ocorre a respeito de práticas vividas em sala de aula, temática que abre espaço para vocábulos ou expressões que indicam certeza, como “na verdade”.

Outra característica que também chamou atenção foi o baixíssimo número quantitativo dos recursos de Atitudes encontrados a cada 10.000 palavras: 1,67. Esse número chama atenção, pois a presença desses recursos revela atitudes afetivas, indicadoras das emoções do escritor. Assim, entendemos que se os escritores dos nossos artigos de Linguística procuram mostrar seu “eu”, aderindo a um alto número de marcadores de Automenção, eles são do mesmo modo enfáticos quanto a não revelar seu ponto de vista explicitamente, ou seja, quanto a não revelar suas emoções a sua audiência. Vejamos assim o Exemplo 7:

EX 11. Hardt e Negri (2000) entendem que o Império pode ser caracterizado pela ausência de fronteiras territoriais que limitem seu espaço, pelo não

envolvimento em conquista de um território, pelo exercício do poder sobre a vida das pessoas (ou seja, seu poder não está restrito somente ao espaço territorial, mas tem um raio de ação mais profundo: o biopoder), e pela dedicação à construção da paz, embora, **contraditoriamente**, seja uma paz gerada com base em sangue. Essa última característica ecoa os discursos da política estado-unidense, que, **infelizmente**, nos acostumamos a ouvir nos últimos anos.

[AL5]

O exemplo acima esclarece o impacto causado pela presença desse tipo de marcador no discurso, ou seja, a presença dos advérbios “contraditoriamente” e “infelizmente” mostra claramente o sentimento do escritor em relação ao assunto tratado. No entanto, vale a pena prestar a atenção ao assunto tratado: a falsa paz, um assunto que dificilmente alguém discordaria. Assim, a atitude é encontrada no desenvolvimento de um argumento mais consensual.

4.2.2. Recursos Interativos em 15 artigos

Para iniciar a explicitação dos resultados encontrados em relação aos recursos Interativos vamos analisar a área da Linguística, assim como fizemos com os Interacionais, começando pela exposição dos resultados encontrados na Tabela 2. Ela mostra os números de cada recurso encontrado a cada 10.000 palavras em toda a área, além de apresentar o total desses recursos Interativos e dar os índices desses recursos em cada revista.

Tabela 2 – Recursos Metadiscursivos Interativos em 15 artigos de Linguística (por 10.000 palavras).

Área	Revistas de Linguística	Total de palavras	Total de ocorrências dos recursos	INTERATIVOS				
				Exp.	Trans.	Fram.	Endof.	Evid.
LINGUÍSTICA	Revista Alfa	27.189	48,11	20,23	28,32	18,02	8,46	83,49
	Revista Delta	32.535	59,17	19,06	17,21	21,52	11,37	93,75
	Trabalhos Linguística Aplicada	29.854	43,09	7,37	26,13	12,39	15,07	68,33
TOTALIZAÇÕES LINGUÍSTICA		89.578	150,37	15,52	23,55	17,41	11,72	82,16

Os dados acima nos revelam grande tendência ao uso dos recursos evidenciais na escrita desses profissionais, encontrados em grande quantidade nas três revistas do nosso *corpus*. Identificamos o número de 82,16 recursos evidenciais a cada 10.000 palavras observadas. O recurso Evidencial representa todas as formas de citações encontradas no discurso e mostram a frequência com que os escritores buscam na literatura da área, apoio para o desenvolvimento de seus argumentos, isto é, mostram para seus leitores que têm conhecimento amplo da literatura sobre o assunto tratado. Isso torna o argumento bem embasado e menos exposto a questionamentos de colegas da área, justificando assim a notável escolha dos escritores de Linguística por essa categoria do metadiscurso.

Vejamos agora o Exemplo 12, que mostra a presença desse recurso Evidencial em três parágrafos seguidos em um dos artigos de Linguística.

Ex 12: Outros estudiosos, dentre os quais se destaca **Delancey (1997)**, têm debatido acerca da independência conceitual de noções como a miratividade, muito embora reconheçam que há algum relacionamento entre esta e a evidencialidade.

Conforme **Dendale e Tasmowski (2001, p.343)**, “[...] o subdomínio situado entre a evidencialidade (fonte direta da informação) e a modalidade (a atitude do falante: surpresa) [...]” é miratividade.

Segundo **Delancey (1997)**, **Dickinson (2000)** afirma que a miratividade pode ser uma categoria semântica universal e que todas as línguas provavelmente têm uma maneira de codificar um evento ocorrido ou um estado vivenciado fora das expectativas de normalidade.

[AL12]

As citações contidas no exemplo mostram que o escritor não é o único naquela comunidade a abordar o assunto, mas que têm outros de renome – Delancey, Dendale e Tasmowski, Dickinson – que já desenvolveram estudos sobre o que está sendo tratado, dando, assim, maior credibilidade ao trabalho e, conseqüentemente a quem o escreveu, diminuindo os espaços para contra-argumentos.

O segundo recurso encontrado com maior frequência foi o de Transição. A cada 10.000 palavras observadas 23,55 eram indicadoras dessa categoria. Esse recurso foi identificado, na maioria das vezes, pela presença de conjunções que

dispõem de diferentes cargas semânticas, provocando variados efeitos como adição, contradição e conclusão no contexto em que aparecem. Os números da tabela acima nos revelam grande disparidade entre a frequência de uso dos recursos evidenciais (82,16, como vimos) e os de Transição.

No entanto, ainda com disparidade considerável de uso entre os recursos Evidenciais e os de Transição, esses últimos representam a segunda categoria interativa mais utilizada pelos profissionais da área. Entendemos que essa posição de segundo lugar das Transições sinaliza a necessidade que os escritores da área têm em utilizar *links* para conectar mais explicitamente os argumentos lançados. O Exemplo 13 abaixo esclarece o uso de Transição:

Ex 13: [...] Quando o objetivo do orador é convencer (ou persuadir) por meio do discurso, utiliza-se dos argumentos técnicos para falar à razão, da organização discursiva e da expressividade das palavras para aguçar a sensibilidade do auditório, despertando-lhe o interesse e mantendo sua atenção, de um jogo de representações para impressioná-lo positivamente, apresentando-se como alguém passível de credibilidade e com legitimidade para propor sua opinião. **Embora** seja plausível aceitar que a argumentação emotiva e representacional apenas subsidie a maior ou menor aceitação dos argumentos técnicos, parece pertinente admitir que, em determinados discursos, aquela se sobreponha a estes. **Assim**, a potencialidade argumentativa do discurso resultaria de sua qualidade racionalizadora – capacidade de organizar os raciocínios de natureza técnica, objetiva, intelectual –, vinculada à teoria da argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996) [...].

[AL15].

Ao desenvolver sua argumentação o autor utiliza a conjunção “embora”, que fornece uma carga semântica de contraditoriedade, deixando que o autor faça uma ressalva sobre o que vai afirmar depois. Mais adiante a conjunção “assim” transmite um aspecto conclusivo, mostrando que o autor, naquele determinado momento, encerra um pensamento.

O terceiro recurso mais utilizado corresponde aos Frames. Os artigos analisados na área de Linguística dispõem de um total de 17,41 a cada 10.000 palavras. À medida que lemos os artigos notamos a presença de determinados

sinalizadores, cuja função principal é indicar o que está acontecendo enquanto vão construindo uma argumentação. Os profissionais de Linguística normalmente usam expressões como “em suma”, “resumindo”, “neste trabalho” para guiarem seus leitores nesse sentido, como nos mostra o exemplo abaixo:

Ex 14: **Resumindo**, a abordagem discursiva, apresentada **neste artigo**, aplicada, por exemplo, ao estudo da variação linguística implica que: (i) as variáveis linguísticas são significadas/valoradas socialmente e, por isso, vinculam-se ao processo de constituição das identidades dos sujeitos, o que se evidencia nas relações de valor que os sujeitos estabelecem com as variantes; (ii) em virtude de (i), a variação linguística pode ser vista como lugar de manifestação do discurso.

[AL4]

Entendemos que o gerúndio do verbo “resumir”, esclarece ao leitor o que o autor está fazendo naquele ponto do trabalho, está resumindo ideias apresentadas anteriormente. Assim, evita-se que os profissionais que o leiam interprete o que está sendo apresentado como redundante, por exemplo. O escritor usa outro marcador linguístico, “neste artigo”, para deixar claro que os questionamentos abordados podem apresentar diversos vieses, porém chama a atenção para o que está sendo discutido no trabalho em questão.

O quarto recurso mais utilizado é o de Explicação ou Redizer. Foram encontrados valores numéricos de 15,52 em relação ao uso desse recurso, fazendo-nos inferir que outro ponto quase tão frequente quanto a presença de Frames é a reformulação de determinados tópicos, com o uso de pistas linguísticas indicadoras de explicação como: *ou seja, isto é, em outras palavras*, ou mesmo, o uso de alguma expressão entre parêntese. Assim, vemos que os profissionais de Linguística têm a preocupação – ainda que em menor índice de citar e de usar conectivos – de esclarecer os argumentos desenvolvidos em seus artigos.

O Exemplo 15 mostra a presença do recurso de Explicação em contexto de uso na área de Linguística.

Ex 15: O “fio condutor” na entrevista é o entrevistado e seu discurso, **em outras palavras**, o que interessa, de fato, nesse gênero, é o entrevistado, cujo

discurso, através do enquadramento feito pelo autor, é “encharcado” de valoração, é “desacreditado”, é “contestado” ou “enaltecido”.

[AL9]

No Exemplo 15 o autor usa a expressão “em outras palavras” para fornecer a sua audiência uma explicação adicional e mais específica sobre o que está tratando. Como podemos perceber no texto, o marcador linguístico serve como uma maneira de reforçar o ponto principal de algo dentro de determinado contexto.

Os recursos metadiscursivos que apareceram com menor frequência foram os Endofóricos. Foram encontrados 11,72 recursos Endofóricos a cada 10.000 palavras observadas. Esses recursos metadiscursivos remetem a fatos, tabelas, gráficos, quadros situados em outra parte anterior ou posterior do texto, isto é, eles indicam as situações em que o leitor deve voltar a alguma outra parte do discurso a fim de melhor compreender a argumentação exposta. Ainda que estes sejam os recursos que aparecem com menor frequência na área de Linguística, não vale dizer que não são característicos da área, já que a média não é tão baixa se compararmos ao uso dos marcadores de Frames e de Explicação.

Vejamos o Exemplo 16. Ele esclarece o funcionamento desse tipo de recurso no discurso em um dos nossos artigos.

Ex 16: No corpus desta pesquisa, foram encontradas 36 ocorrências de orações gerundiais adverbiais. **No quadro 1**, apresenta-se a frequência de ocorrência das relações estabelecidas por essas orações.

[AL11].

O quadro 1, referido no exemplo acima, apresenta dados importantes acerca do assunto tratado no artigo. Então, a fim de chamar a atenção do leitor, o escritor o menciona em meio ao texto.

4.2.3. Distribuição do Metadiscurso através das unidades retóricas

Com a junção do estudo dos movimentos das unidades retóricas estruturais e da presença e frequência do metadiscurso encontrados em nossos artigos, entendemos que é interessante a reflexão acerca da distribuição dos recursos

metadiscursivos ao longo desses trabalhos. Para tanto, observamos como eles se distribuíam em todos os artigos que formaram o nosso *corpus* em Linguística. Como as unidades retóricas que compõem a organização estrutural dos artigos diferem muitas vezes em maior ou menor grau, lançamos no quadro abaixo a distribuição feita através das principais seções encontradas na análise de nosso *corpus* de 15 artigos. É importante mencionar que nos artigos que destacam apenas a introdução e têm o restante do texto sem topicalizações, realizamos inferência de acordo com as intenções do autor ao querer introduzir, revisar teorias, expor metodologias ou resultados e discussões ou ainda concluir seu trabalho.

Começamos a análise primeiramente pela distribuição do metadiscurso Interacional para, posteriormente, seguir com o Interativo.

A Tabela 3 nos informa como os cinco recursos Interacionais de metadiscurso se distribuem nas seções retóricas que compõem os nossos artigos.

Tabela 3 – Distribuição dos recursos Interacionais através das unidades retóricas em Linguística.

Recursos Interacionais	Unidades Retóricas										Total	%
	Introd.		R.teor		Metod..		Resu./Discu.		Conc.			
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%		
Aten.	8	11,94	39	14,39	4	19,04	76	26,11	14	19,17	141	19,50
.Refor.	5	7,46	31	11,43	3	14,28	36	12,37	3	4,10	78	10,78
Atit.	0	0	11	4,05	0	0	4	1,37	0	0	15	2,07
Engaj.	5	7,46	98	36,16	2	9,52	49	16,83	24	32,87	178	24,61
Autom.	49	73,13	92	33,94	12	57,14	126	43,29	32	43,83	311	43,01
Total	67	100%	271	100%	21	100%	291	100%	73	100%	723	100%

Ao observarmos os números apresentados pela Tabela 2 nos chama a atenção a maneira como os recursos Interacionais se distribuíram através das unidades retóricas nos artigos de Linguística, já que em cada seção podemos visualizar a distribuição de cada recurso.

Primeiramente percebemos que nas introduções dos artigos os autores utilizaram mais frequentemente a Automenção, isto é, 73,13% do uso de todos os recursos Interacionais foram esses, fazendo-nos inferir que ao iniciar a escrita de seus trabalhos, ao apresentarem-se ao leitor procuram se autopromover através da explicitação de um “eu” discursivo.

Quanto à Revisão teórica vemos que há uma distribuição mais equilibrada entre os Interacionais usados. O recuso de Engajamento aparece aqui, praticamente na mesma proporção do de Automenção, são representados, respectivamente, pelos números percentuais de 36,16 e 33,94. Entendemos que nessa seção a interação escritor-leitor é intensificada, já que, como vimos, o Engajamento representa o auge dessa interação.

Na Metodologia as automenções representam mais da metade do metadiscurso Interacional presente, 57,14%. Entendemos a opção pelo uso maior desse recurso, tendo em vista que é a parte do trabalho onde o escritor conta as etapas que ele próprio seguiu para a realização do estudo. Os outros recursos também são representativos aqui, com destaque para o segundo mais utilizado nesta seção: Atenuador, com 14,39%, revelando, assim, a cautela desses profissionais ao exibirem as etapas seguidas.

Na unidade retórica denominada Resultados e Discussões o destaque ainda é para as Automenções, com um número percentual de 43,29%. Além da considerável utilização dos Atenuadores, 26,11%. Nesse momento entendemos que além de mostrarem-se através de um “eu” explícito, os profissionais vão atenuando as considerações realizadas ao exporem e discutirem seus resultados.

Por fim, temos as Conclusões e nelas os autores novamente fizeram grande uso de Automenção, porém de uma maneira equilibrada se olharmos para a presença de Engajamento, que totalizaram em 32,87%, número percentual bastante aproximado. Assim, esses resultados encontrados nas finalizações mostraram que os profissionais procuraram encerrar seus trabalhos ressaltando suas presenças e também convidando o leitor para se fazer presente também.

Vejamos agora a Tabela 4, que mostra como os recursos Interativos se distribuem através das seções dos artigos que compõem o nosso *corpus*.

Tabela 4 – Distribuição dos recursos Interativos através das unidades retóricas em Linguística.

Recursos Interativos	Unidades Retóricas										Total	%
	Introd.		R.teor.		Metod.		Resu./Discu.		Conc.			
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%		
Trans.	12	9,6	57	10,55	9	11,53	114	21,83	19	23,17	211	15,66
Fram.	28	22,4	30	5,55	19	24,35	51	9,77	28	34,14	156	11,58
Endo.	2	1,6	20	3,70	10	12,82	73	13,98	0	0	105	7,79
Evid.	76	60,8	385	71,29	32	41,02	215	41,18	28	34,14	736	54,63
Expl.	7	5,6	48	8,88	8	10,25	69	13,21	7	8,53	139	10,31
Total	125	100%	540	100%	78	100%	522	100%	82	100%	1347	100%

Como vemos, a tabela acima esclarece como os recursos Interativos se distribuem através de cada seção. Nesse sentido, direcionando um primeiro olhar para as Introduções dos trabalhos, vemos que a predominância dos Evidenciais é notória, mais da metade, 60,8%, seguido pelo uso de Frames, 22,4%. Esses dados nos revelam a tendência em citar já no começo dos artigos e também a característica de situar o leitor, fazendo indicações do que vai acontecendo no trabalho.

Nas Revisões teóricas a predominância dos Evidenciais foi ainda mais notória do que nas Introduções, foram encontradas 71,29% ocorrências. O que era esperado, por ser essa parte dos trabalhos que os autores dedicam à citação de nomes que trabalharam ou trabalham com a temática abordada. Utilizam esse momento para mostrar à audiência a importância do assunto tratado, já que, com as citações uma exposição de nomes experientes na área é feita, dando maior credibilidade a quem cita.

Na Metodologia vemos que os Interativos são mais bem distribuídos. Novamente os Evidenciais predominam, porém em menor quantidade do que nas Introduções e Revisões teóricas. Encontramos uma média total de 41,02% desse recurso. O que nos revela que esses profissionais têm o hábito de fazer citações em embasar a exposição de suas Metodologias. Em seguida, temos um número percentual representativo de Frames, 24,35%, marcando as etapas seguidas para a realização do trabalho.

Na unidade retórica denominada, Resultados e Discussões, os Evidenciais predominam, praticamente, na mesma proporção que na Metodologia. Nessa seção

onde os dados são trabalhados os Evidenciais se fazem presente numa média percentual de 41,18 e em segundo lugar temos o uso das Transições, fazendo o *link* e auxiliando na coesão e coerências dos argumentos lançados.

Por fim, tratemos das Conclusões. Nessa parte dos artigos nos chamou a atenção os números proporcionais dos Evidenciais e dos Frames, que foram exatamente iguais, 34,14. Esses recursos foram seguidos pela utilização das Transições, com 23,17%. O que nos fez enxergar um equilíbrio entre as ações de citar, situar o leitor e manter a unidade lógica entre as cláusulas lançadas.

Seguiremos agora para o próximo capítulo com um estudo sobre a outra comunidade que é nosso alvo de pesquisa: Literatura.

CAPÍTULO 5

A caracterização da comunidade acadêmica de Literatura: uma análise metadiscursiva de artigos científicos.

Como fizemos com a grande área de Linguística, descreveremos a de Literatura seguindo moldes semelhantes. Primeiramente, em uma macroanálise destacamos as características das unidades retóricas que compõem os 15 artigos que formam o nosso *corpus* nessa área (lembrando que assim como ocorreu em Linguística os elementos pré e pós textuais não são analisados). Em seguida, alcançamos uma microanálise, na qual o nosso interesse volta-se mais uma vez para o estudo do metadiscurso, um fenômeno que nos mostra como os escritores usam a linguagem para formular seus argumentos, e o meio que utilizamos nesta dissertação para investigar as principais características retóricas e de engajamento social de diferentes comunidades acadêmicas. Com a microanálise é possível perceber a distribuição global dos diferentes recursos Interacionais e Interativos e ainda como essas duas categorias de recursos metadiscursivos se distribuem através de cada unidade retórica que compõe os artigos.

Através dos recursos Interacionais e Interativos observamos como os escritores, agora de Literatura, guiam, envolvem e interagem, tanto de maneira global quanto por seções dos artigos.

5.1. Uma macroanálise dos artigos em Literatura: como eles são estruturados

Para a realização da macroanálise dos artigos em Literatura novamente é utilizado como ponto norteador o que nos propõe Xavier (2010), tratando das normas da ABNT e o modelo IMRD proposto por Swales (1990). Como já tratamos desses dois modelos no capítulo anterior, podemos perceber que eles são bastante semelhantes, com ressalva para a presença da Conclusão na proposta da ABNT e a ausência no IMRD. No entanto, ambos apresentam suas propostas normativas baseada em divisões de tópicos, que nos serviram de norte a realização de nossa macroanálise.

Quadro 4 – Frequência das unidades retóricas encontradas nos artigos em Literatura.

Modelos encontrados	Nº artigos
.Não apresenta seções marcadas por tópicos específicos.	8
.Introdução (não nomeada) – Discussões a partir de obras literárias específicas.	5
. Introdução (nomeada) – Discussões a partir de obras literárias específicas.	1
.Introdução (nomeada) – Discussões a partir de obras literárias específicas – Conclusão.	1

Ao analisar os resultados apresentados no quadro acima um fator nos chama a atenção primeiramente: a ausência da metodologia, seja sob tópico ou não. Esse fator marca um estilo próprio dos artigos analisados na área de Literatura. Podemos refletir sobre essa questão, relacionado-a aos assuntos que são foco de estudo entre os profissionais que participam dessa comunidade acadêmica, isto é, fazendo uma análise global do nosso *corpus* em Literatura os artigos tratam de análises de obras literárias ou apresentam reflexões sobre aspectos específicos de autores ou de determinados períodos como o Realismo e o Modernismo, por exemplo. Assim, acreditamos que os escritores da área não veem a necessidade de explicitação metodológica para tal abordagem.

Nossos artigos revelam ainda padrões específicos quanto às unidades retóricas sob as quais os artigos estão organizados. Mostram que na grande área de Literatura não é o mais comum encontrarmos artigos que dispõem de seções marcadas por tópicos específicos. Em oito deles não foi possível identificar seções estruturais, são organizados sob o formato de texto corrido, trazendo reflexões teóricas sobre temáticas recorrentes no campo literário, como iluminismo, por exemplo, e apontando características nas obras de autores renomados em meio à comunidade dos profissionais de Literatura, como Schiller. Vemos nesses artigos um começo, meio e fim, implícito em meio às abordagens realizadas, não de maneira explicitamente demarcada por tópicos como nos propõe Swales com seu modelo IMRD e Xavier (2010), que segue as regras da ABNT.

Quando observamos o segundo modelo mais encontrado, que apresenta 'Introdução (não nomeada) – Discussões a partir de obras literárias específicas' como as unidades retóricas identificadas percebemos uma aproximação ao modelo de Swales no sentido de não haver um momento específico para a Conclusão. No entanto, diverge em relação aos demais aspectos como em relação à seção de Metodologia, que diferentemente do que ocorreu com os artigos analisados por Swales, nos nossos não foram identificadas essas seções, nem mesmo momentos dentro do texto em que os autores destacam as etapas seguidas. Consequentemente esse segundo modelo se afasta também da proposta da ABNT apresentada por Xavier (2010), já que esses trabalhos são marcados por um texto introdutório não nomeado, seguido por tópicos que marcam a apresentação das discussões de obras analisadas. Assim vemos uma nítida semelhança entre esse segundo e o primeiro modelo mais encontrado na área, já que ambos unem as unidades retóricas sem dispor de topicalizações, com a única diferença de que o segundo mais frequente deixa enfática uma introdução (ainda que não nomeada), mas perceptível por lançar algum tópico relacionado ao assunto tratado quando começa a lançar suas discussões.

Encontramos também um artigo que apresenta a seção de Introdução topicalizada e em seguida lança suas discussões. Encontramos ainda um artigo que dispõe das mesmas seções retóricas iniciais encontradas nesse último mencionado, 'introdução – discussões', mas com o acréscimo de um tópico que marca a Conclusão. Esse é o único artigo, entre os que compuseram nosso *corpus*, que apresenta uma seção topicalizada de conclusão.

Por fim, tomando como base os artigos do nosso *corpus*, vemos que a comunidade formada pelos escritores de Literatura converge com o estilo estrutural proposto pelo modelo IMRD no ponto de não apresentarem suas conclusões como unidade retórica marcada por tópico. Eles normalmente concluem seus trabalhos ao final das discussões realizadas, assim como ocorreu com os artigos analisados por Swales para a formulação do modelo IMRD. No entanto, divergem desse modelo primeiramente por terem uma tendência em não organizar seus artigos sob tópicos, demarcando as seções; por esse motivo também divergem das normas da ABNT, tratadas por Xavier. Também não apresentam Metodologia, seja topicalizada ou não. Outra peculiaridade que merece ser destacada ainda é a ausência de Resultados, ou seja, como os assuntos que formam os eixos principais dos estudos em Literatura

são essencialmente teóricos, a tendência é não haver a busca por resultados, mas sim por discussões sobre as temáticas tratadas.

No tópico abaixo estudaremos o papel desempenhado por recursos metadiscursivos nos desenvolvimentos das argumentações lançadas por essa comunidade de profissionais.

5.2. Uma microanálise dos artigos: a presença do Metadiscurso

Como foi mencionado no começo deste capítulo, o esquema analítico, tanto em relação ao modelo estrutural quanto no que concerne às bases de análises propriamente dita, seguem os moldes do que foi feito na grande área da Linguística. Vale ressaltar que nossas análises tendem a ser mais sucintas em relação aos “impactos” causados pela presença de cada recurso identificado, tendo em vista que discutimos no capítulo anterior como os escritores de Linguística se posicionam tanto em relação ao conteúdo quanto ao leitor. Como as cargas semânticas (impactos) transmitidas pelos diferentes recursos de metadiscurso não mudam, mas se adaptam ao contexto, às comunidades acadêmicas que as usam não vamos repetir considerações sobre esses recursos apenas a fim de esclarecer suas presenças agora em outro campo do saber: Literatura. Assim, não percamos de vista o foco principal de nossos estudos: a análise é mais uma vez voltada para a identificação de possíveis padrões na escrita das comunidades estudadas, no caso deste capítulo, da comunidade dos profissionais de Literatura.

Então, após a discussão dos resultados encontrados em relação às unidades retóricas dos artigos, isto é, uma análise macroestrutural, faremos o estudo dos recursos metadiscursivos, primeiramente sob uma visão global e depois serão enfatizados a distribuição desses recursos através das seções estudadas anteriormente. Começemos pelo estudo do metadiscurso Interacional.

5.2.1. Recursos Interacionais em 15 artigos

Vamos observar neste momento os resultados encontrados na área de Literatura, sob um total de marcador encontrado a cada 10.000 palavras. O metadiscurso, nesse momento, servirá novamente como indicativo linguístico, que mostrará como se dá a interação entre escritor e leitor diante dos argumentos

lançados, ou seja, como os escritores que pertencem à comunidade acadêmica de Literatura utilizam-se de determinados marcadores linguísticos a fim de antecipar as necessidades de seus potenciais leitores, envolvendo-os, promovendo uma espécie de “conversa”.

Vejamos a Tabela 5. Ela nos mostra os resultados encontrados em todo o *corpus* da área de Literatura:

Tabela 5 – Recursos metadiscursivos Interacionais em 15 artigos de Literatura (por 10.000 palavras).

Área	Revistas de Literatura	Total de palavras	Total de ocorrências dos recursos	INTERACIONAIS				
				Aten.	Refor.	Atit.	Engaj.	Autom.
LITERATURA	Estudos de Literatura Brasileira	22.976	15,63	7,83	9,58	0,87	10,45	26,11
	Matraga	29.390	31,26	14,97	20,76	0,34	41,85	7,83
	Revista brasileira de Literatura Comparada	28.237	23,57	8,15	13,46	1,06	26,56	18,06
TOTALIZAÇÕES LITERATURA		80.603	70,47	10,55	15,01	0,74	27,54	16,62

Olhando para os dados encontrados, identificamos os recursos de Engajamento como os mais frequentes nos artigos de Literatura (27,54 por 10.000 palavras). Eles aparecem nesses artigos, principalmente, representados por verbos e pronomes em 1ª pessoa do plural. Em muitos casos na área de Literatura foi necessário atentar para a existência de um *nós inclusivo* ou *exclusivo* a fim de distingui-los dos recursos de Automenção em artigos escritos por apenas um autor, que tem como estilo fazer menção a si através do *nós exclusivo*. Vejamos o exemplo abaixo, que traz o uso desse recurso e exige de nós leitores um entendimento através do contexto de que se trata de um *nós inclusivo* (que inclui o leitor).

Ex 17: A noção de grotesco impõe-se também, na obra do poeta pernambucano, se **considerarmos** um dos temas recorrentes em sua poesia, ou seja, a morte e os aspectos que lhe são contíguos: velório, defunto, funeral, cemitério.

[A.TL2].

É importante esclarecer que o artigo do qual foi extraído esse exemplo foi escrito por apenas uma pessoa, porém essa informação não é suficiente para identificarmos o verbo “considerar” como inclusivo, isto é, como marcador do recurso de Engajamento. Essa identificação é realizada ao analisarmos o contexto que o circunda; a condição para a imposição do grotesco na obra do poeta Pernambucano é que todos nós (tanto quem escreve como quem ler) tenhamos a consideração de algo, ou seja, de um dos temas recorrentes em sua poesia.

Outro ponto a ser destacado é que a cada 10.000 palavras observadas nos artigos, 16,62 representavam o metadiscorso de Automenção. Através desse recurso metadiscursivo o escritor projeta-se claramente diante do que argumenta através de pronomes ou verbos em primeira pessoa como podemos ver no exemplo abaixo:

Ex 18: Não é **nossa** intenção, aqui, tratar, de modo exaustivo, o grotesco na obra de João Cabral.

[A.TL2].

O Exemplo 9 é um trecho extraído do mesmo artigo que tiramos o exemplo anterior, o exemplo 8. Percebemos aqui que o uso de “nossa”, pronome possessivo em primeira pessoa, está fazendo referência à intenção pretendida naquele trabalho em relação ao grotesco, uma das características estudadas. Nesse caso temos um “nós” exclusivo, já que quem decide as intenções pretendidas em um determinado trabalho é unicamente seu autor.

Ainda vale a pena atentar para a notória disparidade entre os recursos de Automenção e os primeiros mais encontrados, os de Engajamento, que tiveram um número total de ocorrências de 27,54, como vimos. Essas totalizações de recursos de Engajamento e Automenção encontradas em Literatura nos levam a pensar na justificativa que remete ao objeto de estudo da área. Como os artigos tratam de temas mais subjetivos (análises de obras literárias, movimentos literários específicos...), os recursos linguísticos utilizados com maior frequência são estratégicos para que haja, no discurso, o reconhecimento da presença dos leitores, chamando-os para um compartilhamento de ideias ao longo do argumento e pedindo-lhes a atenção. Assim, primeiramente vemos no discurso desses

profissionais a prioridade no “leitor”, para de maneira menos frequente, aderir ao “eu” discursivo.

O Exemplo 19 ilustra a presença dos recursos de Automenção e de Engajamento em um dos nossos artigos de Literatura. Os verbos destacados representam Automenção e Engajamento, respectivamente.

Ex 19: **Refiro-me** aqui ao “verso liberto”, muito praticado pela primeira geração modernista, em particular Eliot e Wallace Stevens. **Vejamos**, a título de exemplo, “The emperor of ice-cream”, de Stevens.

[A.TL7].

O terceiro recurso mais usado nessa área foi o dos Reforçadores. Como podemos ver pelos números da tabela acima, foram encontrados 15,01 recursos Reforçadores a cada 10.000 palavras. Total bastante próximo ao que encontramos para os recursos de Automenção (16,62, como vimos). Na comunidade acadêmica formada pelos profissionais de Literatura, vemos que a Automenção fica em segundo lugar e no que concerne ao número de ocorrências está quase equiparada à presença do Reforçador. Esse uso evidenciado dos Reforçadores indica a existência de um argumento apoiado na certeza, na convicção. O escritor é firme e enfático ao compartilhar os argumentos lançados. E, nesse sentido podemos continuar relacionando esse novo dado ao foco de estudo da área. Já que são discussões de temáticas mais subjetivas, há um amplo leque de possíveis interpretações. Assim, a probabilidade de o escritor ter seus argumentos refutados é menor, já que a alta utilização dos reforçadores implica certeza por parte de quem desenvolve o argumento. Vejamos o Exemplo 20, que mostra o uso desse recurso:

Ex 20: No entanto, a presença do anacronismo **jamais** tirará a força do romance, que reside na maneira oscilante como Bento conta sua história. Trata-se de uma acusação contra Capitu ou de uma confissão de arrependimento por injustiça cometida? **Com efeito**, trata-se de uma peça contra Capitu, disfarçada de retrato moral e isento da mulher, mas escrita de tal maneira por Machado, que cria no leitor de qualquer época a suspeita de haver outra verdade escondida nas entrelinhas.

[A.TL15].

Os recursos Reforçadores são identificados no exemplo acima através da presença de dois marcadores linguísticos: o primeiro trata-se do advérbio “jamais” e o segundo da expressão adverbial “com efeito”. Como percebemos pelo contexto apresentado, o uso do primeiro marca um posicionamento pessoal do autor e o segundo é utilizado para reforçar existência de um dilema que é bastante conhecido em meio aos estudos literários, a possível traição de Capitu.

Os recursos Atenuadores têm uma presença média de 10,55 por 10.000 palavras. Chamou atenção o total de ocorrências desses recursos em relação à dos Reforçadores presentes na escrita dessa área. Os Atenuadores são recursos metadiscursivos que transmitem uma carga semântica oposta à dos Reforçadores. Ambos estão relacionados à força calculada pelos escritores para lançar uma informação. A atenuação, ao contrário do uso dos Reforçadores, demonstra imprecisão e até dúvida, revelando certa modéstia por parte do escritor e evitando confrontos diretos entre colegas da área. Comparando ao uso dos Reforçadores, vemos que essa estratégia é menos priorizada na escrita desses profissionais.

O Exemplo 21 mostra o uso da atenuação na área.

Ex 21: **Talvez**, em O Rio, a noção de aniquilamento do mundo – que é percebida numa visão de conjunto da obra, graças à presença de imagens ou de situações grotescas isoladas, disseminadas ao longo do texto – tenha seu impacto diminuído, em virtude de esse texto ser um longo poema narrativo.

[A.TL2].

Sabemos que o advérbio “talvez” anuncia possibilidade, incerteza, dúvida. No exemplo citado ele marca uma atenuação na elaboração da análise hipotética da obra literária O Rio. No entanto, devemos reforçar que na área da Literatura, diante de análises desse tipo o mais comum é a utilização de recursos metadiscursivos Reforçadores, como vimos anteriormente.

Por último, salientamos o total baixíssimo de recursos de Atitude identificados a cada 10.000 palavras, 0,74. Como ficou esclarecido na análise dos recursos metadiscursivos em Linguística, a baixa utilização dos recursos de Atitude remete à carga semântica transmitida por eles. Deixam transparecer o lado afetivo do escritor perante as proposições discursivas. Através desse recurso o escritor expressa emoções como surpresa, concordância, frustração e julgamento, tornando mais

explícito seu posicionamento, e deixando assim, o profissional mais propício à recepção de críticas, de não ter seus argumentos aceitos. O Exemplo 22 esclarece o funcionamento dessa categoria em um dos artigos analisados.

Ex 22: Assim Borges, **ironicamente**, retrata o tradutor ideal como aquele que faz coincidir palavra por palavra, linha por linha.

[A.TL2].

A presença do advérbio “ironicamente” transmite ao contexto exposto acima um caráter sarcástico. Ao discorrer sobre um ponto de vista de Borges o autor mostra-se surpreso, posicionando-se claramente em relação às ideias do autor citado.

No tópico seguinte veremos os resultados acompanhados de suas discussões referentes à outra categoria de metadiscorso em relação à grande área de Literatura: a dos recursos Interativos. Novamente, será utilizada a organização esquemática apresentada na análise dos artigos produzidos na comunidade de Linguística, utilizando o critério de buscar o total de ocorrências de cada recurso encontrado a cada 10.000 palavras.

5.2.2. Recursos Interativos em 15 artigos

O metadiscorso, agora, servirá novamente como indicativo linguístico para caracterizarmos a escrita acadêmica dessa comunidade de profissionais, mas dessa vez para mostrar como os escritores guiam seus leitores através do uso de diferentes recursos Interativos. Esses recursos funcionam como norteadores para que os leitores não “se percam” ao decorrer das argumentações apresentadas pelo escritor.

A tabela a seguir apresenta os resultados gerais e específicos de cada tipo de recurso Interativo encontrado:

Tabela 6 – Recursos Metadiscursivos Interativos em 15 artigos de Literatura (por 10.000 palavras).

Área	Revistas de Literatura	Total de palavras	Total de ocorrências dos recursos	INTERATIVOS				
				Expl.	Trans.	Fram.	Endof.	Evid.
LITERATURA	Estudos de Literatura Brasileira	22.976	30,15	5,22	18,28	8,27	4,35	69,64
	Matraga: estudos linguísticos e literários	29.390	40,20	13,27	26,88	10,89	7,15	52,06
	Revista brasileira de estudos comparados	28.237	41,81	2,73	9,43	2,73	1,12	25,81
TOTALIZAÇÕES LITERATURA		80.603	112,15	9,06	24,44	9,06	4,96	64,64

Observando os dados encontrados, identificamos os recursos Evidenciais como os mais frequentes nos artigos de Literatura. Eles aparecem num total de 64,64 por 10.000 palavras, fazendo-nos entender a ênfase dada à prática de citação na escrita acadêmica dos profissionais de Literatura. Ainda que em muitos dos artigos não tenhamos as seções estruturais definidas, e sim textos corridos, os autores costumam valer-se das mais variadas formas de citação no momento em que fazem uma revisão da literatura relacionada à temática em questão, conforme já era o esperado ao pensarmos que através dos recursos Evidenciais os escritores mostram que conhecem de fato o assunto e a importância do mesmo, apresentando outros nomes que se dedicaram àquela temática.

Os Exemplos 23 e 24 ilustram a presença dos recursos Evidenciais em nossos artigos de Literatura.

Ex 23: **Como escreve Lênia Márcia de Medeiros Mongelli**, “pela própria organização de sua estrutura, frontalmente compromissada com a superfície da vida, a novela, ao enfocá-la pelo episódico e pelo factual, resulta numa multiplicidade de ações apresentadas de forma rápida e variada” (MONGELLI, 1983, p.14).

[A.TL14].

Ex 24: Na perspectiva dos estudos culturais, a leitura se torna eficiente quando acrescenta aos elementos estéticos o debate de uma prática inclusiva e de aceitação da diferença e da diversidade cultural (**HALL, 1999**).

[A.TL8].

Os Exemplos 23 e 24 nos mostram duas maneiras diferentes de citar. No primeiro o autor do artigo insere a citação em meio ao texto, uma estratégia que dá uma maior ênfase ao nome citado, enquanto que no segundo temos uma paráfrase e a identificação autoral logo ao final, a ênfase neste caso recai sobre o conteúdo tratado. No entanto, em ambos os casos o uso da citação de autores já conhecidos na área deixam a argumentação lançada bem mais consistente.

O segundo recurso mais usado nessa área foi o de Transição, um total de 24,44 a cada 10.000 palavras. Essa característica de ter as Transições como o segundo recurso mais utilizado está diretamente relacionado ao resultado encontrado quanto à estrutura na maioria dos artigos de Literatura, isto é, podemos pensar que a utilização marcada pelo segundo lugar seja uma necessidade de os escritores organizarem melhor seus argumentos por não valerem em muitos casos de unidades retóricas marcadas por tópicos em seus trabalhos. Assim, as sentenças são organizadas de modo que o leitor consiga facilmente fazer o *link* entre as ideias lançadas. O exemplo a seguir mostra o uso desse recurso:

Ex 25: Esta proposta destaca a importância da agudização crítica na formação do leitor. Isso se torna fundamental, pois o debate em torno da leitura interdisciplinar pede uma postura politizada por parte de professores e alunos. **Mas**, antes de ser politizado, o leitor deve ser capaz de entender as especificidades do texto literário. Para esse tipo de ensino, prioriza-se a questão de “como” os elementos culturais estão representados na ficção. **Assim**, estamos falando de um leitor politizado, de um leitor que é consequência de uma pedagogia inclusiva, de uma pedagogia que privilegia a formação cultural do leitor.

[A.TL3].

As conjunções “Mas” e “Assim” estabelecem conexão entre as ideias apresentadas. A primeira estabelece uma relação adversativa, o que faz com que o escritor tenha o espaço de destacar alguma ressalva quanto ao que vem tratando. A

segunda transmite uma carga semântica de conclusão, dando a oportunidade de haver um fecho de ideias em determinados momentos do texto.

Os recursos de Frames e os de Explicação, surpreendentemente, apresentam o mesmo total de ocorrências a cada 10.000 palavras. Essa característica revela mais uma estratégia dos escritores para não “perder” a atenção de seus leitores, mostrando a tendência dos profissionais de Literatura em situar a audiência ao longo do texto, usando os frames e de reexplicar determinados tópicos ao utilizar os recursos de explicação. Nas duas situações o objetivo maior do escritor é não deixar o leitor “se perder” ao longo do texto e esclarecer os argumentos desenvolvidos.

Os Exemplos 26 e 27 mostram o funcionamento dos recursos de Frames e de Explicação na área.

Ex 26: **Em suma**, podemos dizer que o século XVIII apresentou uma das maiores rupturas epistemológicas do pensamento ocidental.

[A.TL11].

Ex 27: Tal disputa (**descrita por Borges também em “Las versiones homéricas”**) ainda hoje reflete as posições assumidas pelos teóricos: se a tradução deve ser fiel às palavras, ao texto ou ao espírito da obra original, uma vez que as posições são antagônicas e não é possível ser fiel a ambas.

[A.TL10].

No Exemplo 26 o escritor sintetiza as ideias lançadas através do marcador linguístico “Em suma”. Expressão indicadora de síntese, resumo, isto é, caso o leitor não tenha entendido o que foi explicado anteriormente terá uma nova oportunidade para absorver, já que a mesma ideia será exposta de maneira resumida. Quanto ao Exemplo 27, temos o recurso de Explicação ou Redizer, através do qual o escritor abre um parêntese para esclarecer algo relacionado ao que está sendo tratado, no caso acima temos uma abordagem sobre tradução baseada em Borges e na explicação o autor lembra outra obra de Borges que trata da mesma disputa.

Os recursos Endofóricos têm como função primordial indicar a existência de figuras, tabelas ou exemplos que o leitor encontrou ou vai encontrar no trabalho, e que, portanto serão cruciais para a compreensão em determinado momento. Esses recursos não são comuns na escrita dos profissionais de Literatura, já que

difícilmente eles trabalham com gráficos, quadros, desenhos ou tabelas, já que não é comum ter resultados para discutir em Literatura. Na maioria das vezes, aparecem nessa área para fazer referência a algum exemplo importante em determinado contexto ou para se referir a algo que está em outra seção.

O Exemplo 28 esclarece o funcionamento dessa categoria em um dos artigos analisados.

Ex 28: **Na tabela abaixo**, o símbolo [-] indica uma sílaba átona final que se funde com a primeira sílaba átona do verso seguinte, e na coluna da direita assinalamos algumas recorrências sonoras utilizando uma notação fonológica simplificada, de cunho estruturalista, em que as maiúsculas denotam arquifonemas.

[A.TL7].

Ao utilizar a expressão “na tabela abaixo” o autor do artigo remete à outra parte do texto (uma tabela), que será de grande importância para a compreensão do que será explicado.

No tópico seguinte veremos como os recursos metadiscursivos, tanto Interacionais como Interativos, se distribuem ao longo dos trabalhos analisados.

5.2.3. A distribuição do Metadiscurso nos artigos analisados

A fim de investigar o contexto linguístico em que os recursos metadiscursivos são usados faz-se necessário um estudo sobre a maneira como eles se distribuem ao longo dos artigos acadêmicos. Tomando como base o modelo estrutural proposto por Swales (1990), o IMRD, e as normas da Associação Brasileira de Regras e Normas, ABNT, para elaboração de artigos científicos, apresentadas por Xavier (2010) sentimos a necessidade de uma adaptação em relação às unidades retóricas que compõem os artigos. Como vimos em nossa macroanálise não identificamos em nenhum dos trabalhos analisados seções dedicadas à Revisão teórica e à Metodologia. Então nossas tabelas, que mostram a frequência de uso dos recursos Interacionais e Interativos em cada seção identificada, não apresentam essas duas seções, como veremos a seguir.

Ao voltarmos nosso olhar para a distribuição dos recursos Interacionais através das principais unidades retóricas identificadas nos trabalhos é interessante

observar a Tabela 7. Ela mostra a recorrência de uso dos recursos Atenuador, Reforçador, de Atitude, de Engajamento e de Automenção em cada seção que compõe alguns dos artigos da área. Ainda vale destacar que, como a maior parte dos artigos de Literatura não apresenta topicalizações, esse tipo de estudo foi feito através de uma análise intuitiva de acordo com as inferências realizadas a respeito das intenções do autor ao querer introduzir, desenvolver discussões ou concluir seus trabalhos.

Tabela 7 - Distribuição dos recursos Interacionais através das unidades retóricas em Literatura.

Recursos	Unidades Retóricas						Total	%
	Introdução		Discussões		Conclusão			
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%		
Aten.	10	9,25	64	15,45	14	11,76	88	13,72
.Refo.	19	17,59	91	21,98	21	17,64	131	20,43
Atit.	0	0	5	1,20	1	0,84	6	0,93
Enga.	30	27,77	178	42,99	26	21,84	234	36,50
Auto.	49	45,37	76	18,35	57	47,89	182	28,39
Total	108	100%	414	100%	119	100%	641	100%

Na grande área de Literatura não é cabível tratarmos nossos dados apresentados na Tabela 7 como pertencentes a cada seção. Aqui quando nos referimos à introdução, às Discussões ou à Conclusão estamos tratando das intenções ao escrever o que escreve em determinado momento, seja no começo, meio ou fim dos trabalhos. Dessa maneira, passemos às nossas análises.

Ao introduzirem seus trabalhos os profissionais de Literatura fazem mais uso dos recursos de Automenção, totalizando uma média percentual de 45,37% nesse momento da escrita do trabalho. Podemos observar também que os recursos de Engajamento e os Reforçadores têm uma média percentual de uso considerável no começo dos trabalhos, sendo representados pelos valores percentuais de 27,77% e 17,59, respectivamente. Com esses valores percebemos que os escritores de Literatura tendem a se autopromover através da presença de um “eu” explícito, tendem também, embora com menos frequência, a convidar diretamente o leitor

para compartilhar das ideias iniciais expostas, costumando ainda ser enfáticos em seus posicionamentos iniciais.

No desenvolvimento dos artigos dessa área, o que chamamos aqui de Discussões, percebemos que os profissionais deram destaque maior para o recurso de Engajamento; encontramos uma média de 42,99%. Em seguida, tivemos a presença notável de Reforçadores (21,98%), seguidos pelo recurso de Automenção (18,35). Os números nos mostram que houve uma inversão no uso dos recursos em relação ao que encontramos na Introdução. Nesse momento em que os autores lançam as interpretações e discussões de suas análises eles tendem a, primeiramente, promover um engajamento com sua audiência, em seguida, observamos a característica de lançar proposições enfáticas e também de se mostrarem como pessoas do discurso.

Nas finalizações de seus artigos os autores da área de Literatura utilizam mais frequentemente os recursos de Automenção. Com uma média percentual de 47,89% eles estão mais presentes nas conclusões dos trabalhos do que em outros momentos observados, como Introdução e Discussões. O segundo recurso mais identificado nos finais dos artigos foi o de Engajamento (21,84) e o terceiro, o Reforçador (17,64). Assim, entendemos que ao finalizarem seus trabalhos os profissionais de Literatura têm como ação mais perceptível a de mostrarem-se através de um “eu” discursivo, depois focam no diálogo com o leitor e ainda tendem a reforçar seus últimos posicionamentos.

Vejamos neste momento esquema analítico semelhante, porém tomando como foco a presença da outra categoria de recursos metadiscursivos estudada: a dos Interativos, mais precisamente, como eles se distribuem através das três unidades retóricas que identificamos nessa área: Introdução, Discussões e Conclusão.

Tabela 8 – Distribuição dos recursos Interativos através das unidades retóricas em Literatura.

Recursos	Unidades Retóricas						Total	%
	Introdução		Discussões		Conclusão			
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%		
Trans.	29	16,57	159	23,14	9	21,42	197	21,79
Fram.	23	13,14	42	6,11	8	19,04	73	8,07
Endo.	3	1,71	34	4,94	3	7,14	40	4,42
Evid.	106	60,57	397	57,78	18	42,85	521	57,63
Expl.	14	8	55	8	4	9,52	73	8,07
Total	175	100%	687	100%	42	100%	904	100%

A Tabela 8 nos apresenta os dados quantitativos e percentuais de cada recurso Interativo em cada unidade retórica identificada. Voltamos a lembrar que na maioria dos artigos que fizeram parte do nosso *corpus* em Literatura não apresentam seções explicitamente demarcadas, o que nos fez inferir, muitas vezes o começo e o término dessas seções.

Nas Introduções dos trabalhos dessa área podemos notar a maior frequência na utilização do metadiscorso Evidencial. Esse recurso representa 60,57% entre todos os outros analisados nessa parte dos artigos, sendo distante do segundo mais usado, o de Transição, representado por uma média percentual de 16,57%, como vemos, distante da média relacionada ao primeiro mais recorrente. Entendemos com isso que os profissionais de Literatura recorrem à prática de citação como o principal recurso usado no momento inicial de seus trabalhos.

Ao desenvolverem suas Discussões os escritores mais uma vez optaram pelo uso mais frequente dos Evidenciais, com uma média percentual de 57,78%. Surpreendentemente, um valor um pouco mais baixo do que o que identificamos nas Introduções (60,57%, como vimos). A diferença percentual é pouca, porém como sabemos que a unidade retórica que aqui chamamos “Discussões” representa a maior entre as demais, o esperado é que o valor fosse maior. Outro motivo para a expectativa inversa ao que ocorreu em relação ao Evidenciais é o fato de que os autores dos trabalhos que formaram nosso corpus não optaram pelo uso de uma

seção que indicasse as revisões das teorias trabalhadas. Essa “revisão teórica” normalmente estava inserida nas discussões apresentadas.

Por último, mais uma vez identificamos um maior interesse pelos Evidenciais nas finalizações dos artigos. Observamos um valor médio de 42,85% de uso desse recurso em detrimento dos outros. Foi possível notar também que o recurso de Transição se fez presente em segundo lugar e com um número percentual de 21,42%. Esses resultados nos fazem entender que os profissionais de Literatura têm como característica a prática de citar também quando estão encerrando seus trabalhos, nesse momento eles também têm a preocupação de usar *links* a fim de promover sentido ao texto, não deixando assim que o leitor se “perca”.

Finalmente encerramos nossas considerações a respeito da escrita dos profissionais da comunidade acadêmica de Literatura. E chamamos o leitor para uma análise comparativa entre as principais características encontradas na escrita de Linguística e Literatura.

CAPÍTULO 6

Análise comparativa entre as comunidades acadêmicas de Linguística e Literatura.

Neste último capítulo de análises pretendemos tornar mais enfáticas as semelhanças e diferenças encontradas após as análises de cada comunidade separadamente. Trata-se de uma análise comparativa da escrita acadêmica dos dois grupos de profissionais estudados neste trabalho: os profissionais de Linguística e os de Literatura.

Iniciamos nossas análises por um estudo comparativo das unidades retóricas que marcaram presença nos artigos. Nesse tópico serão enfatizados os eixos principais que caracterizaram as macroanálises de ambas as áreas que desenvolvemos nos capítulos 4 e 5, destacando aspectos como o objeto de estudo em cada área, além de um estudo comparativo relacionado as unidades retóricas que constituíram os artigos. No tópico seguinte serão comparados traços da escrita das comunidades de profissionais em foco. Esses traços estão relacionados à microanálise que desenvolvemos anteriormente, momento em que as atenções se voltam ao impacto proporcionado pela frequência de uso de cada recurso metadiscursivo estudado, tanto os que pertencem à categoria dos Interacionais quanto os que fazem parte da categoria dos Interativos.

Para realizar o estudo comparativo esclarecemos que seguimos a ótica dos pressupostos teóricos utilizados para a identificação das unidades retóricas e das análises metadiscursivas realizadas, isto é, mais uma vez traremos à tona discussões embasadas nas concepções de autores como Swales (destaque para o modelo IMRD) e de Hyland, (modelo de metadiscorso Interativo e Interacional).

6.1. Estudo comparativo das unidades retóricas encontradas.

Como vimos nos capítulos 4 e 5 iniciamos a análise do nosso *corpus* com um estudo sobre as unidades retóricas que compõem os artigos. A estrutura global dos artigos nos revela características, como principais objetos de estudo na área e os modos mais recorrentes como as ideias, os conteúdos estudados são organizados. Essa análise maior proporciona também o esclarecimento de um contexto linguístico e situacional em que são usados os recursos metadiscursivos. Nesse sentido

destacamos dois pontos chaves observados através da macroanálise realizada em ambas as áreas.

1. **O objeto de estudo:** esse primeiro ponto já era esperado. Embora Linguística e Literatura sejam dois ramos de interesse comum aos profissionais do curso de graduação em Letras, na pós-graduação – momento em que se adquire maior autonomia profissional – esses dois campos de estudo são compostos de duas diferentes comunidades de profissionais. Enquanto os linguistas dedicam-se a estudos científicos relacionados às nuances que envolvem a linguagem humana, os profissionais de literatura tomam como foco questionamentos sobre momentos literários ou possíveis interpretações sobre obras específicas e seus autores.
2. **Unidades retóricas marcadas por tópicos:** Para analisar as unidades estruturais dos artigos tomamos como pontos bases as fórmulas propostas por Xavier (2010) a respeito das normas da ABNT e também o modelo IMRD. Vale destacar primeiramente que nem nos artigos de Linguística nem nos de Literatura encontramos as unidades retóricas demarcadas por uma seção nomeada de introdução, seguida por outra nomeada de desenvolvimento (de acordo com a ABNT aqui aparece um tópico para material e métodos ou simplesmente metodologia, resultados, discussão) e uma última intitulada de conclusão, como nos propõe o esquema da ABNT para a elaboração de artigos acadêmicos. Também não encontramos artigos que seguissem à risca os tópicos mencionados pelo modelo IMRD (introdução, metodologia, resultados e discussão). Tanto os trabalhos de Linguística quanto os de Literatura não costumam dispor de seções nomeadas da maneira como os manuais apresentam. Dessa maneira, essas seções foram identificadas sob as mais diversas nomenclaturas. Em Linguística percebemos maior variedade de unidades retóricas utilizadas pelos escritores, mas a maioria, como vimos no capítulo 4, utilizou-se principalmente dos esquemas “Introdução – Revisão teórica – Metodologia – Resultados e discussão – Conclusão” e “Introdução – Revisão teórica – Resultados e discussão – Conclusão”, enquanto na área de Literatura a variedade estrutural dos artigos existiu, porém menos notável que em Linguística, prevalecendo os artigos escritos sob o formato de texto corrido, isto é, artigos que não apresentam seções marcadas por tópicos específicos. Entendemos que o resultado da nossa macroanálise em ambas

as áreas esteja diretamente relacionado ao objeto de estudo de cada um dos campos de conhecimento. Vejamos algumas observações em relação a cada uma das principais seções propostas por Xavier (2010), baseando-se na ABNT. Essas unidades retóricas são observadas em muitos dos artigos das duas áreas.

- a. Introdução: a seção de Introdução é a mais recorrente nos artigos. Na maioria das vezes aparece topicalizada, seja com essa mesma nomenclatura ou com outra que demarque a presença de introdução tanto em Linguística quanto em Literatura.
- b. Metodologia: A seção de Metodologia aparece topicalizada na maioria dos artigos de Linguística, seja após a Introdução ou seguindo a Revisão teórica; em outros faz parte da própria Introdução sem nomeação e há casos em que está inserida na seção dos Resultados e Discussão, sem tópico que a marque. Nos artigos de Literatura uma discussão da metodologia simplesmente não aparece.
- c. Revisão teórica: Em nenhum de nossos artigos a seção de Revisão teórica usa essa nomenclatura. Destacamos essa unidade retórica a partir de tópicos, cujas nomenclaturas são específicas do assunto tratado. Tanto os profissionais de Linguística como os de Literatura praticamente não discutem teorias, apenas destacam estudos e autores renomados da área que apresentam relação com o assunto tratado. A diferença é que em Linguística os autores destacam esse ponto do trabalho como uma seção e em Literatura ela se apresenta como uma continuação da introdução ou inserida em meio às discussões desenvolvidas, sem uso de tópicos para destacá-la.
- d. Resultados e Discussão: Primeiramente é válido dizer que Resultados foram encontrados apenas em Linguística. Em Literatura o que determinamos como pertencentes à seção de Resultados e Discussão são as interpretações acerca de obras, autores ou períodos literários analisados pelos autores dos trabalhos. Assim, na maioria dos artigos de Linguística encontramos resultados marcados por tópicos, enquanto que em Literatura o que temos são discussões, interpretações dos assuntos tratados.

- e. Conclusão: O olhar para a seção de Conclusão nas duas áreas estudadas nos chama a atenção para o fato de que em Linguística os escritores costumam demarcá-la por tópico (apenas em dois deles isso não acontece). Já nos artigos escritos pelos profissionais de Literatura a conclusão costuma ocorrer ao final das discussões lançadas sem que se faça uso de tópicos.

Por fim, percebemos que os profissionais de Linguística tendem a se aproximar mais das normas da ABNT apontadas por Xavier (2010) e um pouco menos do modelo encontrado por Swales (1990), o IMRD. Enquanto os de Literatura são mais intuitivos, não costumam topicalizar seções, distanciando-se bastante dos referidos modelos. Enquanto em Linguística geralmente temos as seções: Introdução, Revisão teórica, Metodologia, Resultados e Discussão e Conclusão; em Literatura temos: Introdução, Discussões e Conclusão, que são observadas intuitivamente, já que raramente são demarcadas.

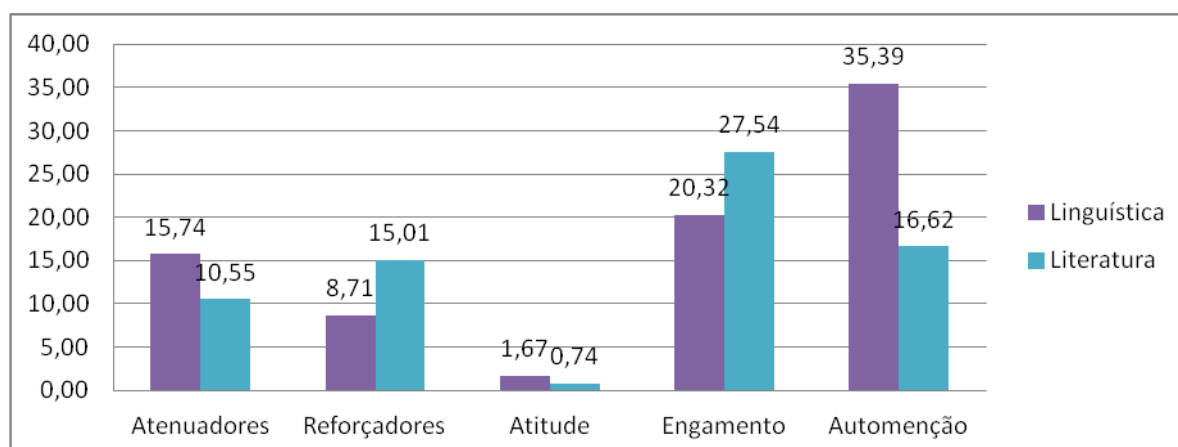
6.2. Recursos Interacionais e Interativos: análise comparativa

Em meio às diversas discussões acerca do papel do metadiscurso na escrita acadêmica damos ênfase em nossas análises ao modelo de metadiscurso Interacional e Interativo. Nos capítulos 4 e 5 desta dissertação realizamos uma microanálise relacionada à escrita de artigos científicos dos profissionais de Linguística e de Literatura, respectivamente, focando nesse modelo que divide o metadiscurso nessas duas categorias. Então, depois de utilizarmos o metadiscurso Interacional e o Interativo para estudar as características da escrita de cada comunidade de profissionais separadamente, nos apoiamos agora nessas mesmas categorias para entendermos as principais semelhanças e diferenças entre a escrita de cada grupo de profissionais e assim, atingir o nosso objetivo principal neste trabalho: fazer um estudo comparativo sobre a escrita das comunidades acadêmicas de Linguística e de Literatura.

6.2.1. Comparação entre cada recurso Interacional em ambas as áreas

Começamos nossa análise comparativa, tomando como norte o metadiscorso Interacional, isto é, destacaremos neste tópico a recorrência de uso dos recursos Atenuadores, Reforçadores, de Atitude, Engajamento e Automenção nos artigos das duas áreas estudadas. Para tanto, vale a pena um olhar analítico para o gráfico abaixo, que nos lembra os números de cada recurso identificado em Linguística e em Literatura a cada 10.000 palavras observadas. Com ele teremos uma visão comparativa mais evidente quanto à frequência de uso dos recursos Interacionais nos 30 artigos analisados.

Gráfico 1 – Recursos Interacionais por área por 10.000 palavras.



Ao realizarmos uma avaliação comparativa de cada recurso Interacional encontrado em cada uma das áreas o gráfico acima nos fornece os dados de uma maneira evidente, notória. Nesse sentido, é interessante atentar para as peculiaridades que circundam o uso de cada um dos recursos, começando pelo recurso de Automenção, que tem o maior destaque em nosso gráfico. Vale ressaltar ainda que ao tecermos comentários sobre os dados apresentados no gráfico, traremos à tona também as principais peculiaridades observadas em relação à presença de cada recurso estudado.

Automenção: nos chama a atenção a grande utilização dos recursos de automenção observados na escrita dos profissionais de Linguística (317 pistas linguísticas indicadoras de automenção). São os primeiros mais usados na área enquanto que em Literatura eles aparecem em segundo lugar (134). Em contextos de uso esse recurso reflete o objeto de estudo de cada campo, ou seja, em

Linguística, ao tratar de aspectos próprios da linguagem os autores dos nossos artigos utilizaram mais frequentemente marcadores linguísticos indicativos de Automenção do que em Literatura. Os linguistas recorrem à Automenção, como recurso Interacional primordial, em suas Introduções, Metodologias, Resultados e Discussões e Conclusões. Apenas nas Revisões teóricas as Automenções perdem o primeiro lugar em relação ao uso para os Engajamentos, no entanto ficam bem próximas em números percentuais; foram 33,94% de Automenções e 36,16% de Engajamentos encontrados nessa seção. Em Literatura a Automenção é o recurso mais utilizado nas Introduções e Conclusões dos trabalhos, porém tem seu uso diminuído nos desenvolvimentos dos trabalhos. Entendemos que o menor uso de Automenção em Literatura do que em Linguística esteja relacionado ao foco de estudo dos profissionais de Literatura, como tratam de temáticas subjetivas os escritores são mais sutis e cautelosos ao fazerem uso de Automenção.

Engajamento: Os Engajamentos foram os primeiros mais recorrentes em Literatura e os segundos mais usados em Linguística. Os profissionais de Literatura fizeram grande uso desse recurso durante as discussões que desenvolviam, encontramos uma média de 42,99% de Engajamento nesse momento dos artigos, número percentual distante do segundo mais usado no momento das Discussões, que foi a Automenção, 18,35%. Já os linguistas fizeram grande uso do recurso de Engajamento principalmente nas seções de Revisão teórica, na qual foram os primeiros mais usados, como vimos ao discutir os de Automenção, e também nas Conclusões, onde tiveram um número percentual de 21,84%, ficando em segundo lugar de uso. Esse resultado nos leva a dizer que os profissionais de Literatura tendem a estabelecer diálogos com a audiência ao desenvolverem seus argumentos, enquanto os de Literatura tornam esse diálogo mais enfático no momento da Revisão teórica.

Os Atenuadores: Esses são os terceiros que identificamos com maior frequência na área de Linguística e os quartos em Literatura, com os números de 15,74 e 10,55 a cada 10.000 palavras, respectivamente. Os linguistas usam o recurso Atenuador com maior frequência nas seções de Introdução, Metodologia e Resultados e Discussões, nas quais o recurso aparece em segundo lugar. Já em Literatura os escritores deram preferência aos Reforçadores, não havendo unidade retórica específica em que os Atenuadores se destacassem, ficaram abaixo dos Reforçadores em termos de frequência de uso. Isso nos leva a pensar que os

Linguistas têm mais cautela do que os profissionais de Literatura ao lançar seus argumentos.

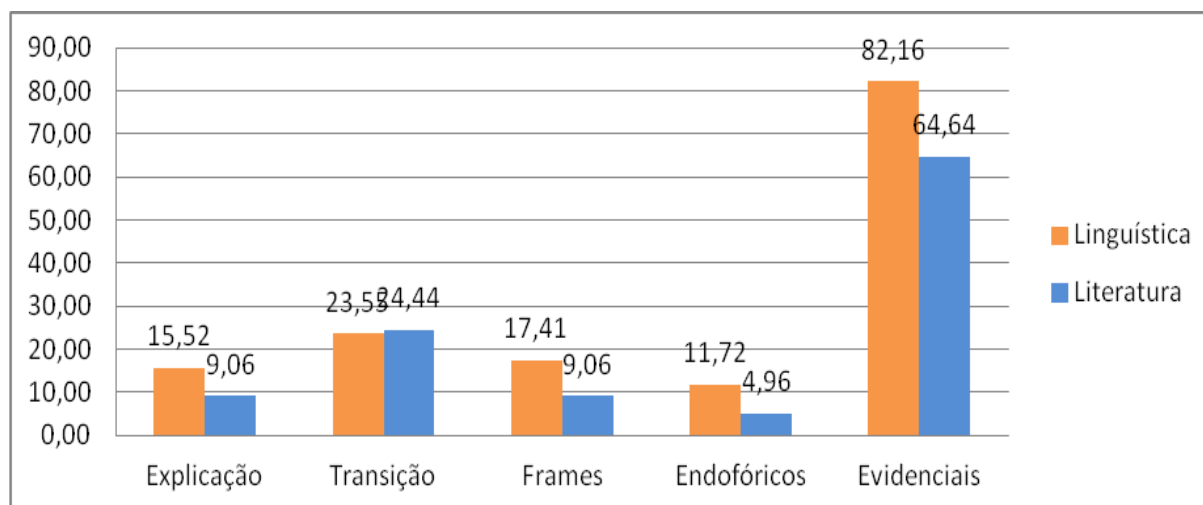
Os Reforçadores: Os Reforçadores são os terceiros mais recorrentes em Literatura e os quartos em Linguística, como nos indica o gráfico. Como vimos ao tratarmos dos Atenuadores, o recurso Reforçador tem maior privilégio de uso na área de Literatura, sendo bastante recorrentes principalmente na seção dedicada aos Resultados e Discussões, nessa seção eles ocupam o segundo lugar em números percentuais (21,98 %). Os linguistas não têm o hábito de reforçar com frequência os argumentos apresentados.

O recurso de Atitude: O recurso de Atitude não costuma aparecer na escrita de nenhum dos grupos de profissionais estudados, tendo uma tendência ainda mais baixa em Literatura do que em Linguística. Foi identificada uma frequência de uso de 1,67 indicadores de Atitude em Linguística e 0,74 em Literatura, observados a cada 10.000 palavras. A presença do recurso de Atitude quando ocorre em Linguística, aparece na maioria das vezes na Revisão teórica, enquanto em Literatura o pouco uso se concentra nas Discussões. Isso nos leva a pensar que as duas áreas, ainda que inconscientemente, apoiam a imagem da objetividade no discurso acadêmico, ou seja, não é o lugar para a expressão de sentimentos explícitos.

6.2.2. Comparação entre cada recurso Interativo em ambas as áreas

Assim como fizemos no tópico anterior com os recursos Interacionais trataremos os Interativos, nesse momento, enfatizando as principais peculiaridades observadas nas duas comunidades disciplinares estudadas em relação à maneira como os profissionais de cada área guiam e situam seus leitores. Vejamos, assim, os resultados apresentados no Gráfico 2:

Gráfico 2 – Recursos Interativos por área por 10.000 palavras



Assim como fizemos ao analisarmos os recursos Interacionais, ao trazer à tona os resultados globais apresentados pelo gráfico também serão lembradas as principais tendências em relação à frequência com que os recursos Interativos aparecem em cada unidade retórica identificada. Começemos pelo recurso mais encontrado nas duas áreas analisadas: o recurso Evidenciais.

Os Evidenciais: Foram os Interativos mais utilizados tanto em Linguística quanto em Literatura, sendo presentes, respectivamente, 82,16 e 64,64 vezes a cada 10.000 palavras observadas. Como sabemos, o recurso Evidencial corresponde às variadas formas de citação realizada no discurso. Os profissionais de Linguística costumam fazer grande uso das citações no trabalho inteiro, já que em todas as seções identificadas foram os recursos Evidenciais que predominaram. O mesmo ocorreu com os de Literatura. Então, esse uso frequente dos Evidencias em todas as unidades retóricas dos artigos enfatiza a importância da prática de citação na escrita acadêmica.

As Transições: As transições consistem no segundo recurso Interativo mais usado pelas duas comunidades de profissionais. Os números quantitativos por 10.000 palavras são bem aproximados (211 em Linguística e 197 em Literatura). Em Linguística esse recurso é o segundo mais frequente nas seções de Revisão teórica e Resultados e Discussões, já em Literatura são os segundos mais utilizados em todas as unidades retóricas que compõem os artigos, isto é, nas Introduções, Discussões e Conclusões. Esses usos nos levam a perceber a importância dada aos *links* que fazem ligação entre as ideias apresentadas tanto pelos profissionais de

uma área como de outra, pois em Literatura são usadas a todo momento e em Linguística nas seções em que o argumento se desenvolve mais intensamente.

Os Frames: Podendo ser chamados também de enquadreadores, esse recurso foi o terceiro mais encontrado, tanto nos artigos de Linguística quanto nos de Literatura (17,41 e 9,06, respectivamente, por 10.000 palavras). É interessante destacar que esse terceiro lugar foi compartilhado, em Literatura, com os recursos de Explicação, aparecendo em quantidades exatamente iguais. Em Linguística os Frames correspondem ao segundo recurso mais usado nas Introduções e Metodologias. Nas Conclusões são os primeiros, juntamente com as Explicações (encontramos números percentuais exatamente iguais de Frames e Explicações nas Conclusões, 34,14%). Quanto ao uso de Frames nas seções que compõem os artigos de Literatura vimos que eles aparecem com mais frequência nas Discussões, ficando como o segundo recurso mais usado, com uma porcentagem de 23,14%. Esse resultado nos faz entender que tanto os linguistas como os profissionais de Literatura têm a preocupação de manter a atenção de seus leitores, situando-os em momentos importantes dos trabalhos. Ainda é importante atentar para o fato de que mesmo que tenhamos encontrado uma quantidade de Frames menor em Literatura é no auge das argumentações que eles se fazem mais presentes, ou seja, nas Discussões. Quanto aos linguistas, eles priorizam o uso de Frames principalmente em suas Conclusões.

As Explicações: Também conhecidas como recurso de Redizer, as Explicações consistem no quarto recurso metadiscursivo mais encontrado em Linguística (15,52) e são os terceiros, junto com os Frames, em Literatura, (9,06). No entanto, percebemos que a quantidade desses recursos é ainda maior em Linguística, mesmo ocupando o quarto lugar em termos de uso. Os dados nos mostram que esse recurso não corresponde a um traço marcante na escrita de nenhuma das comunidades estudadas. Em Linguística, eles são usados mais comumente na Revisão teórica (nessa seção são os terceiros mais usados, mas com grande disparidade em relação aos Evidenciais), nas outras seções eles são pouco notáveis em relação aos outros recursos. Em Literatura, como vimos, são menos utilizados ainda, mas quando são usados é mais comum que seja nas Discussões.

Os Endofóricos: Os Endofóricos são o recurso que menos identificamos em ambas as áreas. Nem em Linguística nem em Literatura os autores têm o hábito de

fazer referência a outras partes do trabalho. Ainda que não apareçam em grande quantidade nas áreas estudadas, eles são mais recorrentes em Linguística. Os profissionais de Linguística fazem mais uso desse recurso em suas Metodologias (média de 12,82%) e na exposição de seus Resultados e Discussões (13,98%). Mais um dado interessante é que nas Conclusões desse grupo de profissionais não encontramos qualquer marcador linguístico indicador de recurso Endofórico. Em Literatura eles são pouco utilizados nas Introduções, Discussões e Conclusões, sendo quase inexistentes na Introdução, com uma média percentual de 1,71%. Entendemos esse baixo índice de uso dos Endofóricos com uma relação direta com o foco de estudo nas áreas estudadas, que pertencem às ciências humanas e tendem a não fazer muito uso de tabelas, gráficos, figuras e quadros em seus trabalhos.

6.2.3. Comparação entre os resultados totais: Interacionais e Interativos

Como vimos, as categorias metadiscursivas Interacional e Interativa revelam o teor interpessoal do metadiscurso nos estudos da linguagem. Vale lembrar que os recursos Interacionais dizem respeito a um diálogo mais direto entre o escritor e sua audiência. Trata-se de um metadiscurso essencialmente avaliativo e envolvente, referindo-se à intervenção explícita do escritor ao comentar e avaliar a proposição. Já os Interativos, vão guiando o leitor ao longo do texto produzido, fazendo referência ao manejo do escritor perante o fluxo de informações que lança no texto. Assim, ainda sabendo que o caráter interpessoal está relacionado ao metadiscurso de uma maneira geral, envolvendo suas duas grandes categorias, entendemos que, num sentido estrito, as duas desempenham funções específicas e diferentes. Assim, vejamos no Gráfico 3 o total de ocorrência dos recursos de cada categoria em cada área, comparado ao total encontrado em Linguística e em Literatura separadamente.

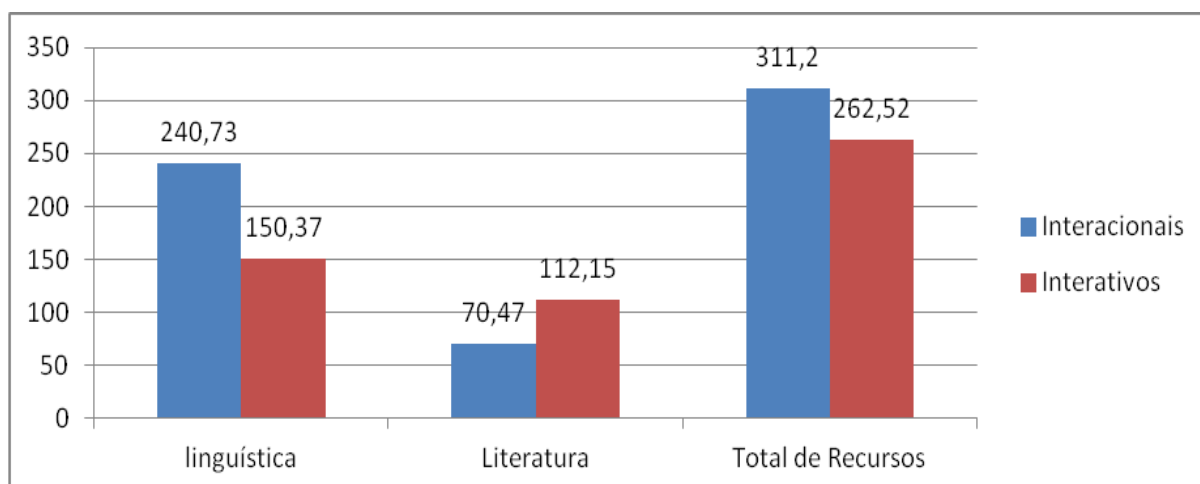


Gráfico 3: Totais de recursos por área (por 10.000 palavras)

Pelo gráfico acima percebemos que, em termos gerais, os recursos Interacionais foram mais usados nos trabalhos analisados. Em outras palavras, ao somarmos os valores totais de recursos Interacionais em Linguística e em Literatura temos um total de ocorrências correspondente a 311,2, enquanto os a totalização dos Interativos foi de 262,52, em uma análise realizada a cada 10.000 palavras. Esse fator nos leva a pensar que ambas as comunidades acadêmicas privilegiam em seus artigos estratégias linguísticas responsáveis por interagir, promovendo “diálogos” com os leitores ao longo do texto.

Por fim, em termos mais específicos, podemos comparar a frequência de uso dos recursos Interativos e Interacionais entre as duas áreas estudadas. O campo da Linguística supera o da Literatura quanto à recorrência de uso dos diferentes recursos Interativos e também dos Interacionais. Em relação aos Interativos, que se focam mais em concentrar o leitor no texto, guiando-o, encontramos uma totalização de ocorrência de 150,37 e 112,15, respectivamente. Quanto aos Interacionais, cujo foco maior é no diálogo escritor-leitor, o total de ocorrências identificadas foi de 240,73 em Linguística e 70,47 em Literatura, revelando valores mais distanciados. Esses dados nos mostram uma importante característica da escrita de cada comunidade acadêmica: enquanto os profissionais de Linguística têm uma preocupação maior em interagir do que em guiar sua audiência, os de Literatura fazem o inverso, preocupando-se primeiramente em guiar do que em envolver seu leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, que tratou da presença do Metadiscurso em artigos científicos de Linguística e Literatura, representou um modo de estudo da escrita acadêmica. Nesse sentido elegemos um gênero específico, o artigo científico, e o tomamos como parâmetro da escrita profissional acadêmica das duas comunidades disciplinares que foram o foco da nossa investigação, já que o artigo é um gênero de grande circulação e prestígio no ambiente acadêmico. Selecionamos três periódicos de cada área, atestados com *Qualis* A1 e A2, e de cada periódico extraímos cinco artigos, publicados de 2008 a 2012. Assim formamos o *corpus* necessário para atender ao objetivo global deste estudo que foi o de investigar o papel desempenhado pelo Metadiscurso no processo de construção e troca de conhecimentos entre os profissionais de Linguística e de Literatura.

Como arcabouço teórico, partimos de estudos desenvolvidos na linha da Análise de gêneros. Vimos três linhas teóricas principais, apontadas por Hyland (2009), inseridas nos estudos da Análise de gêneros que são a Nova Retórica, a Linguística Sistêmico-Funcional e o Inglês para fins específicos (ESP). Encontramos em cada uma delas pontos convergentes e divergentes com o nosso estudo, e assim não nos comprometemos a relacioná-lo a nenhuma delas para que não chegássemos a uma exclusividade desnecessária e que fugiria ao escopo desta investigação.

A base teórica que deu suporte às análises realizadas, organizadas sob três eixos principais: 1. O Discurso e os gêneros textuais no meio acadêmico, destacando a Análise de gêneros como a mais específica forma de estudá-lo e o conceito de Comunidade Discursiva (também pode ser chamada de disciplinar ou acadêmica), ressaltando sua relação com Metadiscurso; 2. A escrita acadêmica, com ênfase para uma concepção que a toma como prática mediadora de interação, o que indica a necessidade de se discutir sobre a noção de agência na escrita acadêmica e sobre o “ambiente” em que esse estudo ocorreu, o artigo científico; 3. O estudo da escrita através do Metadiscurso, onde discutimos as variadas nuances que envolvem os estudos metadiscursivos, como definições, funções e categorizações propostas por diferentes autores, o papel do Metadiscurso na

interação escritor-leitor e os diferentes tipos de recursos metadiscursivos. Esses últimos corresponderam ao modelo de Metadiscurso, proposto por Hyland & Tse (2004) e Hyland (2005), que serviu de instrumento para as nossas análises.

As análises realizadas foram discutidas separadamente, de acordo com cada área e depois realizamos uma conjunta, fazendo um estudo comparativo das principais tendências em cada campo de estudo. Em outras palavras, analisamos primeiro a escrita dos linguistas e em seguida a dos profissionais de Literatura para posteriormente unir as principais características encontradas nas duas áreas.

Através de uma macroanálise apresentamos as principais tendências de cada comunidade vimos que os linguistas costumam ser metódicos quanto à organização das unidades retóricas, isto é, comparado com o que propõem o modelo IMRD e ao que diz Xavier (2010) sobre a ABNT em relação à organização estrutural do artigo científico, eles organizaram seus trabalhos, demarcando tópicos explícitos, embora com diferentes nomenclaturas em relação aos modelos que tomamos como base. Os artigos de Linguística divergiram do IMRD, por acrescentar tópicos específicos como Revisão teórica e muitas vezes, Metodologia e revelaram uma aproximação maior às regras da ABNT (utilizando-se de nomenclaturas diferentes das que são propostas). Os padrões observados foram os seguintes: 'Introdução – Revisão teórica – Metodologia – Resultados e discussão – Conclusão' e 'Introdução – Revisão teórica – Resultados e discussão – Conclusão'.

Quanto aos profissionais de Literatura, eles não costumam topicalizar seções em seus artigos. A predominância na área foram artigos escritos em textos corridos, sendo possível, na maioria das vezes, identificar apenas intuitivamente seções de Introdução, Discussão (não apresentam resultados e a Revisão teórica é feita nesse momento junto com as interpretações lançadas) e Conclusão. Dessa maneira, vimos que eles se distanciam tanto das propostas do IMRD quanto da ABNT, já que ambas propõem seções explicitamente demarcadas. Observamos também que a ausência de tópicos não fez que os escritores perdessem a lógica em suas exposições, apenas representou uma adequação ao objeto de estudo da área, que tem um caráter mais subjetivo, mais “artístico” em relação à Linguística.

Em uma microanálise percebemos que cada comunidade de profissionais usou recursos metadiscursivos de maneira específica. Foi possível notar que os linguistas fizeram maior uso de Automenção ao buscarem interagir diretamente com os leitores e dos Evidenciais, no processo de guiar o leitor. Podemos perceber

também que os profissionais de Literatura utilizaram-se mais frequentemente do recurso de Engajamento quando a intenção era estabelecer a interação com o leitor e dos Evidenciais ao manejarem as informações lançadas para não deixar que o leitor se “perca”. Quanto à preferência por cada categoria metadiscursiva, em Linguística os escritores fazem mais uso de recursos Interacionais, já em Literatura, os autores optaram pela maior utilização dos Interativos.

Os resultados nos fazem inferir que a comunidade de Linguística tende a se mostrar explicitamente enquanto pessoa do discurso; provavelmente a maneira que os escritores encontram para se mostrarem semelhantes e mais íntimos de seus leitores. Esses profissionais tendem ainda a fazer grande uso de citações em seus trabalhos; entendemos que assim veem uma maneira de ganhar maior credibilidade. Os resultados encontrados em Literatura nos levam à compreensão de que os escritores da área dão preferência ao diálogo direto com leitor, estabelecendo muitas vezes um “chamamento” para que a audiência participe das discussões apresentadas. Esses escritores, assim, como os linguistas, também recorrem a citações como um meio de ganhar credibilidade diante dos seus leitores, o que nos faz entender a importância da prática de citação na escrita acadêmica. É possível afirmar ainda que os linguistas têm o costume mais notório de interagir e os profissionais de Literatura de guiar seus leitores à medida que lançam seus argumentos.

Então, ao fim deste estudo podemos perceber que através da organização retórica e da recorrência de uso dos diferentes recursos metadiscursivos foi possível compreender como cada comunidade discursiva utilizou-se do discurso acadêmico, especificamente em sua modalidade escrita, para atuar como agentes dentro de suas áreas, estabelecendo diferentes estratégias persuasivas, que por sua vez revelaram específicos modos de comunicar seus conhecimentos.

Finalmente vale destacar que essa investigação também pode interessar aos estudiosos de Letramento, pois trata a linguagem inserida no meio social e cultural que a faz circular. Para entender que estudar Metadiscurso na escrita acadêmica não é sinônimo de estudar itens léxico-gramaticais lançados por quem o escreve é necessário que se conceba os textos num perspectiva sócio-cultural, entendendo que a escolha por diferentes itens lexicais corresponde a opção por diferentes estratégias de persuasão.

BIBLIOGRAFIA

ASKEHAVE, I. & SWALES, J. 2009. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. *In*: Benedito Bezerra; Bernardete Biasi-Rodrigues; Mônica Cavalcante, (Orgs.). *Gêneros e sequenciais textuais*. Recife: Edupe, pp. 159-195.

BAWARSHI, A. & REIFF, M. 2013 [2010]. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. São Paulo: Parábola.

BAWARSHI, A. & REIFF, M. 2010. *Genre: an introduction to history, theory, research, and pedagogy*. West Lafayette, Indiana: Parlor Press / The WAC Clearinghouse.

BAZERMAN, C. 2009. *Academic writing genre, and indexicality: evidence, intertext, and theory*. *International Presentation: Chile II Congreso Nacional Cátedra - UNESCO para la Lectura y Escritura: At La Universidad de Los Lagos, Osorno, Chile. October 5th – 7th*.

BAZERMAN, C. 2007. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez.

BAZERMAN, C. 2006. *Gênero, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez.

BAZERMAN, C. 2005. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. São Paulo: Cortez.

BEKE, Rebeca. 2005. *El metadiscurso interpersonal en artículos de investigación*. *Revista Signos*. 38(57): 7-18.

BHATIA, V. [1997] 2009. A análise de gêneros hoje. *In*: Benedito Bezerra; Bernardete Biasi-Rodrigues; Mônica Cavalcante, (Orgs.). *Gêneros e sequenciais textuais*. Recife: Edupe, pp. 159-195.

BHATIA, V. 2004. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London: Continuum.

BHATIA, V. 1993. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman.

CAVALCANTE, M. M. 2009. *Metadiscursividade, argumentação e referenciação*. *Estudos Linguísticos*. 38(3): 345-354.

CORTES, G. R. O. 2009. *Práticas Socio-retóricas no Gênero Artigo Científico de História e Sociologia: Variação, Identidade e Ethos Disciplinar*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

DURANTI, A. 2004. Agency in Language. In *A Companion to Linguistic Anthropology*. Ed. by A. Duranti. Malden, Mass.: Blackwell, pp. 451-73.

HYLAND, K. 2014. Written academic English. In *The Cambridge Handbook of English Corpus Linguistics*, In D. Biber & R. Reppen. Cambridge University Press.

HYLAND, K. 2013. Writing in the university: education, knowledge and reputation. *Language Teaching*. 46 (1) 53-70.

HYLAND, K. 2013. Genre and Discourse Analysis in Language for Specific Purposes. In C. Chappelle (ed.) *The Encyclopedia of Applied Linguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell.

HYLAND, K. 2011. Academic Discourse. In: Ken Hyland; Brian Paltridge (eds.). *Continuum Companion to Discourse Analysis*. London: Continuum.

HYLAND, K. 2010. Metadiscourse: mapping interactions in academic writing. *Nordic journal of English Studies*. Special Issue on Metadiscourse. 9 (2): 125-143.

Hyland, K. 2009. Genre analysis. In Malmkjær, K. (ed) *Routledge Encyclopedia of Linguistics 3rd edition*. London: Routledge. pp 210-213.

HYLAND, K. 2007. Applying a gloss: exemplifying and reformulating in academic discourse. *Applied Linguistics*. 28: 266-285.

HYLAND, K. 2005. *Metadiscourse*. London: Continuum.

HYLAND, K. 2004. Disciplinary interactions: metadiscourse in L2 postgraduate writing. *Journal of Second Language Writing*. 13 (2): 133-151.

HYLAND, K. 2002. Directives: arguments and engagement in academic writing. *Applied Linguistics*. 23 (2): 215-239.

HYLAND, K. 2000. *Disciplinary Discourses: Social Interactions in Academic Writing*. University of Michigan Press.

HYLAND, K. 1998. Persuasion and Context: The Pragmatics of Academic Metadiscourse. *Journal of Pragmatics*. 30: 437-455.

HYLAND, K. 1992. Genre Analysis: Just another fad? *English Teaching Forum*. 30 (2): 14-18.

HOFFNAGEL, J. C. 2010. *Temas em Antropologia e Linguística*. Recife: Bagaço.

KOCH, I. V. 2009. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

MARCUSCHI, L. A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

MARCUSCHI, L. A. 2002. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO et al. (Orgs.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 19-36.

MACDONALD, S. P. 1994. *Professional academic writing in the humanities and social sciences*. Southern Illinois University.

MILLER, C. 2009. *Estudos sobre: Gênero Textual, Agência e Tecnologia*.
HOFFNAGEL, Judith; DIONÍSIO, Ângela (Org.). Recife: Ed.Universitária da UFPE.

MILLER, C. 1984. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*. 70:151-167.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. 2005. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

REINALDO, M. A.; MASCUSCHI, B.; DIONÍSIO, A, (Orgs.). (2012). *Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino*. Recife: Editora Unuversitária da UFPE.

SAMPAIO, M. O. O metadiscorso na escrita escolar. *Cadernos do CNLF*. XIV (2): 1335-1346.

SOUZA, Maria Fernanda Sarmiento et all. 2004. Critérios de qualidade em artigos e periódicos científicos: da mídia impressa à eletrônica. *Transinformação*, Campinas, v.16, n.1, p. 71-89.

SILVA, L. C. 2010. *O papel dos marcadores discursivos na escrita e na fala: uma taxonomia textual e interpessoal sob o enfoque da linguística sistêmico-funcional*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SWALES, J. [1992] 2009. Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. *In*: Benedito Bezerra; Bernardete Biasi-Rodrigues; Mônica Cavalcante, (Orgs.). *Gêneros e sequenciais textuais*. Recife: Edupe, pp. 197-220.

SWALES, J. 2004. *Research genres: explorations and applications*. New York: Cambridge University Press.

SWALES, John. 1990. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.

XAVIER, A. C. 2010. *Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos*. Recife: Editora Rêspel.